REVISTA
DO
BRASIL

SUMMARIO

Dr. Olympio Portugal . . .	**Campos de Jordão** . . . 295
Samuel de Oliveira	**Sylvio Roméro e a alma brasileira** 322
Monteiro Lobato	**Boccatorta** (novella) . . . 335
Octavio Mendes	**Teixeira de Freitas** . . . 349
Antonio Salles.	**Poesia** 365
Alberto Seabra	**Os versos aureos de Pythagoras** (II) 370
Collaboradores	**Resenha do mez** 385

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 8 - ANNO I — VOL. II — AGOSTO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - Brasil

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorik* — As armas de S. Paulo, *J.* — William Ramsay, *L.* — Metchnikoff — Theatros — Bellas Artes — Movimento literario — Faculdades de Letras e Philosophia — A instrucção militar obrigatoria — O gado vaccum no Brasil — A riqueza dos norte-americanos — A agricultura mechanica — O problema zootechnico — O ensino technico — «Revista do Brasil» — **As caricaturas do mez** (cinco caricaturas reproduzidas).

Com o numero de abril a **"Revista do Brasil"** completou o seu primeiro volume, de 464 paginas, com indice alphabetico e analytico que já foi remettido a todos os assignantes. Ás pessôas que desejarem adquirir esse volume, a Revista pode fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9$000; em fasciculos, 6$000. Pelo correio, mais 500 réis.

O segundo volume completa-se com este fasciculo, devendo o indice ser distribuido com o numero de setembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

DIRECTORES: L. P. BARRETTO, JULIO MESQUITA, ALFREDO PUJOL
REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12$000
SEIS MEZES	7$000
ESTRANGEIRO	20$000
NUMERO AVULSO	1$500
NUMERO ATRAZADO	2$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO
CAIXA POSTAL, 1373 – TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS
TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES
BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES
LAMPADAS
1/2 WATT
CHAVES A OLEO
VENTILADORES
PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR
ISOLADORES
TELEPHONES
LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . . £ 2.000.000	Succursaes em: BAHIA,
„ realisado. . . . £ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . . £ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros como segue:

Conta corrente. . . . . 2 % ao anno	Prazo Fixo, Tres mezes 3 % ao anno
Aviso previo de 30 dias . 3 % „ „	Seis mezes 4 1/2 % „ „
„ „ „ 60 „ . 4 % „ „	Doze mezes 5 % „ „

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de **Rs. 50$000,** e com as entradas subsequentes nunca inferiores a **Rs. 20$000,** até o limite de **Rs. 10:000$000** abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabbados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Auto-Geral

CASSIO PRADO

TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284 **TELEPHONE N. 3706**

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO

Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

Brasileira,

Ypiranga,

Paulista,

Colombo,

Bicho, Pequenas

e demais productos da

"Companhia Luz Stearica"

DO RIO DE JANEIRO

R. Libero Badaró

N. 52

(1.o Andar)

TELEPHONE

N. 3558

São Paulo

Companhia Mechanica e Importadora

de São Paulo

IMPORTADORES de

Materiaes para toda a classe de construcções e para estradas de ferro, Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos, Asphalto, Tubos para abastecimento d'agua, Material electrico, Navios de guerra, Rebocadores, Lanchas e automoveis FIAT, etc.

FABRICANTES DE MACHINAS de

Café e para lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, Parafusos e Rebites. Fundição de ferro e bronze, etc.

Grande Serraria a Vapor :: Constructores e Empreiteiros

AGENTES de:

Robey & Co., - Automoveis "Fiat" - Fabrica de Ferro Esmaltado "Silex" - Comp. Paulista de Louça Esmaltada - Società Italiana Transaerea "SIT" (Aeroplanos e hydroplanos Bleriotist) etc., etc.

Deposito, Fabricas e Garage:

Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense (Braz)

ESTABELECIMENTO CERAMICO:
AGUA BRANCA — TELEPHONE, 1015

CODIGOS EM USO:
A. B. C., 5.a edição :-: A.. I., A. Z., WESTERN UNION :-: LIEBER'S e RIBEIRO

RIO DE JANEIRO
Avenida Rio Branco N. 25
CAIXA 1534

SANTOS
Rua Santo Antonio, 108, 110
CAIXA, 129

LONDRES
Broad Street House-New Broad street
LONDON E. C.

S. PAULO
Rna 15 de Novembro, 36
End. Telegraphico: MECHANICA
CAIXA DO CORREIO. 51 - TELEPHONE 244

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes extrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: **Anno, 40$000** **Semestre, 20$000**

Para os juizes, promotores e delegados de policia, 25$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520 S. PAULO

Joaillerie ◆◆ Horlogerie ◆◆ Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfévrerie — Argent Bronzes et Marbres d'Art — Sérvices en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS — 30, RUE DROUOT, 30

Grande Atelier Photographico

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão 1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908

G. SARRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - **Teleph., 625**

CASA LEBRE

:: Perfumarias finas, Brinquedos, Artigos domesticos e objectos para presentes ::

Porcelanas e Crystaes
Batêrias para cosinha. de nikel puro, alluminium e ferro esmaltado

ARTIGOS PARA SPORT

MELLO, FILHO & SOBRINHO

Rua 15 de Novembro, 1
Rua Direita, 2

Teleph. 395
Caixa 343

SÃO PAULO

Vicente Lattuchella

Alfaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a lavoura.**

Fabricamos: Machina **"AMARAL"**, a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho **"IDEAL"** para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corrêas. oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:	Endereço Telegraphico:	Escriptorio:
Rua Lopes de Oliveira, 2	"PROGREDIOR"	Rua da Boa Vista, 46
CAIXA N. 6	SÃO PAULO	TELEPHONE N. 1180

"REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA"

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA — A MAIS UTIL — A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10$000

PUBLICA ARTIGOS sobre Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripturação, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS sobre Legislação Commercial, Jurisprudencia Commercial, Alfandega, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario. Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.

Verdadeira e completa Encyclopedia Commercial — Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: **Livrarias ALVES e GARRAUX**

Editores: **OLEGARIO RIBEIRO & Co.**

REDACÇÃO: RUA DIREITA, 27 (1º ANDAR) CAIXA, 1172

S. PAULO

OFFICINAS: RUA DR. ABRANCHES, 43 TELEPHONE, 1908

Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Telegr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 ——— SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

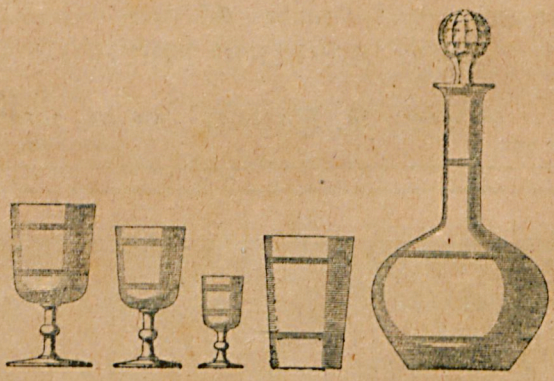
Installações Electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones. Fios e Cabos, Isoladores, e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

CASA FRANCEZA

DE

L. Grumbach & Comp.

△△ Entrada Franca ▽▽



△△ Visitem os nossos Armazens ▽▽

SERVICE BACCARAT

GRANDE SORTIMENTO DE CRYSTAES

Rua São Bento, 89 e 91

Casa Paulista de

Moyses Gandelhman

Vendem-se moveis, camas de ferro esmaltado, colchões, tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações

Rua Barão de Itapetininga, 14-A *Telephone, 3046 (Central)*

CAMPOS DO JORDÃO

I

Este sitio encerra tanto de maravilhoso em seu clima, na prosperidade da saúde ou mesmo no revés dos que o têm procurado, que é difficil, na escassa informação escripta, devassar-lhe com segurança a verdade.

Para muitos é o eden de prodigios, onde os dons da natureza se derramam a tanto, que avultam sobre as leis naturaes; para alguns foi o cimo agreste, cujo aspero calvario subiram, ponteando de sangue, até ao desengano da terra, que só lhes deu o pouso derradeiro; para outros é a fonte inesgotavel de Juventa, eterna e sempre moça, tocando com sua graça e reflorindo a saúde aos desenganados da medicina, a pique do naufragio extremo.

E, nas dobras de taes incognitas, entre o tanto bem e pequeno mal retratados, que fórma terá a realidade fabulosa, que lá de cima attrai, fascina e refoge?

Será realmente um pouco de tudo isso ou apenas um mytho, que a imaginação desatada pela altura pinta á feição de cada um, com as tintas da propria phantasia? Vale a pena tentar o enigma.

Experimentemol-o.

E tal foi o esforço da curiosidade immanente, que, enleada na promessa do clima, para lá nos alçou, por uma propicia e appetecida estação de repouso.

São estas as impressões que colhemos. — Fruto de um mez de férias, umas desabrocharam ao irresistivel pantheismo ambiente, outras nasceram da reflexão, fieis aquellas e estas

ao mesmo pensamento, por ventura tocadas, quem sabe? da eiva congenita dos demais forasteiros.

O descanso, em si, a amenidade da estação, os ares, os lugares absolvem o devaneio da escripta, senão por elle ao menos para o perdão de o haver tentado...

* * *

Manhã brumosa de Maio. A viagem propriamente começa, no que tem de peculiar, a partir de Pindamonhangaba.

Primeiro é a planicie que se estende sem ruga até á raiz da Serra, cortada a meio pelo Parahyba. Campos aridos ou extensos arrozaes recentemente ceifados, e a perder de vista. Aqui e alli, cicatrizes de antigas e opulentas moradas — a Mombaça e outras incognitas, em melancolica mortalha de ruinas, guardadas por humildes choças, raras e tristes. Por muito que estejam de feição perspectivas felizes, no sorriso da manhã que se espreguiça friorenta, em seu manto de nevoa, opprime a lembrança da vida opulenta que por aqui tumultuou e aqui definhou e morreu. A aristocracia territorial de outras éras teve nestas paragens uma estancia de brilho: grandes senhores, soberbos dominios, legiões de escravos, requintes de riqueza, força de poderio, — que tudo ruiu com o tempo e o esgotamento do solo. Eram o braço e o suor do captiveiro, que tentavam em vão a opulencia da terra, mas o rio tradicional, em suas curvas graciosas pelas campinas opimas, não ouviu somente os hymnos da riqueza, no estrépito das cavalgadas senhoriaes; escutou tambem o lamento dos captivos, cujas lagrimas amargas esterelisaram o chão, por ventura fadado agora a novas energias.

Transposto o Parahyba, em uma ponte que o Dr. Assis Brazil considera obra de arte sem igual no Continente, capaz de fazer figura no Senna, no Tamisa ou no Sprée, e, mais um tracto de planicie, é a raiz da serra, cerca de 16 k. da cidade.

A Mantiqueira apenas ondêa alli os primeiros contrafortes, occulta na bruma, que se vai adelgaçando, a cumiada mysteriosa. E' o valle do Piracuama, cujo curso mais de uma vez se nos ennovela ao caminho, atraz mais denso e pouco a

pouco minguando de corpo, ora recurvo e remansado, ora em cachões, raivando sobre as pedras em escamas prateadas.

Começa a ascenção, entre os primeiros cerros, manchados de raros cafezaes, nos pendores de pastagens, com pouco esmalte de gado, aliás prospero e luzido. Alarga-se o panorama e, livre agora das brumas, a serra alteia imponente, azulada, ao longe, grande e dominadora, emquanto aspera ou carinhosa se entremostra e já fica a paisagem visinha, com espertos regatos, tufos de verdura, alcantis em riste, grotões em que estrepitam cascatas. E' pelas copadas que correm e passam as arvores gigantes, sobrepujadas pela força da engenharia, que vai vingando dez por cento de rampa. A estrada enrosca-se, constringindo a serra corpo a corpo, ora de manso, abraçando com meiguice as encostas, ora á bruta, arremettendo com furia, cortando a fundo nos obices que encontra, mordendo rochas, grimpando escarpas, saltantando gargantas, subindo, subindo sempre. No verde sobranceiro da montanha avistam-se cortes de caminho e a terra vermelha derramada como sangue pelas feridas da linha ferrea.

Para baixo, espraia-se o valle do Parahyba, ou se occulta nas curvas do caminho; aqui, uma cidade se offerece ao olhar, além, outra e, em certo ponto, são tres cidades a um tempo.

Cerca de dez kilometros a mais, a 1.100 metros de altura, em meio da ascenção, é o *Alto da Serra,* onde se bifurca a estrada de rodagem para Santo Antonio do Pinhal, caminho de Minas. Não está vencida a Mantiqueira, mas é o *divortium aquarum* entre o valle do Piracuama, vertente do Parahyba e o do Sapucahy-Mirim, tributario do Rio Grande.

Experimenta-se a impressão de outros destinos, mais largos e turbidos: desatadas torrentes estiram-se pelo immenso planalto brasileiro até ao Rio da Prata, carregando comsigo, na trama de tumida rêde arterial, o humus que vai fertilizar os Pampas longinquos. E é fertil que se nos mostra o valle do Sapucahy-Mirim, — largo, extenso, a perder de vista e coberto de culturas cerealiferas, em mil e mil retalhos, povoado de modestos casáes, nas planicies, nas encostas, afastados, visinhos e ás vezes tão proximos e multiplicados como aldeias.

A' esquerda de quem sobe, para além, a E. e N. E. acastellam-se serranias, esbatidas e vagas ao nosso saber, umas de Minas e outras de S. Paulo.

E' a parte mais bella da viagem, nos longes do horizonte, azul e vasto como o mar, ou na polychromia do verde que avisinha e se entorna no caminho, — emquanto erecta, a cumiada da Mantiqueira avulta adiante seu dorso phantastico, balisada nos visos por um collar de pinheiros, — altos, a prumo, e sós, como atalaias das alturas.

Na vegetação opulenta e variada da serra falta de todo aquella araucaria gigante, que lá está de guarda e em linha, acenando para outra flora e outro clima.

Mais um esforço e o Lageado, atravez de suas vertebras de rocha viva, deixa flanquear o monstro. A minuscula estrada galga 1.220 metros, alcançando em cota maxima 1.773 metros de altitude — e doma e transpõe a montanha.

Rompe-se o extase, de subito: — eis ahi o premio de tamanho esforço. Tudo serena em torno, ameiga-se o ambiente e, na doçura da paragem nova e imprevista, o mysterio irrompe e se impõe — os Campos do Jordão.

* * *

Após curto rumo norte, em pleno campo, a estrada de ferro inflecte logo para leste e, margeando o incipiente e minusculo Capivary, corta breve para Villa Jaguaribe, seu termino actual, com 45 kilometros de percurso.

Campos e bosques em que dominam pinheiros; e, a caminho pelo fundo do valle, o horizonte é estreito e manso, quasi triste. A terra, atufada pelo humus escorrido dos pendores, é escura, inculta e, a principio, virgem de obra humana.

E' difficil uma impressão segura, no aturdimento do primeiro instante, captiva a emoção principalmente pelas suggestões subjectivas. O primeiro pensamento é um daquelles, que seduziram nossos passos — é para a estancia sanitaria.

Por mais que a obsessão do planalto nos envolva e convide, o pensamento é irresistivelmente votado aos dramas da saúde que por aqui palpitaram.

Por este mesmo chão, quanta miragem não floreou a olhos murchos de outras esperanças, alçados depois de haverem batido em vão a outras portas impenetraveis á saúde?

Quanta vida em ruinas não respirou este mesmo hausto, trepando cambaleante pelo caminho então rispido e crú, en-

xergando na parca assistencia em perspectiva o unico e sonhado fanal?

E assim mesmo, por inhospitas veredas, o amor da vida deu azas a hombros acurvados e fracos — aqui os trouxe ao peso de densos sacrificios, que mal se pódem comparar com os recursos da viagem de hoje. Era a liteira, era o troly, quando raro possiveis; a regra, porém, era a montaria, a passo, por dias compridos, pedra a pedra pelo invio e aspero caminho. Depois, que recurso de agasalho e conforto poderia ter a estancia de outróra? Mas a natureza, munificente e dadivosa, suppria a obra humana — e o sangue reaquecia nas veias, as côres voltavam, as tibias forças multiplicavam-se e, na saúde reflorida e satisfeita, gorgeava em todos os tons a alegria.

Se estes campos ouviram muitos desenganos e guardam no silencio de sua terra-ossadas frias, não tem conto os que ganharam por elles a vida que já não era quasi sua...

E, ao correr destes pensamentos, a locomotiva caminha; passa a primeira casa simples e pobre, passa outra e mais outras com o mesmo aspecto, quasi todas, senão todas de madeira. Está proximo o povoado e outras casas melhores, á direita e á esquerda da linha, vão surgindo e passando, entre pomares, ou nuas, no campo. Alli estão — a do Dr. Magalhães, palco de amarga tragedia e, segundo nos adverte o mappa da Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo, o Sanatorio Velho; não tarda a Villa Jaguaribe.

Alarga-se o valle e, sobre suave eminencia, descansa o povoado, antiga Capella de S. Matheus do Imbiry, crescida em desordem, complicada e confusa em seus lineamentos. O nucleo central é escasso e consta de casas agglomeradas ou num só e grande corpo, quasi todas em fórma de chalet, muitas providas de varanda, — os hoteis, os sanatorios.

Moradas particulares, umas estão na trama do povoado, outras se alongam, visinhas. A do Dr. Jaguaribe domina, com suas varandas envidraçadas, entre outras que se vão distanciando, a escapar da povoação. A villa Bazin, á ilharga de um bosque natural, cerca-se de bosques artificiaes que a enfeitam e distinguem e, para além, caminho percorrido, uma casa nova e confortavel, residencia particular, e a Villa Abernessia, ladeada de vergeis.

Pelas janellas e portas, á chegada, assoma gente curiosa e benigna, que olha com sympathia, como a dar boa-vinda. Na provisoria estação em campo raso, ao pé do povoado, com o Capivary de permeio, agglomeram-se os habitantes do lugar, trazidos a qualquer interesse ou meramente a ver os que chegam. Quasi todos fortes, corados e, segundo nos informam, quasi todos aqui vieram por doentes. No tumulto dos encontros ha expansões felizes: uma senhora robusta e moça, corada de côres naturaes, para que não ha disfarce, — relembrava-se radiante a outrem que a havia recebido e transportado de cama, á chegada.

Certo lá pelas casas o pudor da desgraça retém os doentes graves, mas aqui na estação, entre os que se acotovelam com pressa, o que respira é a volupia da vida e da saúde, nos ares macios que estillam caricias e sussurram promessas.

Ao desfazer do ajuntamento, cada qual a seu rumo, o nosso é para o sul, á direita, meia hora de marcha a cavallo, em demanda das margens do ribeirão das Perdizes, onde descansa a Pensão, qual nos adverte o mappa. Subida a primeira encosta, desdobra-se um painel grato e sorridente, emquanto outros cerros e outras vistas vão surgindo, lado a lado do vinco do caminho. Algumas curvas a mais — e lombas, e grotas, e penhas, e aguas vivas, — surge a casa almejada, quieta entre os cerros verdes, ao fundo, plantada entre arvores, no socalco de um morro. Foi edificada pelo Conde Moreira Lima, que, dizem, não chegou a habital-a. Após varios destinos e adaptações, é hoje a Pensão Baker, ao resguardo de convivio bacillar, mera estação de clima e de repouso.

Livres agora dos transes da viagem, no cabo de tanto esperar e vencer, installados com sympathia e conforto, o primeiro movimento interior, no entanto, não é de aprazimento. Os olhos pascem sem fel nos contornos da paisagem, entardece meigamente, mas, livres de aresta que punja, inexplicavelmente, opprime-nos alguma cousa de agreste, surdo e profundo, hostil e vago, no physico e no sentir. O tempo é firme, o thermometro marca apenas 14 graus — e sente-se frio, no entanto, desagradavel, que demanda agasalhos. Das duas vezes que aqui chegámos vibrou o mesmo contraste entre o aprazivel dos factores e o acerbo do producto. Será, certo, o espinho da adap-

tação, pela brusca differença de altitude entre os 552 metros da partida matinal e os 1.675 daqui.

Cai a noite. Veremos o que dirá o dia de amanhã.

II

Afeitos a poucas viagens, andorinhas de um mesmo beiral, é escasso o campo de comparação nas perspectivas de nossa memoria. A paisagem deste planalto se nos afigura, pois, inconfundivel.

Tanto quanto aqui vimos, versando rumos variados, acima, abaixo, nas longas e apraziveis excursões a pé e a cavallo, pelos campos, pelos bosques, pelas margens dos ribeirões, ao manso fluir dos regatos, na macia alfombra da relva, — a objectiva da lembrança guarda fiel, com a mais grata emoção.

Lombas e lombas sem fim, entre grotas; campos e campos a perder de vista, entremeados de bosques — tudo, porém, a seu posto, bem nitido, sem conflictos entre lambas e grotas, bosques e campos.

E' simplicissimo o relevo geologico. Ou o terreno alteia com maior ou menor pendor e estira-se em dorso pelas lombadas longas e suaves ou cai abrupto, não raro quasi a prumo nos sulcos de permeio.

Não ha propriamente o meio termo da planicie. Quando muito curtas chapadas, socalcos naturaes na base dos morros, pendores mais lentos, ou reductos de valles terraplenados pelas correntes.

Valles largos, como o do Capivary, que o não é muito, só elle vimos, por toda a parte onde andámos.

Os contornos geologicos prefiguram a flora que os veste. Ou campo liso de rasa macéga, com a só vegetação rasteira, sem uma sombra de arvore e accidente de arbusto que lhe macule as nuanças, ou bosque e bosque cerrado, de limites bem definidos.

Tal é, em suas linhas mais simples, quanto a vista abrange, — com taes tintas, porém, tanta arte e tão doces proporções, que não se pinta.

Campos naturaes, onde não irrompe a mais leve aresta de tronco decepado, ondeam de longe, tão macios e unidos que

convidam á visita, enrugados apenas nos declives mais vivos pelo piso secular do gado, em suas veredas superpostas, como curvas de nivel. Dá vontade de visital-os — e a gente é irresistivelmente arrastada a excursões que não fatigam, tão doce, tão sêco é o ar.

Vistos de perto, os campos não desmentem, para dar mais realce á belleza antevista. E' tudo um gracioso e inesperado jardim.

Entre a macega vária e pobre, touças minusculas de urze, "ericacea brevifolia", ostentam suas florinhas sulferinas de seis e cinco petalas, multiplicadas sem fim, no entremeio de outra flora phantastica, rasteira, minuscula tambem, toda em flôr. Niveas, em suas hastes recurvas, solitarias margaridinhas polypetalas balouçam com donaire, entre corollas roxas e vermelhas, e amarellas, e azues, e roseas, de todos os tons e toda a casta, no esmalte da campina. Aqui mais fôfo, domina macia graminea, talvez o carahá, além mais arido é a "aristida flacida" e "pallens", agora é uma bromelia alteando as flores em espádice, lá um cardo, que, em thyrso, espouca de um jacto suas flechas de alvas pontas, — tudo de exiguo porte. A quando e quando, no chão duro, lichens tenros, grudados na terra, espalmam suas pequenas rosaceas, rubras como sangue, ou resequidas, em discos prateados.

Quem poderia prever tamanho enlevo? — E' por toda a parte assim, campos em fóra. Por mais que se ande são novas e modestas florinhas, que apenas se entremostram, breves na haste fragil, um ponto só mais vivo — e já uma corolla.

O conjuncto dos factores meteorologicos, a natureza physica e a composição do solo têm confluido para a formação de uma flora em todo peculiar. A terra é pobre e trabalhada ha millenios por elementos hostis — o frio com repetidas geadas e a antithese da intensidade solar das alturas, balançando na alternancia da maxima absorpção diurna e a grande irradiação da noite. O predominio de dias sêcos no inverno e as chuvas bravas de estio, a grande luz, a athmosphera de fraco indice hygrometrico, tudo a um fim tem seleccionado a vegetação adaptavel á terra e ao clima. Em meio de especies tropicaes, ha um quê de flora alpina: hastes curtas, cerradas entre si na conjugação da defesa, e curvas sobre o solo; raizes fundas e longas, desproporcionadas ao corpo; folhas pequenas,

agglomeradas e espessas; flores de côres vivas, rentes á terra, temperado tudo ao heliotropismo negativo e positivo, — mais obra da luz que do chão.

A luminosidade do céo gradua e esbate a chlorophylla das folhas, crescendo a phylloxantina, mas as flores, com serem breves, pompêam mais vivo colorido. Sendo sêca a atmosphera, os vegetaes contêm por sua vez menos agua, de modo a guardar o colorido natural, quando conservados. Antithese por antithese: tudo pobre e alegre, lutando bravamente pela vida, e em festa.

Lombas e lombas transcorrem e, a não ser que o passo enrede nos grotões verdes e a pique, continuaria o passeio.

Os grotões não cedem, entretanto, em belleza, cobertos de bosques, que rebentam quasi sempre das ravinas corroidas pela furia secular das torrentes pluviaes. Os bosques são condigno realce dos campos. — Tufos cerrados ou panos de verdura cobrindo maior ou menor extensão de terreno, têm limites bem nitidos, na sua flora caracteristica e prospera, de textura uniforme e continua.

Algumas vezes, mormente avisinhando a serra, alargam-se em floresta, mas a regra é de capões no meio dos campos, abas abaixo dos morros, á feição da terra mais humida. Pelo cimo das copas, altos sobre as mais altas, sobresaem e dominam, em pallio aberto, os pinheiros, dando illusão de outro andar de verdura sobreposto no ar. O pinheiro, "araucaria brasiliensis", é o que ha de mais typico na vegetação do planalto.

De larga e longa ramaria, tronco rugoso e forte, ha valles em que preponderam, não faltando pelos cimos, nas encostas, por toda a parte onde não foram ceifados.

Estrugem, de vez em vez, no silencio dos bosques, ao seu tempo, as pinhas maduras, para celleiro do inverno, zombando dos estragos da geada e do fragor dos elementos. Se a mão do homem, no pouco que tem feito aqui, não tivesse encontrado nos pinheiros madeira predilecta, quanto não seriam mais densos e beneficos os pinheiraes! Ainda assim a natureza excedeu á ceifa rude, e onde mesmo as derrubadas devastaram mattas, teima muita vez o pinheiro, superior aos aggravos, evocando a todo instante os versos da lyra chineza, que a memo-

ria conserva e a que Machado de Assis emprestou o requinte immortal de sua arte:

AS FLORES E OS PINHEIROS

Vi os pinheiros no alto da montanha
Ouriçados e velhos;
E ao sopé da montanha, abrindo as flôres
Os calices vermelhos.

Contemplando os pinheiros da montanha,
As flôres tresloucadas
Zombam delles enchendo o espaço em torno
De alegres gargalhadas.

Quando o outono voltou, vi na montanha
Os meus pinheiros vivos,
Brancos de neve, e meneiando ao vento
Os galhos pensativos.

Volvi o olhar ao sitio onde escutára
Os risos mofadores;
Procurei-as em vão; tinham morrido
As zombeteiras flôres.

Outra pinacea mais modesta segue-se a elles em numero e vulto, o teixo, "taxus nucifera" ou "baccata", com pequeninos frutos, semelhando a cajús. Ainda que viçosas, estão longe estas matas das nossas florestas tropicaes, enquadrando antes na flora sub-tropical, "Napæas" de Martius. Não tem palmeiras, que tamanha graça dão ás nossas selvas, não têm musaceas, nem pandanos, nem as figueiras monstruosas que, de parceria com os jequitibás, dominam sobre as outras arvores. Não vimos dracenas, e, talvez porque raras, observámos poucas leguminosas, que são a familia mais variada e mais farta para nós.

O que quasi não ha são lianas, que constituem, na sua exuberancia e multiplicidade, a trama enredada e continua de nossa vegetação de maior corpo: desde as mofinas e ralas capoeiras ás mattas virgens de grande envergadura, os imper-

tinentes cipós tudo enlaçam, atirando forte cordoalha entre as arvores, torcendo-as, atrophiando-as, matando-as. A mata d'aqui é mais pobre, mas livre daquellas cadeias que acorrentam as outras como escravas.

Tem o verde mais uniforme e escuro do que os campos e não lhe faltam flores. Como seja Maio, multiplicam-se manacás silvestres, cobertos a um tempo de sua floração gradativa do branco ao lilaz; roxas quaresmas; fuchsias primitivas e singelas, ornando as ramagens com seus ingenuos "brincos de princeza". A espaços, samambaiussús palmiformes irrompem em triumpho o arabesco de suas frondes, supprindo as palmeiras.

Na proximidade dos ribeiros de aguas claras, á sombra, é o reinado dos cryptogamos, a que a natureza, negando o brilho das flores, deu toda a gamma de suas verdes tintas. — E' a esmeralda dos musgos avellulando os barrancos, cobrindo pedras e velhos troncos, onde os lichens appõem sellos prateados. Tudo é fresco, macio e multiforme: o sorriso das capillarias finas e tremulas, a gelatina das algas, lycopodios sedosos, samambaias de frondes circinadas, fetos arboreos em baculo.

E, entre arbustos e arvores que se afastam, sombreando a borda dos campos, a grama alastra seu fôfo velludo, na textura exclusiva, que enreda e encobre todo o chão.

O Dr. Theodoro Sampaio, com sua profunda competencia, ministra, em largo esboço, a summa geologica da extensa região dos Campos, de que faz parte a que nos occupa. Detalhando observações, sobretudo, acêrca da parte nordeste, em torno de S. Francisco dos Campos, apprehende, no entanto, todo o interessante planalto:

"Caracter geologico. — O solo dos Campos, á margem do planalto da Mantiqueira, é em geral formado de gneiss schistosos e micaschistos; as montanhas mais altas são porém de granito ou gneiss granitoide.

"Subindo do valle do Parahyba, o granito grosso nas encostas da serra mostra-se em grandes lagedos, em dorsos lisos ou em blocos amontoados de todos os tamanhos e fórmas pittorescas. Na parte septentrional dos Campos, pelas cabeceiras do ribeirão dos Tatús apparece superposto ao granito um schisto micaceo, muito fragmentado e com camadas quasi verticaes.

"Ahi, nas fraldas dos morros pellados, onde a vegetação ar-

borea não prospéra, o quartzo branco, em fragmentos angulosos e miudos cobre o solo em larga extensão.

"Pendendo para o pequeno valle dos Pilões, o granito apparece em extensas lombas descobertas em dorso negro e liso; mais adeante apresenta-se em escarpa aprumada sob camada de quartzito.

"Para o sul, ainda na margem do Planalto o granito aflora frequentemente e levanta cabeços arredondados e pittorescos nas cabeceiras do Piaguhy.

"No Cayrú reapparecem as camadas de schistos micaceos; o gneiss granitoide toma aspecto foliaceo, exhibindo cabeços com camadas concentricas que se desaggregam com as capas de uma cebola. Para além do Cayrú o caracter do solo é ainda o mesmo ao longo da escarpa que olha para o Parahyba.

"A Pedra do Bahú e os successivos contrafortes que della partem separando os pequenos valles do Capivary, do Jacú, do Pirangussú, Vargem Grande e do Bahú são tambem de granito ou gneiss granitoide que ahi formam os pontos mais elevados da região.

"Não são abundantes os minerios nos Campos.

"Em alguns lugares apparece o ferro, o graphito, e tambem o ouro antigamente explorado no extremo norte, nas margens do Corrego Alegre e do Santo Antonio que fluem para o Sapucahy. São frequentes as rochas ferruginosas como os conglomeratos recentes, compostos de massas de minerio de ferro ligadas por um cimento de limonito a que se dá o nome de *canga* ou *tapanhua-canga* (cabeça de negro).

"Nas cabeceiras do Piaguy, entre os retiros de Galvão e do Cayrú abundam estes conglomeratos nos leitos dos corregos.

"Não se conhece senão uma fonte de aguas mineraes, a da Cascatinha no valle do ribeiro da Lavrinha. As aguas em geral são limpidas, leves, doces, salutiferas."

Além dessas observações do Dr. Theodoro Sampaio, obtivemos tambem as do Dr. Guilherme Millward, que verificou contrafortes de gneiss de biotita no divisor de aguas da Mantiqueira e outros emergindo, de vez em vez, nos picos mais elevados das lombas, onde é notada a presença de um grez muito friavel, quartzito, semelhante ao que se encontra para o norte, em Minas. Sobre o esqueleto de gneiss, que circumda a região e

lhe dá assento, está a bacia dos Campos, com suas ondulações, constituida pela decomposição dessas rochas e coberta por leve camada de humus. Nos cortes da estrada de ferro e nos desbarrancados, termina o Dr. Millward, vê-se, de baixo para cima, sobre a rocha primitiva, uma camada profunda de argilla de decomposição, seguida de uma camada de cascalho (seixo rolado) com potencia variavel, tendo sobre ella outra de argilla de transporte, revestida de humus.

No fundo das *bossorocas,* de onde a força erodente das chuvas arrastou as duas primeiras camadas, como adiante explicaremos, os bosques tomam pé na terra mais humida, que a argilla inferior resguarda, brotando igualmente d'ahi os veios d'agua.

A terra dos bosques, já o dissemos, por isso, é de camada profunda e mais fertil que a dos campos, propicia ao abrigo e nutrimento de vegetação maior. As matas só crescem nos desbarrancados. Surprehende-se a genese dos capões, nos largos e fundos sulcos que as correntes pluviaes por annos e annos escavaram nos declives. — A principio é uma semente, que o vento lançou no sub-solo desnudo e que a custo logra vicejar; depois outra semente já encontra mais facil arrimo e sombra, dando guarida a outras e outras, que se vão agrupando, apenas pequena moita, até tufar com o tempo seu massiço verde, seguro e forte, que deriva para os lados a corrente destruidora e benefica.

Que centenas de annos não consome a natureza, no seu lento e surdo trabalho, para formar um bosque tão facil de destruir!

A agua golpeando os morros, cujas largas feridas os lichens tentam em vão curar, para ajudar por fim a corroer; o mysterio vivaz da seiva sobrepujando as hostilidades do sol, do frio e das mesmas torrentes atmosphericas é que a lento e lento conseguem criar os recessos de verdura, que, além de temperar a adusta aridez dos campos, fazem promanar as nascentes, tão fartas e providenciaes.

Onde ha um sulco mais fundo de terreno, velado de mato, pode-se inquirir confiante: mana delicioso e claro veio.

A hydrographia da região é farta, na modestia de seus muitos ribeiros. Não comporta rios extranhos, que lhe venham trazer sugilações alheias e buscar suas aguas. Tudo o que existe é aqui mesmo nascido e aqui adensado para sua exportação.

O Capivary, primeiro entre os primeiros, celebra-se que é a nascente mais alta do Rio da Prata, nascendo elle proprio do corrego Cachoeira, seu ramo principal. Vai recebendo pouco a pouco os ribeirões da Lagôa, do Imbiry, do Homem-Morto, e, depois da affluencia do Perdizes, passa a denominar-se Sapucahy-Guassú, historico nas pugnas incruentas da divisa entre Minas e S. Paulo. Modesto a principio, vai engrossando á custa dos seus muitos tributarios, entre os quaes — Fôjo, Ferradura, Calhambola, Ribeirão do Meio, Serra, Guaiarada, Marmelos, que é o mais corpulento, até sair dos Campos já rio feito e ir receber mais tarde, em Minas, o Sapucahy-Mirim, que lá está collectando outro valle mais baixo.

Que bellos e limpidos ribeiros! — metros a fundo e ainda se divulgam pequeninos seixos. Conturbam a lembrança as aguas que á custa de dura taxa, queira-se ou não, tem-se que tragar nas cidades...

Dado o relevo das margens, nem sempre é facil transpol-os. Póde-se rodar dia inteiro pelas lombas, a cavallo, sem que seja possivel vencel-os a vau ribeiros ou mesmo grotões a pique, ainda de tenues regatos.

Quédas d'agua são frequentes, medianas em força, alvissimas e lindas. Mostram-se até nisso benignas: não desfilam enfurecidas e odientas sobre as pedras; fluem mansas e, ao encontrar um obice, recuam, represam e derramam-se em toalhas de prata. Nada lhes hade, porém, valer, na hora fatal, que não tarde, quando houverem de pagar o tributo de hulha branca para as forças do progresso.

De aneroide á mão andámos a julgar os accidentes orographicos, galgando lombas de mais de cem metros, tendo occorrido a empreza maxima numa excursão aos dois mil metros do pico de Itapéva.

Dois mil metros! — é um nada para os alpinistas devotos e foi para nossa comitiva uma rara e magnifica aventura. O dia estava claro: atraz e para os lados outros picos cediam á supremacia deste, acuminados na ancia de elevação, cyclopicos e escuros mais perto, diminuidos e afastados pouco em pouco até sumirem, iguaes e esbatidos, nas lindes remotas. Adiante o valle do Parahyba espalmava a nossos pés a larga esteira. O olhar abrange de um só golpe oito cidades marginaes do rio, brancas e quietas, em sua mesquinha mancha na amplidão.

Cabia, se houvesse lugar para philosophias, aquelle trecho de Manuel Bernardes em que certo philosopho atheniense levou um amigo opprimido de grande tristeza a contemplar de elevada torre os tectos de uma cidade, considerando os prantos, lutos e tristezas que lhe corriam á sombra, sem haver dia vago em que a morte ou o infortunio não visitasse este ou aquelle lar. Oito cidades! Só mesmo um Parahyba lhes poderia beber as lagrimas...

Nós, porém, alli estavamos para os panoramas da alegria — e era realmente de festa e, mais ainda, solenne o que de largo nos envolvia, ao silencio e repouso de tudo, desde a Pedra do Bahu, hieratica e fechada, até o azul extremo e vago do horizonte, a diluir-se no azul do infinito.

III

Estes campos tão placidos e vasios, a parecerem inoccupados e de somenos valor, têm sua historia accidentada e renhida nos litigios de posse, quer entre particulares como entre Minas e S. Paulo. Os debates do poder publico datam de 1714, vão mais de dois seculos, quando a capitania de Minas não era ainda creada e a de S. Paulo contava apenas cinco annos.

As comarcas de Guaratinguetá e Rio das Mortes concertaram entre si suas divisas, assentando que o meio termo entre ellas ficaria no morro de Caxambú, nas immediações da hoje Soledade de Itajubá.

Annos volvidos, Rio das Mortes, dizem, transpoz clandestinamente o marco para cima da Mantiqueira e alterou as divisas, fervendo desde então a disputa entre entender e acertar a linha da Mantiqueira e, mais perto, acceitar ou recusar a margem esquerda do Sapucahy-Guassú.

Creado o governo mineiro, o litigio derivou das duas comarcas, alargando para as duas capitanias, numa successão continua e viva de vistorias, pareceres, assentos, avisos regios, que, em certa phase, tanto effervesceu os animos a ponto de pôr em armas dois capitães-móres mais impetuosos. A miragem do ouro, com descobertas de minas, deu fermento á peleja, attrahindo aventureiros e acirrando cubiças. Na região de que nos vamos occupando, o Sapucahy-Guassú e a Serra da Man-

tiqueira, de esgalhos emaranhados e confusos, andaram aos empuxos para lá e para cá. Da antiga Amantiquira, tão cheia de fascinios e lendas, já dizia o roteiro de Antonil em 1711, que ninguem a transpunha sem lhe deixar sepulta ou pendurada a consciencia.

Entre 1703 e 1704, Gaspar Vaz, de alcunha Ouyaguara, arriscou-se á aventura, venceu a serra, abrindo um caminho de Pindamonhangaba ao Sapucahy, no rumo da estrada actual. Foi por esse caminho, rompente pelas campinas de Capivary e Rocinha, que entrou a gente e a sizania para a região virgem dos Campos.

Para obviar á exportação, por elle, de ouro das minas de Itajubá, fecharam-n'o mais tarde, por ordem regia, abrindo-se então a estrada de Itapeva, que até nossos dias subsistiu, dando ingresso ao planalto.

Annos depois, entre 1741 e 1745, o capitão-mór de Pindamonhangaba, Antonio Francisco Pimentel, fundou nos taes campos de Capivary e Rocinha uma fazenda de criar, que, no cabo de alguns annos, procurou vender, como pretendesse voltar, como voltou, para as Ilhas, sua terra natal. Não encontrando, rezam as chronicas, "quem lhe comprasse a fazenda em pé", retirou e vendeu o gado, abandonando as terras, para as quaes subsistiu o caminho de Gaspar Vaz, por onde os da Villa "lá hiam ao Pinhão".

Assim foi que Ignacio Caetano Vieira de Carvalho, morador em Pindamonhangaba, lá foi tambem, tomou gosto e installou-se nos Campos, em 1771. Requereu sesmaria em 1773, obtendo, conjunctamente com dois outros, que, parece, apenas lhe emprestaram o nome, — tres sesmarias, ou nove leguas, em 1790. Abrangiam essas terras toda a região campesina até Itajubá ou Itajiba. Ao requerer tal posse, allegou textualmente que "os campos foram largados de outro morador, por se achar bravio de sua qualidade e muito frio como tambem pelas muitas onças que naquelle Certão habitam e se conservam."

Obtidas as sesmarias, denominou suas terras Fazenda do Bomsuccesso e entrou acceso em questões de divisas, batendo-se sem treguas, requerendo, representando aos poderes com estylo teso e colorido, reclamando, promovendo justificações, — com os poderes civis, com os poderes ecclesiasticos, — fazendo e destruindo fechos, brigando, por largos e afanosos an-

nos, sem desfallecimentos. Um seu associado dos primeiros tempos, João da Costa Manços, de Taubaté, obteve tambem a sua sesmaria contigua ás terras de Ignacio Caetano, para os lados de Itajubá. Sob pressão das autoridades mineiras, Manços opinou por aquella jurisdição, acirrando ainda mais a tenacidade do antigo socio em opinar por S. Paulo.

Numa de suas muitas petições, despachada em 1787 pelo governador Bernardo José de Lorena, o mesmo que lhe concedêra sesmaria, Ignacio Caetano allegava que "a 16 para 17 annos se acha estabelecido com fazenda de gado vaccum, Cavallares, Bestas e Escravatura" naquelles Campos.

A disputa versava, sobretudo, no caso restricto, sobre a posse da margem esquerda do Sapucahy-Guassú e deu farta documentação ao litigio que ainda hoje, em termo de accôrdo, pende de solução entre os dois Estados, se bem que abandonada a tal linha. Diz a legenda que Ignacio Caetano era de Rio das Mortes e Manços paulista, torcidos por ventos da sorte a lutar um e outro contra as terras de origem.

Num dos muitos embates entre autoridades das duas capitanias, no movimentado valle do Sapucahy-Guassú, houve ardido cadete de um Registo mineiro, que enfrentou com o sargento-mór de Pindamonhangaba, ponde em terreiro o capitão-mór, os governadores, os bispos e até o vigario de Pindamonhangaba — "Cavalleiro Professo na Ordem de Christo e Vigario Collado nesta Parochial Igreja de Nossa Senhora do Bom Successo da Villa Real pelo Principe Regente Nosso Senhor etcetera", tudo isso para dizer que "os moradores do Bairro dos Cerranos que confina com a Capitania de Minas Geraes, sobre a Serra do Rio Paraiba, contam segundo a minha matricula da Desobrigação de sessenta fogos e duzentos e setenta pessoas de confissão." E, terminava: "o referido é verdade, salvo qualquer engano ou olvidação".

Os contendores não chegaram propriamente a via de armas, mas houve eriçada literatura de officios, em que, serra abaixo, serra acima, derramaram reciproca e fartamente suas iras. Foi neste andar que o cadete traçou normas, respondendo a officio do capitão-mór: "extranho muito o seu dizer em Vmcê. se mostrar sentido em eu não uzar a politica com Vmcê. quando Vmcê. nem he capais de me ensinar o serviço de Sua Alteza Real nem tambem a politica porque hum soldado quan-

do acenta praça a primeira couza que se lhe ensina é a politica."

Outro documento que vale menção é esquisito attestado, feito e firmado "in verbo sacerdotis" por um padre, que, "tendo entrado de adjuncto nas Minas de Itajubá", dalli foi "seduzido" para o Sapucahy, voltando depois como filho prodigo ao ouro que primeiro o attrahira. Defende as minas de "um falço grandiozo" em dizerem que ellas "estavão bromadas", quando os mineiros "não tirão sim de uma cata arrobas de ouro, mas tirão com que os agrade". E, por ahi além, é curioso respigar na farta messe offerecida pelos "Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de S. Paulo", colligidos os que entendem com o caso sob as valiosas vistas do inolvidavel Dr. Orville A. Derby.

Morto Ignacio Caetano, seus herdeiros venderam ao Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão, por escripturada passada em S. Paulo a 27 de Dezembro de 1825, grande parte da região campestre de suas terras da fazenda Bomsuccesso, pela quantia de dez contos de réis.

A nova propriedade foi denominada fazenda do Natal, subsistindo, no entanto, o nome popularisado de Campos do Jordão.

A escriptura de compra menciona terras de cultura com uma legua de testada no sertão das cabeceiras do Piracuama, campos de S. Miguel, Sapucahy e Itajubá, limitados pelos altos das serras de Parahyba e Itajubá.

Segundo a opinião do dr. Roberto Reid, que obsequiosamente nos ministrou dados e apontamentos preciosos, traçando no mappa da Commissão os limites dos Campos, o Pico de Itapeva e Pedra do Bahu, se bem que paulistas, escapam áquella antiga propriedade.

O Brigadeiro Jordão falleceu a 27 de Fevereiro de 1827, quatorze mezes após a compra, sendo avaliada a fazenda, com bemfeitorias, escravos e criação, em vinte contos de réis. Seus herdeiros fragmentaram-n'a e foram vendendo a propriedade, que é hoje de muitos donos. Tem sua historia nos fastos da Regencia e nos dias nascentes do Imperio o Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão. Foi um dos membros do governo provisorio em 1822, deposto com Martim Francisco, o velho, na bernarda de Francisco Ignacio; hospedou o Principe Regente a 7 de Se-

tembro de 1822, de parceria com Antonio da Silva Prado, depois Barão de Iguape, e foi comparsa eminente do drama da Independencia. Possuia um dos melhores predios da época, na modesta cidade de S. Paulo, á esquina das ruas Direita e S. Bento, conhecida por quatro cantos, prédio onde foi o antigo Hotel de França e é hoje o palacete Jordão.

Quanto a Ignacio Caetano, subsiste apenas uma lenda, cada vez mais vaga, de ter deixado elle um thesouro soterrado aqui entre dois pinheiros. E' a só lembrança que lhe resta, na terra em que tanto lutou, por decennios a fio, de corpo e de espirito, pelo seu e pelo direito de S. Paulo, tocando o nome da região a quem por muito pouco a possuiu e consta que jamais a visitou. Nisto, como em tudo, repete-se a melancolia do proloquio de que as aguas defluem para os grandes rios, assim como hade ser sempre das mariposas, dos homens e até das plantas — voar ou pender para a luz...

Matheus da Costa Britto, antigo proprietario do nucleo de terrenos onde está a Villa Jaguaribe, foi fundador do povoado, sob a denominação de Capella de S. Matheus do Imbiry.

Estão, pois, limitados os Campos do Jordão — entre as cabeceiras do Piracuama e do Bahu, com a pedra do Bahu por sentinella, ladeados nos flancos, de um lado pela Serra da Mantiqueira, do outro por terras mineiras dos Campos do Serrano, seguindo pelo Sapucahy-Guassú abaixo a inflectir para o sul até os Campos de S. Francisco. Cerca de nove mil alqueires de campo, segundo avalia aproximadamente o dr. Reid, comprehendendo, a mais, vertentes de serra e terrenos de cultura.

De quanto por muitas vezes perambulámos pela estira das lombas, raro gado se via, — tudo quieto, bello e indefinido. As pastagens naturaes são pobres e, não obstante termos visto na visinhança das casas tapetes cerrados e prosperos de graminha e touças de capim melado, dizem que essas excellentes forragens não resistem nem se adaptam nos campos.

O que domina é macia e fina macega, incognita ao nosso escasso conhecimento, barba de bode, de que ha uma especie nutriente e appetecida do gado, e o capim carahá de que fala o Dr. Assis Brasil. Disseram-nos que o catingueiro succumbe ás geadas, porque floresce exactamente no *acme* daquelle me-

teoro, entre Maio e Julho, mas as touceiras a que alludimos, lá estão.

Quem sabe a forragem que ainda encontrará nestes campos as mesmas condições de adaptação que a vestimenta nativa que os cobre? Os morros escalvados do Estado do Rio, lavados anno a anno pelas chuvas, núus, tidos por estereis, estão cobertos de capim melado, que o vento próvido semeou e que alli encontrou o seu *habitat*.

E' pena que não sejam fartos de nutrição estes campos, pois em nossas frequentes excursões a pé não tivemos o delicto de um só carrapato, quando na mesma época são elles abundantes fóra daqui. Os animaes que sobem a Serra trazem a ixodida, mas o parasita cá não prolifera. E tanto como não é proprio o meio para a vida e adaptação de taes especies, cremos não o será para outros parasitas e insectos, tão pertinazes e damninhos em torno do homem. Nas moradas, cercanias e pomares faltaram á nossa observação os mais frequentes, dentre os quaes mosquitos, baratas e mesmo a mosca domestica, de que vimos rarissimas. Não é tão rica a avifauna que se possa attribuir a ella a expurgação dos insectos, se bem que seja delicioso adorno a frequencia e abundancia de aves em derredor das casas.

Canarios amarellos côr de ouro, no seu rustico e singelo trinado, colleiros, pintasilgos, vira-viras, entre outros, com sua orchestração mais quente, — não faltam á cavatina do alvorecer e da tarde, nas arvores circumvisinhas, em cujos cimos sobresai ruidosa e festiva a zombaria onomatopaica dos bemtevis.

Quando ameaça chuva, o barometro das saracuras articula seus gritos de aviso e os corvos antipathicos revoam mais baixo lentas curvas no espaço. Talvez por terem emigrado, não vimos andorinhas e só dois beija-flores appareceram apressados, exploraram rapidos algumas corollas e silvaram de novo no espaço, para mais gratas paragens.

Resta, quanto ao cultivo da terra, considerar a esperança maxima, tocada em todas as solfas, além e aqui, — a cultura de frutos exoticos, de clima frio.

Vimos pomares sadios, de bellas e grandes macieiras e pereiras, mas por muito que nos dôa a ingratidão para quem tão prodigamente nos offereceu as lindas frutas, pesa-nos dizer

que ellas não correspondiam em sabor ao aspecto seductor que tinham.

Uma grande pêra da Villa Abernessia pesou seiscentas grammas, mas ainda esta, se bem que grata ao paladar, não valia a opulencia que ostentava.

E' de crêr, porém, que outras variedades, talvez do mesmo vergel, forneçam melhores frutas, provado como está que as condições do meio são favoraveis áquellas especies.

As arvores e os frutos não são sujeitos a parasitas e molestias, mas á terra falta a precisa fertilidade, demandando emprego de adubos, a menos talvez que seja aproveitado o solo dos bosques, com a destruição destes, o que é de todo e por tudo condemnavel. Ha especies exoticas que se dão aqui maravilhosamente: o chá da India (thea sinensis) tem prosperos exemplares, alguns enormes e velhos; no rasteiro tapete dos arredores das casas a camomilla alastra, com suas florinhas amarellas.

IV

E' tempo de rematar este bosquejo com o problema climatologico, expresso na formula de sua maxima elucubração — a estancia sanitaria.

Os Campos do Jordão assentam a 22° 44' de Lat. S.; 3 H, 2m (45°, 35') W-Gw; 1640 metros de Alt. na Villa Jaguaribe. Entre os extremos de 1595 e 2000 metros varia a cada passo a altitude, ainda que não vissemos habitação a alcançar 1700.

Resumimos alguns dados meteorologicos do trabalho publicado pelo dr. Belfort Mattos, sob o titulo "O clima dos Campos do Jordão". — Temperatura média annual 13°,1 entre o extremo estival maximo de 28°,8 e a minima de — 7,°0, no inverno; pressão barometrica 633,2, entre os extremos de 639,9 e 625,5. A proporção dos dias de chuva é de 125 contra 240 sêcos. A média dos ventos, com 54 % de calmas, deixa 27,4 % ás correntes sêcas de N W e N E, seguindo-se-lhes as de S W e S E com 16,7 %. Nebulosidade: 164 dias de céo claro, sendo que dos 156 dias restantes apenas 45 se apresentam de todo encobertos.

O Serviço Meteorologico do Estado mantém aqui um posto de observação, cujos dados, no entanto, não são publicados na

imprensa. Nem na imprensa diaria de nossa leitura, nem mesmo, por completo, no ultimo volume de observações annuaes, o de 1912, onde faltam os de Junho, Julho, Agosto, Setembro e Outubro, mais interessantes, por comprehenderem os do inverno. Não foi mais feliz nossa solicitação para obtêl-os, ficando sem resposta a carta que nesse sentido dirigimos ao director do Serviço.

Não desconhecemos a importancia dos registos meteorologicos no estudo e classificação dos climas. Bastam, porém, os que se nos offerecem, senão para explanar a fundo e a limpo o nosso problema, ao menos para lhe dar a modesta directriz a que nos propomos. Se o clima é, em summa, o conjuncto dos factores meteorologicos de uma região, não se os deve, porém, tomar muito a crú; seria precaria a formula ideal que pretendesse conter a posologia exacta de cada factor.

Nem mesmo pelas médias é licito inferir com segurança, pois, embora pareçam boas, conglobam muita vez valores extremados e indefensaveis.

No caso vertente, occorre o contrario: as extremas mencionadas é que são excepcionaes.

O clima dos Campos do Jordão attende aos dados classicos de magnifico clima de montanha, equilibrado por factores excellentes, sem a rudeza de outros de menor altitude e livre das taxas adversas de vento e de humidade, que costumam dominar nas alturas.

Dois elementos, sobre tantos, além do abrigo sul, dão-lhe cunho caracteristico: a altitude em si, a configuração e revestimento do solo. A Mantiqueira, anteparando as correntes frias e humidas do sul, saturadas de vapores do mar e da planicie, poupa-lhe o aggravo da humidade que a si propria desfigura, como acontece com as serras do Mar e da Bocaina e as estancias de altitude daquella. Amantiquira, no douto dizer do Dr. Theodoro Sampaio, deriva de *amanty* ou *amandy* — chuva e *uquire* — dormir, em lingua tupy, de onde a significação gentilica da palavra — dormida ou pouso da chuva, dando idéa de sua humidade e condensação de vapores. Costuma ser este o óbice climaterico das montanhas, que as nuvens cobrem de perenne condensação de vapor. Resalvam-se disso estes Campos na configuração do planalto, culminando virtudes sem os defeitos habituaes da altura.

Os 1640 metros que aqui dominam envolvem-se de uma atmosphera fresca, diaphana, estreme de poeiras, bem proporcionada em correntes aereas e humidade. O frio, ainda que muitas vezes severo, não é rude e aspero de soffrer, porque é sêco.

Nas manhãs de mais baixa temperatura, sendo aliás a estação actual de grande benignidade, a sensação de frio não corresponde á quéda do thermometro e é com surpreza que se deparam as minimas da escala. Um gráo acima de zero dispensa agasalhos exigidos por quinze gráos humidos e sombrios de S. Paulo. Não nos foi dado observar grandes geadas, mas nas que vimos as manhãs eram lindas, como as do oeste paulista.

A atmosphera, limpida e transparente, deixa, como consequencia optica, desdobrarem-se em grande extensão os raios visuaes. Não só os panoramas diurnos, de excellente perspectiva, accentuam com nitidez os plainos afastados, como o firmamento das noites, azul sombrio, realça de raro brilho o soberbo destaque dos astros.

Venus, que se vê ás primeiras horas da noite, luz com tamanha claridade, que dá quasi illusão de luar, acima de Saturno, a abysmar-se na linha do horizonte. Ao calmo fulgir desses planetas, faisca a rutilancia inquieta das estrellas — da phantastica ronda do sul, com a triade do Centauro, do Cruzeiro e de Argos á Ursa Maior, por Antares e Regulus, e Procyon e Sirius, e toda a theoria infinita do céo.

E sabido que, com a elevação, baixam ao mesmo tempo a pressão atmospherica e a temperatura, aquella em progressão maior do que esta, correspondendo cada 180 metros á quéda de um gráo de calor, accusando algarismo muito maior a escala barometrica. A baixa pressão altera os factores physicos e chimicos da atmosphera, tanto mais rarefeita quanto menor, por volume, o indice de seus componentes — oxygenio, azoto, gaz carbonico e vapor d'agua.

O sol, tendo que atravessar uma camada menos espessa e menos densa, torna-se mais vivo em luminosidade, em calor e acção chimica. Dahi a antithese entre o ardor solar e a frescura ambiente, porque o ar pouco saturado de vapor d'agua absorve menos calor.

Os raios chimicos, ultra-violetas, excedentes ao espectro

pondo em trabalho zonas menos activas e, por isso, mais accessiveis á aggressão bacillar — os apices. Cresce o indice thoraxico. A hematose pulmonar é mais proveitosa e os globulos vermelhos, salvo altitudes excessivas, augmentam de numero. Exhalta-se a evaporação cutanea e a pulmonar; é maior a eliminação de gaz carbonico; incrementa-se a actividade muscular e todas as funcções da economia — digestão e metabolismo alimentar — tomam sensivel impulso.

Uma das gratas sensações das alturas, e que em poucos dias aqui se experimenta, é um bem estar que aligeira os movimentos e alegra o animo. Passeios que lá em baixo davam fadiga e não seduziam são multiplicados impunemente e, quando por excessivos chegam a cansar, restaura-se com inesperada rapidez a actividade dos musculos.

E' natural que o organismo facilmente domine os estados morbidos, na plena posse da amplitude physiologica.

Foi do empirismo, orientado talvez pelo conceito da altitude, que nasceu a reputação sanitaria dos Campos. Pela observação foi-lhe accrescendo a fama. Não têm conto, realmente, os prodigios de seu clima, embora não seja impune erigil-o em sanatorio para todas as doenças, ou para todos os graus e modalidades da que encontra nelle sua formula — a tuberculose. Muitos dos que lhe têm pedido saúde, voltaram sãos ao tumulto e ás exigencias da vida; outros sacrificaram em precoce retirada o haver de suas acquisições; alguns afrontaram formaes e imprescriptiveis contra-indicações ou vieram no extremo da cachexia, quando tudo era baldado. Não são poucos os que, tendo visto reflorir a saúde, aqui a ficaram fruindo, assentando domicilio e compondo a quasi totalidade dos moradores.

E' realmente estupendo o que a acção apenas de seu clima consegue na tuberculose pulmonar. — Attenua-se em poucos dias, para logo cessar, a secreção bronchica, mitigando-se parallelamente a tosse. Decai e extingue-se a febre; o appetite renasce, revigoram-se as forças e augmenta o peso. Dias alegres e noites de somno tranquillo retemperam o animo e, não obstante a placidez do ermo, os doentes tornam-se alegres, festejando a saúde. A pesquiza do bacillo vai dando conta dos progressos da cura, decrescentes sempre até desapparecerem.

Já não é só na pre-tuberculose, mas ainda nos periodos adiantados da molestia que este clima tem valor, não havendo

medico que lhe não tenha verificado a efficacia nem leigo que lhe não conheça os prodigios.

Entre a realidade de suas veras conquistas, costumam entornar as tintas do maravilhoso: saúdes periclitantes restauradas em dias, augmentos monstruosos de peso, resistencia do organismo a todas e absurdas provas adversas, toldando com essa falsa pedraria a rutilancia da verdade.

O grande valor deste clima ainda está por luzir, quando elle fôr apparelhado das forças intelligentes e bem orientadas que lhe aproveitem e aperfeiçoem as qualidades nativas.

Então, pelo caminho invio e agreste de Gaspar Vaz, que a estrada de rodagem seguiu e a via ferrea acaba de transpôr, haverá romaria maior do que as que tumultuam dos grandes centros para as estancias mais afamadas pelo mysticismo do milagre ou pelos aperfeiçoados apparelhos da arte de curar.

Das suaves encostas, do regaço vasio das collinas, onde agora apenas perpassa e sorri em promessas o silencio do descampado, villas graciosas debruçarão suas varandas, e os hoteis e os sanatorios e os institutos de robustez ou de repouso fulgirão em requintes de arte e de conforto, no lustre das applicações mais completas e melhores da hygiene e da medicina. A natureza, quasi virgem no sadio esplendor de suas maravilhas, desabrochará a floração completa dos beneficios, que rebentam á tôa de suas graças silvestres.

E os que esvoam de nós para plagas extranhas, em demanda dos Pyrineus e dos Alpes, acertarão rumo para o retiro que esqueciam tão perto, acenando á incerteza dos forasteiros de toda a parte do mundo o clima inegualavel, que revigora e expande sem jaça a alegria da vida e da saúde.

Eis ahi fica, longa e talvez por demais derramada, a impressão de nossa visita, retratada do quanto vimos, daquillo que em nós proprio experimentámos e do mais a que nos levou o raciocinio. E' nada, em face do que o assumpto merece e ficará reclamando.

Reflecte, no entanto, em falta de melhores dons, a reciproca dos dias serenos, que, á benignidade dos seres e das cousas, aqui nos deram sua envolvente caricia.

Julho de 1916.

DR. OLYMPIO PORTUGAL

SYLVIO ROMERO
E A ALMA BRASILEIRA

I

IMPRESSÕES PESSOAES

No verão de 1910, — em virtude do cargo que eu exercia junto do governo da Republica — tive de me transportar para a Tijuca, installando-me no hotel do Alto da Boa Vista. Poucos dias depois, estando uma noite a palestrar com um dos hospedes, fui informado de que veraneando alli tambem se achava Sylvio Roméro, sendo-me logo indicado o seu aposento: um pequenino quarto abrindo para um corredor, e occupando area quiçá inferior a nove metros quadrados. Illuminava-o frouxa luz de uma vela. Uma das folhas da porta estava de todo fechada, e a outra semi-aberta. Defronte, uma cama de solteiro, sentado na qual estava Sylvio, — soturno, cabisbaixo, a mão direita segurando um copo de leite, e a esquerda comprimindo a região do coração. Era de absoluta tristeza o seu aspecto. Aspecto de um soffredor.

Parado junto á abertura da porta, contemplava eu aquella grande figura do Brasil intellectual, quando senti sahir-lhe do peito um suspiro acompanhado de lento abanar de cabeça, tudo aquillo parecendo traduzir um estado de desalento, de descrença, de desengano. Então resolvi annunciar-me, e penetrei no aposento do meu amigo.

Sylvio recebeu-me como sempre: braços abertos, coração aberto. Falou-me logo da sua extrema pobreza, que lhe não permittia procurar allivio para os males physicos sem aggravação do moral, privando-o da companhia dos seus. Mas de

repente, como que envergonhado de se mostrar abatido e queixoso, reagiu, e, fitando-me com aquelle seu olhar agudo e brilhante, desatou os labios num amplo sorriso, prologo de uma forte e sonora gargalhada, uma gargalhada moça, que rebentou seguida destas palavras: "Tu por aqui, demonio! Pois então, vamos trocar idéas". Estavam debandadas as nuvens da tristeza.

O homem physico permanecia sentado; mas o espiritual estava de pé, magnifico, soberbo, com todos os fulgores da sua extraordinaria intelligencia e as vibrações do seu singular temperamento.

Sylvio levou-me sem demora para o dominio scientifico da sua predilecção — a sociologia — inquirindo o meu modo de pensar sobre os trabalhos com que os Estados-Unidos têm contribuido para o engrandecimento da nobre sciencia. Nem de proposito, eu estava lendo uma das melhores obras de Alfredo Mahan, o notavel official da marinha norte-americana. Constituiu esse livro o primeiro ponto da nossa palestra, a qual depois se dilatou, abrangendo principalmente os escriptos de Lewis Morgan e Franklin Giddings. De paiz em paiz, de nome em nome, chegámos á Grecia consubstanciada na figura incommensuravel de Aristoteles.

Era quasi meia noite. Despedi-me de Sylvio, muito contra a sua vontade, e sahi verdadeiramente apprehensivo, pois, pelo que observára, me pareceram de octogenario as condições daquelle organismo, que ainda não tinha 59 annos.

Sempre que me era possivel, eu o acompanhava nos passeios que elle costumava dar pelas cercanias do Alto, ás horas frescas da manhã e da tarde. Caminhavamos um dia em direcção á Cascatinha, quando de subito o grande homem parou e me disse, num daquelles rompantes que eram sómente seus: "Fale-me de Leibniz. Porque você o considera a primeira cabeça philosophica da Allemanha?" Sylvio acabava de me *provocar* para me *debater*. Estava alli inteiro o autor das *Provocações e Debates*.

De Leibniz passámos a Descartes, deste a Renouvier, detendo-nos em apreciações sobre os adversarios da evolução. Ahi Sylvio, — de cuja psychologia a doutrina evolucionista era, por assim dizer, parte integrante — não se poude conter: desembainhou a logica e brandiu os argumentos, que reluziam

victoriosos como lamina de espada napoleonica. Falava superiormente, admiravelmente, com esse ardor que só têm os que podem comprehender e amar tão elevados e bellos assumptos. Nunca eu o tinha visto subir a altura tamanha.

Dias depois, tive de deixar a Tijuca e seguir para Petropolis. Nessa cidade, recebi cartas de Sylvio, numa das quaes elle me dizia não saber mais como procurar allivio para os seus soffrimentos. Andava indeciso, ora pretendendo fixar-se aqui, ora alli, sem poder dizer-me aonde o levariam as suas condições de "doente grave e pauperrimo."

De facto, a não ser logo depois da publicação do meu livro *A Verdadeira Revisão Constitucional,* que Sylvio prefaciou, só pude vel-o com frequencia quando elle ficou impossibilitado de sahir.

Era de se vêr como ainda rutilava aquella intelligencia, como aquella prodigiosa memoria ainda conservava toda a sua tenacidade e promptidão.

Na noite de 4 de Julho de 1914, encontrei o meu grande amigo profundamente acabrunhado. Perguntou-me se eu já tinha visto algum homem todo cheio de edemas melhorar á ponto de sahir, andar, trabalhar... E depois, como que, falando a sós: "Tenho muito medo de morrer. Mulher, filhos... filhos pequenos..." Fui obrigado a me despedir de Sylvio: já me sentia atacado da molestia de olhos que me devia reter em casa durante mais de um mez. Guardo no coração as palavras que elle me dirigiu no momento da nossa despedida. Mal sabia eu que eram as ultimas, e que naquella noite eu o deixava para nunca mais tornar a vel-o.

Quando, na manhã de 19, eu soube da morte de Sylvio, occorrida na vespera, tentei immediatamente sahir para beijar a fronte do sabio e as mãos do amigo; mas a impressão da luz não na puderam supportar os meus olhos, doentes duas vezes, porque tinham acabado de chorar.

II

ESBOÇO BIOGRAPHICO e QUADRO CHRONOLOGICO

Com o fallecimento do autor da *Historia da Literatura Brasileira,* perdeu o Brasil uma das suas maiores figuras

intellectuaes e ao mesmo tempo um dos seus filhos mais dedicados.

Não tenho motivos para me andar *assombrando* com a sabedoria dos meus patricios. Não que eu a possua, sim porque, em virtude do caracter encyclopedico dos cursos que fiz na academia e dos meus estudos ulteriores, estou um pouco habituado ao contacto com os espiritos de vasto e profundo saber.

Mas a illustração de Sylvio Roméro, dadas as condições do homem e do meio, era verdadeiramente de pasmar.

Grande sabedor da *philosophia,* da *historia,* da *critica,* da *sociologia* e dos *assumptos nacionaes,* — elle tem um lugar distincto na historia intellectual da sua patria, e é sob os cinco aspectos referidos que deve ser estudado, para ser comprehendido em todo o seu merecimento. Por outro lado aquelle homem era filho legitimo da segunda metade do seculo XIX, e, por isso, bem cedo comprehendeu a necessidade de se premunir das generalidades scientificas que deviam servir de base aos estudos superiores da sua predilecção. Accrescentae ao que fica dito uma extraordinaria disposição para a leitura e para acompanhar o movimento das idéas, um raro poder de assimilação, uma excepcional capacidade de trabalho, um amor intensissimo por este Brasil, — e tereis, nas suas linhas geraes, a grandeza daquelle espirito, a superioridade daquelle homem, no qual o philosopho, o historiador, o critico e o sociologista só se moviam em serviço do *brasileirista,* no bom sentido da expressão: no sentido de estudioso dos assumptos nacionaes, e devotado aos interesses e autonomia desta grande terra.

Sylvio era de Sergipe, onde nasceu a 21 de Abril de 1851. Aos doze annos, em 1863, veiu para o Rio de Janeiro, estudando aqui os preparatorios, que terminou em 1867. No primeiro mez do anno seguinte, partiu para o Recife, matriculou-se na Faculdade de Direito, bacharelando-se em 1873. Em 1874, apparece discursando na Assembléa Provincial de Sergipe. Volta para o Recife, onde se demora até fins de 1876, retirando-se em Novembro com destino ao interior da provincia do Rio de Janeiro, na qualidade de juiz municipal. Em Abril de 1879, chegou a esta cidade, resolvido a estabelecer nella a sua residencia. Mezes depois, em Janeiro do anno seguinte, entrou

em concurso de philosophia no Collegio Pedro II, sendo nomeado lente cathedratico.

Eis a relação dos seus trabalhos, por ordem chronologica, ficando ainda de lado alguns escriptos, que, entretanto, nada adiantam para a comprehensão da personalidade do grande brasileiro:

ARTIGOS DE JORNAL

1870. *A poesia dos* Harpejos Poeticos; *O que entendemos por poesia critica; A poesia das* Phalenas; *A poesia das* Espumas Fluctuantes.

1871. *Systema das contradicções poeticas; A poesia e os nossos poetas; Critica das Peregrinas de Victoriano Palhares.*

1872. *Uma pagina sobre literatura nacional; Realismo e idéalismo; As legendas e as epopéas; A poesia e a religião; A poesia e a sciencia; Camões e os* Luziadas; *A rotina literaria; Apreciação das Cartas* de Sempronio.

1873. *Uns versos de moça; A critica literaria; O romantismo no Brasil; Uma these sobre economia politica.*

LIVROS E OPUSCULOS

1874. *Discurso na Assembléa de Sergipe.*

1875. *Ethnologia Selvagem; Razões justificativas do art. 482 do Cod. Commercial.*

1878. *A Philosophia no Brasil; Cantos do Fim do Seculo.*

1880. *A Literatura Brasileira e a Critica Moderna; Interpretação Philosophica dos Factos Historicos.*

1882. *Cantos Populares do Brasil; O Naturalismo em Literatura; Introducção á Historia da Literatura Brasileira.*

1883. *Contos Populares do Brasil; Ensaios de Critica Parlamentar; Ultimos Harpejos.*

1885. *Valentim Magalhães; Estudos de Literatura Contemporanea.*

1886. *A Philosophia e o Ensino Secundario.*

1887. *Uma Esperteza!*

1888. *Ethnographia Brasileira; Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil; Historia da Literatura Brasileira.*

1889. *As tres fórmas da Organização Republicana.*

1890. *A Historia do Brasil pela biographia dos seus heróes.*

1891. *Luiz Murat.*

1893. *Parlamentarismo e Presidencialismo.*

1894. *Doutrina Contra Doutrina.*

1895. *O Antigo Direito em Hespanha e Portugal* (na "Revista Brasileira"); *A Verdade sobre o caso de Sergipe; O Vampiro do Vasa-Barris; Ensaios de Philosophia do Direito.*

1897. *Machado de Assis; Novos Estudos de Literatura Contemporanea.*

1899. *Parnaso Sergipano* (1.º volume).

1900. A Literatura (no "Livro do Centenario"); *Ensaios de Sociologia e Literatura.*

1901. *Martins Penna.*

1902. *O Elemento Portuguez no Brasil.*

1903. *O Duque de Caxias.*

1904. *Pinheiro Chagas; Discursos; Parnaso Sergipano* (2.º volume); *Passe recibo.*

1905. *Evolução da Literatura Brasileira; Evolução do Lyrismo Brasileiro.*

1906. *Outros Estudos de Literatura Contemporanea; O Allemanismo no Sul do Brasil; A Patria Portugueza; Compendio de Historia da Literatura Brasileira* (com João Ribeiro).

1907. *O Brasil Social; Recepção de Euclides da Cunha; A America Latina.*

1908. *O Brasil Social* (na "Revista do Instituto Historico"); *Illusões e Realidade no Brasil.*

1909. *Da Critica e sua exacta definição; Zéverissimações ineptas da Critica.*

1910. *Provocações e Debates.*

1911. *Quadro Synthetico da Evolução dos Generos; O Brasil na primeira decada do seculo XX.*

1912. *A Bancarrota do Regimen Federativo; O Castilhismo; A Geographia da Politicagem.*

1914. *Minhas Contradicções.*

Ao todo, dezenove artigos, vinte e dois opusculos e trinta e oito livros. Do primeiro artigo ao ultimo livro, quarenta e

quatro annos. Deduzido o tempo durante o qual, por motivos de incommodos physicos e moraes, o grande escriptor se viu impossibilitado de trabalhar, fica um total de mais ou menos quarenta annos de uma pasmosa actividade, rarissimamente observada nesta terra, onde, se o amor ao trabalho persistente, honesto, animado por um grande ideal não chega a ser um demerito, tambem não constitue merito, no verdadeiro sentido da expressão.

III

VISTA GERAL DA OBRA DO ESCRIPTOR

O ligeiro esboço biographico e o quadro chronologico acima traçados deixam vêr intuitivamente que a vida intellectual de Sylvio Roméro se divide em duas phases: a nortista e a sulista. A primeira começa em 1870, com o escripto *A poesia dos Harpejos Poeticos,* e termina cinco annos depois, com a celebre these *Razões justificativas do art. 482 do Codigo Commercial;* a segunda principia em 1878, com o volume *A Philosophia no Brasil,* e acaba em 1914, com o livro *Minhas Contradicções.*

E' bello acompanhar a marcha e o desenvolvimento daquelle notavel espirito através de ambas, á luz do criterio evolucionista.

Assiste-se á formação de um mundo.

A primeira phase é da *nebulosa,* do estado diffuso; a segunda é da *concentração.* A materia vae integrar-se. passando de uma homogeneidade relativamente indefinida, incoherente, para uma heterogeneidade relativamente definida, coherente... E assim como no mundo psychico, do qual este é simples manifestação, tudo gravitava em torno do *brasileirista,* aqui o centro, o *sol* é a *Historia da Literatura Brasileira.* Por outro lado, além da concentração total, da concentração do conjuncto, ha concentrações parciaes, como na evolução astronomica, de que fala o principe dos philosophos modernos.

Estamos em presença de um mundo. Não esqueçamos. Ha de tudo nelle: grandes e pequenas cousas, altos e baixos, luz e sombra... Um sol, que é o centro do systema; planetas, satellites... A's vezes, corpos luminosos passam dando a impressão

de astros que se houvessem desprendido das alturas. Ver-se-á, porém, que não são astros: simples estrellas cadentes, que desapparecem com a toada dos *Cantos do Fim do Seculo,* dos *Ultimos Harpejos*... Outras vezes, a temperatura se eleva, o céu escurece, a tempestade se annuncia... e o raio parte formidoloso, com a furia d'*O Vampiro do Vasa-Barris,* do *Passe Recibo,* d'*O Castilhismo no Rio Grande do Sul*... Não raro, um pavoroso estampido se faz ouvir, denunciando algum phenomeno extraordinario: são grossos aerolithos que cáem, rugindo com a colera de *Uma Esperteza,* de *Zéverissimações da Critica,* de *Minhas Contradicções*...

O *mundo* é assim mesmo: tem do grande, do luminoso, do bello, como do pequeno, do sombrio, do horrivel. Acceitemol-o como elle é, e procuremos desvendar, no complexo da sua estructura, o que viverá para todo o sempre, resistindo ao embate das paixões e injustiças do presente.

***

Na primeira phase da vida espiritual de Sylvio Roméro, já se notam, disseminados nos dezenove artigos e nos tres opusculos, os primeiros delineamentos do papel quintuplo que o eminente homem teria, annos depois, de desempenhar como intellectual.

Os escriptos intitulados *Realismo* e *Idealismo, A Poesia e a Religião, A Poesia e a Sciencia,* principalmente, deixam perceber alguma cousa do espirito philosophico do seu signatario. Já sufficiente para dar alguma idéa da organização espiritual do futuro historiador, é o discurso na Assembléa Provincial de Sergipe. O critico se acha em estado embryonario nos artigos *A Critica Literaria, O Romantismo no Brasil* e outros. A these sobre economia politica e muitissimas passagens dos demais trabalhos dessa primeira phase, pelo modo por que são encaradas as questões, revelam fé numa sciencia social, contêm o germen do sociologista. Ha, porém, no meio de tudo isso uns traços mais definidos, mais nitidos, mais visiveis: são do *brasileirista.* Com effeito: os tres opusculos versam exclusivamente sobre assumptos nacionaes, e o mesmo é justo dizer da quasi totalidade dos escriptos.

Na segunda phase, todos esses phenomenos se vão accentuando progressivamente. O philosopho apparece mais comprehensivel n'*A Philosophia no Brasil;* o historiador, na *Interpretação Philosophica dos Factos Historicos,* e na *Introducção á Historia da Literatura;* o critico, principalmente, na *A Literatura Brasileira e a Critica Moderna;* o sociologista, no modo já superior de encarar as relações que guardam entre si os factos de ordem social ;o brasileirista, nos *Cantos e Contos Populares,* na*Ethnographia,* nos *Estudos sobre a Poesia Popular,* — indo tudo integrar-se na *Historia da Literatura Brasileira, centro do systema* — e que, na realidade, é uma historia *philosophica* e *critica,* animada pelo espirito *sociologico.* A evolução continúa. Integrações parciaes vão ter lugar, individualizando-se a obra do philosopho, a do historiador, a do critico e a do sociologista, como o demonstram *Doutrina contra Doutrina, Historia do Antigo Direito em Hespanha e Portugal, Ensaios de Philosophia do Direito, Ensaios de Sociologia, A Patria Portugueza, A America Latina, O Brasil Social...*

Não sei, entre nós, de vida espiritual mais bella, mais cheia de attractivos e de interesse para os criticos dignos deste nome.

E' possivel analysal-a muito bem segundo a ordem chronologica das producções do escriptor; mas é preferivel tomar separadamente cada um dos grandes aspectos enumerados da sua alma, estudando-o detidamente: evitam-se as fragmentações e as repetições. Depois, um trabalho mais accurado unificará todos elles, fundindo-os numa synthese superior.

***

Uma cousa logo chama a attenção dos que estudam a vida de Sylvio Roméro, impressionando bem: elle não teve a febre das exhibições prematuras, a mania das *precocidades*: não pensou jámais em ser *menino prodigio.* Quando publicou o primeiro trabalho (na *Crença,* jornal do Recife, Abril de 1870), contava já dezenove annos de idade.

E' elle mesmo quem o diz:

" No Recife, onde aportei em Janeiro de 1868, e onde per-
" maneci até 1876, levei os dous primeiros annos calado, no

" estudo das disciplinas que, até aos dias actuaes, me têm " preoccupado mais."

Dous annos calado... Attribuo isso não só á propria organização psychologica de Sylvio Roméro, mas tambem ao contacto delle com Tobias Barreto.

Eu me explico.

Sylvio não era propriamente um *literato,* isto é, um *artista da palavra.* Era, como já tenho dito tantas vezes, um philosopho, um historiador, um critico, um sociologista e um brasileirista. Natureza de pensador, detestava a superficialidade, o saber pela rama, e se comprazia no estudo penetrante das cousas, que elle via sempre como partes de um mesmo todo. Era homem das observações profundas. Chegando ao Recife antes dos dezesete annos, lá encontrou Tobias contando quasi vinte e nove, quartannista de direito, festejado como um dos primeiros poetas brasileiros de então, auctor de varios artigos de critica, e já com a intelligencia apparelhada para produzir escriptos como o *A proposito de uma theoria de S. Thomaz* (Abril de 1868) e *A theologia e a theodicéa não são sciencias* (Junho do mesmo anno). Tobias tinha um talento verdadeiramente superior, a cabeça cheia de idéas novas, e um modo de dizer inteiramente novo; era arrogante, impetuoso, conversador eximio, dotado, em summa, de muitas qualidades para triumphar. Sylvio, já por natureza inclinado a dar primazia ás idéas, a preferir o pensamento á phrase, ficou, em presença de Tobias, duplamente obrigado a se entregar a estudos serios, para então apparecer. E foi o que fez: entrou a estudar com a soffreguidão de um forte espirito sequioso de saber.

***

Affirmei que o auctor d'*A Philosophia no Brasil* não era propriamente um *literato,* isto é, um *artista da palavra.* Os seus dous livros de poesias só podem concorrer para dar força á minha affirmação, pois estão a dizer claramente que o seu auctor não era poeta. Dos *Cantos do Fim do Seculo* e dos *Ultimos Harpejos,* o que fica é a concepção, é o trabalho do pensador, que já no prefacio do primeiro desses volumes apparece consideravel, atirando o versejador para um plano muito

abaixo daquelle em que ficam os verdadeiros artistas do verso. Demais, durante o tempo em que esteve aqui estudando os preparatorios, Sylvio não poetou uma só vez. Transportando-se para o Recife, onde Castro Alves tinha acabado de cantar, e onde Tobias cantava ainda, continuou sem poetar, até que, passados aquelles dous annos de silencio, produziu o primeiro trabalho em prosa, traçando o programma de uma *nova poesia*, e logo depois... os primeiros versos.

E' significativo.

Se se tratasse de um legitimo poeta, o estro não teria ficado sem manifestação, á espera de uma fórmula; não teria a lyra solicitado á bussola do philosopho que lhe apontasse um norte...

Sylvio Roméro tambem não era orador, no verdadeiro sentido da expressão. Falava com facilidade e clareza, mas sem aquellas finas qualidades que distinguem o artista da oratoria. Elle proprio lastimava não as possuir, para reforçar a propaganda escripta das suas idéas com a propaganda oral.

Taes as razões por que não tratarei de Sylvio como *poeta*, nem como *orador*. Nos seus discursos, como nas suas poesias, a arte é nulla e por vezes negativa, ao passo que o espirito philosophico e critico assume proporções gigantescas.

Não me parece, outrosim, que o auctor dos *Ensaios* possa figurar especificamente como *jurista*. Eliminae dos seus escriptos de direito o que pertence ao philosopho, ao historiador, ao critico, ao sociologista, e tereis, manifestamente, um conjuncto de paginas em branco.

Eis a verdade.

Este livro não é um panegyrico: sou absolutamente desageitado para o genero. Este livro pretende ser uma obra de verdade e de justiça. Tratando de um grande brasileiro, que tem o nome inscripto, sem o minimo favor, no quadro das notabilidades sul-americanas, era natural que o seu auctor procurasse manter-se, como fez, no nivel da critica honesta, abominando ao mesmo tempo e com igual força tudo aquillo que lhe parecesse mentiroso e injusto.

Com este criterio, vae aqui estudado, nos cinco grandes aspectos da sua alma, o glorioso auctor da *Historia da Literatura Brasileira*.

São analysados successivamente o *philosopho*, o *historiador*, o *critico*, o *sociologista* e o *brasileirista*, comprehendendo o *ethnographista* e o *folklorista*; em seguida, um capitulo de synthese mostra como tudo isso está, por assim dizer, incluido no *evolucionista*; um outro capitulo diz propriamente do *escriptor*.

Até ahi, o trabalho é tão expositivo e explicativo quanto critico. Este ultimo ponto de vista, porém, predomina no capitulo final, onde o grande brasileiro é estudado em relação *ao seu paiz* e *ao seu tempo*.

* * *

Não quero fechar estas paginas introductivas sem prevenir uma objecção, pelo facto de não ter este livro um capitulo consagrado a Sylvio Roméro como *polemista*. Na realidade, é de causar estranheza áquelles que pensam como Araripe Junior, para quem o auctor da *Historia da Literatura Brasileira* não passava de um individuo que vivia a *polemicar* a proposito de tudo, de um irrequieto *combatente* e feroz *demolidor*. Mas semelhante juizo é absolutamente destituido de fundamento, como provarei á saciedade no ultimo capitulo deste livro, limitando-me, por emquanto, a dizer que subscrevo, sem restricções, as seguintes palavras de Clovis Bevilaqua — uma intelligencia e uma consciencia: "Na obra literaria de Sylvio, penso eu, a " polemica foi um incidente, como incidentes foram as muitas " batalhas que teve de sustentar e as demolições que foi coa- " gido a realizar."

E' isto mesmo. Impossivel dizer melhor. Não póde ser acoimado de polemista em essencia, — como erroneamente, apaixonadamente fez Araripe Junior — o homem que foi um grande e tenaz *propagandista* de idéas novas, um *reformador* e um *constructor*. Por via de regra, os que negam ao grande sergipano estas superiores qualidades para só lhe attribuirem aquelle defeito, não conhecem nem a decima parte da sua obra, vasta e complexa demais para ser julgada como se julgam artiguetes de jornal. O caso de Araripe Junior, que muito leu e estudou os trabalhos de Sylvio, e muitissimo nelles aprendeu, é mais de ordem moral do que intellectual.

A feição polemista de certa parte da obra do illustre brasileiro será apreciada e discutida como deve ser: *incidentemente.*

Julgo, pois, que a razão está toda commigo, quando affirmo que, estudado o auctor da *Historia da Literatura Brasileira* sob os cinco aspectos tantas vezes mencionados, ficará elle integralmente conhecido não só no que tem de verdadeiramente grandioso, mas tambem como factor do nosso desenvolvimento intellectual.

Aprecial-o como philosopho, historiador, critico, sociologista, brasileirista, e, além disso, como *poeta, orador, jurista, ethnographista, folklorista* e *polemista,* seria fazer obra de dispersão e de critica negativa.

Convém insistir neste ponto, recapitulando o que deixei exposto.

A polemica foi, na vida do escriptor, um *incidente,* para ainda uma vez repetir a phrase de Clovis Bevilacqua. O folklorista e o ethnographista estão *incluidos* no brasileirista e no sociologista. Este ultimo e mais o critico, o historiador e o philosopho *exhaurem* o jurista. Como orador e poeta, Sylvio não actuou de modo nenhum no meio intellectual brasileiro, por uma razão muito simples: *não era* nem uma nem outra cousa. Nas suas poesias, o philosopho e o critico falam pelo artista ausente; os seus rarissimos discursos não differem dos seus escriptos.

Esta é a verdade. Esta é a justiça.

SAMUEL DE OLIVEIRA.

BOCCATORTA

Os fidelissimos portuguezes do seculo 15 e adjacencias legaram aos mundos descobertos a pecha de attribuir aos santos uma tarefa onomastica bem pouco lisongeira ás funcções agiologicas da côrte celeste. De principio eram as terras recem-pisadas, e com ellas as ilhas, os golfos, as praias, as montanhas, e o mais respectivo a relevos geographicos que recebiam nomes tirados do alto.

Depois as cidades incipientes se foram nas mesmas aguas, e as ruas, os beccos infectos, as padarias, bodegas, botequins e outras baiúcas onde se furta no peso.

Não parou ahi o vicio. Desceu-se pelas miudezas domesticas abaixo até alcançar o porretinho de guatambú assado ao fogo, o qual virou S. Benedicto, e o arção das sellas que inda é hoje Santo Antonio.

Isto, no fundo, talvez commova até ás lagrimas o calendario; mas não deixa bem airados os santos varões. Não valeu a pena ao primeiro padecer martyrios beatificatorios para, mais tarde, apeado da peanha celestial, descer á terra transfeito em lenho, e andar para ahi nos disturbios a empolar gallos no coruto dos espancados. Nem ao segundo operar o milagre dos peixes para desfechar afinal em esteio de máus cavalleiros em transes de corcóvos.

As velhas fazendas não fugiram á praxe. Rara é a que toma nome d'algum estygma peculiar ao facies topographico, escapando desse modo á santificação. Ha-as, porém, e entre estas a fazenda do Atoleiro, propriedade do major João Lucas do Prado Botelho. A quarto de legua do arraial do mesmo nome, seus quinhentos alqueires de massapê vêm morrer á espalda do povoado, rente ao pequenino cemiterio de taipa.

De permeio entre este e um tracto de mattas virgens

dormita de papo acima o atoleiro que passara a perna aos santos. Pégo de insidiosa argila negra fraldejado por uma corôa de velhos guembês nodosos, a tabúa esvelta cresce-lhe pelo meio, muito viçada na folhagem erectil, como espadas verdes que as brisas tremelicam. Pela inflorescencia, longos hastis soerguem-se a prumo sustendo no apice um chouriço côr de telha que, maturado, se esbruga em paina esvoaçante. Entre seus talos correm batuiras ariscas de longo bico, de parceria com as corruilas do brejo, cujos ninhos bojudos ouriçam-se, tramados de aculeos, nos espinheiros marginaes.

Fóra disso rãs, mimbuias pensativas e, a rabear velocissima por sob as poças verdinhentas d'algas, a trahira, esse voraz esqualosinho do lodo. Um brejo, emfim, como cem outros.

Notabilisa-o, porém, a profundez. Ninguem ao vel-o tão manso e calmo sonha o abysmo trahidor occulto na verdura. Dois, tres varejões de bambú emendados que lhe tentem alcançar o fundo subvertem-se no lodo sem alcançar pé.

Além de varios animaes sumidos nelle, contava-se o caso tragico de um Simas, portuguez teimoso que, na birra de salvar um burro seu, já atolado a meio, se viu tragado lentamente pelo barro maldito. Desd'ahi ficou o atoleiro gravado na imaginativa popular como uma das boccas do proprio inferno.

Transposto o abysmo a vegetação encorpa até constituir a matta por cujo seio corre a estrada mestra da fazenda. Pela manhã daquelle dia estrupitára por ali, quebrando o silencio della, o troly do major, de volta com a familia d'uma semana santa passada fóra.

Além do velho, de sua mulher Don'Anna e de Christina, a filha unica do casal, vinha, em gozo de ferias, o doutorando Eduardo d'Almeida, primo longe e noivo da moça. E áquella hora o major em companhia do moço ouvia, na varanda, da bocca do Vargas, fiscal, a noticia do succedido durante a sua ausencia.

Já contára Vargas do café, da puchada dos milhos e estava agora na criação.

— Porcos têm sumido alguns. Uma leitôa rabicó e um capadete malhado dos "Polanchan" ha duas semanas que desappareceram. Para mim ninguem me tira da cabeça que o ladrão foi o negro, inda mais que essa criação costumava se alongar das bandas do brejo. Eu estou sempre dizendo: é

preciso tocar de lá o raio do maldelazento. Aquillo, Deus me perdôe, é bicho ruim inteirado. Mas não querem me acreditar...

O major sorriu. Vargas tinha ogerisa velha pelo misero Boccatorta, não perdia ensanchas de lhe attribuir maleficios, e de estumar o patrão a correr com elle das terras, que aquillo, Nossa Senhora, até enguiçava uma fazenda!

Eduardo indagou, curioso, do estranho personagem.

— Ah! exclamou o major, é o Boccatorta uma das curiosidades da fazenda. Este Boccatorta é um preto filho d'uma escrava de meu pae. Nasceu, coitado, disforme e horripilante como não ha noticia de igual. E' um monstro. De tão feio fugiu do mundo e ha muitos annos vive sosinho entocado no matto, donde sae raras vezes e sempre de noite. O povo diz delle horrores, que come crianças, que é bruxo, que tem parte com o diabo. Todas as desgraças acontecidas no arraial correm á conta delle. Para mim é um pobre diabo cujo crime unico é ser feio demais. Perdeu a medida, o infeliz, e está a pagar essa culpa.

Vargas interveiu cuspilhando com expressão de asco:

— Se o doutor o visse!... Que bicho! E' a coisa mais nojenta deste mundo!

— Tão feio como Quasimodo? chasqueou o moço.

— Esse não conheço, seu doutor, mas estou aqui estou jurando que o negro passa adiante do... como é?

Eduardo interessava-se pelo caso.

— Mas, Sr. Vargas, feio como? porque feio? explique-me lá essa feiura.

Vargas era um grande parola quando lhe davam trela. Entreparou um bocado e disse:

— O doutor quer saber como é o negro? Venha cá. Vossa Senhoria 'garre n'um juda de tabatinga e judie delle; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brazas allumiando; metta a faca nos beiços e saque fóra os dois; 'ranque os dentes e só deixe uns tocos; entorte a bocca de viez na cara; faça uma coisa desconforme, Deus que me perdôe. Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os pés. Quando cançar, descance. Corra o mundo campeando feiúra e applique os achados no estupor. Quando acabar 'garre no juda e ponha rente do Boccatorta. Sabe o que acontece? O juda fica lindo!

— Irra! exclamou Eduardo casquinando, você exaggera Sr. Vargas, não será tanto assim, o diabo não ha de ser tão medonho como você o pinta!

— Homem, seu doutor, quer saber? Contando não se acredita. Aquillo é feiura que só vendo!

— Nesse caso quero vel-o. Um horror dessa marca merece estudo e vale bem uma pernada.

Neste comenos assomou Christina á porta, que o café estava na mesa.

— Sabe? foi-lhe dizendo o noivo, temos um bello passeio em perspectiva, vamos desentocar um gorilha que diz o Vargas é o bicho mais feio do mundo.

— Boccatorta? exclamou Christina com um reverbero d'enojo no rosto. Nem me fale nisso! Só o nome dessa creatura me põe arrepios pelo corpo.

E contou o que sabia delle. Boccatorta representára papel saliente na imaginação da moça. Pequenita, amedrontavam-n'a as mucamas com o papão, e o papão era Boccatorta. Mais tarde, com ouvir ás creoulinhas todos os horrores correntes á conta dos seus bruxedos, a menina ganhou inexplicavel pavor ao noctambulo. No collegio, lembrava-se, houve tempo em que todas as noites um mesmo pesadello a atropelava: Boccatorta, hediondo, a perseguil-a, e ella, em transes, a fugir. Gritava por soccorro, mas a voz morria-lhe estrangulada na garganta. E despertava arquejante, exhausta, lavada em suores frios. Curou-se com o tempo mas a obcessão vincára fundos vestigios em su'alma.

Ir-vel-o agora? Não seria provocar o retorno dos pesadellos a cuja simples lembrança estremecia ainda de horror?

Eduardo insistia.

— E' o meio de te curares de vez. Nada como o aspecto crú da realidade para desmanchar os exaggeros da imaginação. Vamos todos, em farrancho, e asseguro-te que a piedade te fará ver no espantalho em vez do monstro, um simples desgraçado digno do teu soccorro.

Christina consultou-se por uns momentos, e,

— Póde ser, disse, talvez vá, mas não prometto. Na hora veremos... se ha coragem. Agora, café. Café meu pae. Sr. Vargas?...

A maturação do espirito, em Christina, desbotára a vivacidade nevrotica dos terrores infantis. Inda assim vacilava. O medo antigo renascia, como renasce a encarquilhada rosa de Jerichó por influição de humilima gotta d'agua. Medo... não saberia hoje dizer de que. Vexada de surgir aos olhos do noivo tão infantilmente medrosa, deliberou que iria, mas uma imperceptivel sombra annuveou seus olhos desde esse instante.

Ao jantar foram assumpto as novidades do arraial, eternas novidades de aldeia, o fulano que morreu, a sicrana que casou. Casára um boticario e morrera a Luizinha Meira, menina de quatorze annos, muito chegada á gente do major. Condoida particularmente, Don'Anna não a tirava da ideia.

— Pobre da Luizinha! Não me sae dos olhos o geitinho della, tão galante, quando cá veiu pelas jaboticabas, ali, áquella porta — Dá licença Don'Anna? — tão cheia de vida, tão vermelhinha do sol... Quem diria?!...

— E inda por cima a tal historia do cemiterio... interveiu Christina. Papai soube?

Corriam no arraial rumores macabros. O coveiro no dia seguinte ao enterramento topou a sepultura remexida, como se a violassem durante a noite, e viu na terra fresca pegadas mysteriosas de uma "coisa" que não seria bicho nem gente deste mundo.

Já d'uma feita succedera caso identico por morte, annos atraz, da Sinházinha Esteves, mas todos duvidaram da integridade dos pobres miolos de um coveiro sarapantado.

Esses incréus, entretanto, não mofavam agora do visionario, porque o padre e outras pessoas de boa cabeça, chamadas a testemunhar o facto, confirmavam-n'o.

Eduardo, imbuido do scepticismo bacharelesco dos moços de cidade grande, metteu a riso o caso com muita fortidão de espirito.

— A gente da roça duma folha d'embaúva pendurada no barranco, faz logo pelo menos um lobishomem ou tres mulas sem cabeça. Esse caso do cemiterio: um cão vagabundo entrou lá e arranhou a terra. Está ahi todo o grande mysterio!

Christina objectou:

— E os rastos?

— Os rastos? Estou a apostar em como os taes rastos são

rastos do proprio coveiro. O terror impediu-lhe de reconhecer o molde do casco...

— E o padre Lysandro? acudiu Don'Anna para quem um testemunho tonsurado era documento de muito acato.

Eduardo cascalhou uma risada anticlerical e trincando um rabanete expectorou:

— Ora o Padre Lysandro! Pelo amor de Deus, Don'Anna! O Padre Lysandro é o proprio coveiro de batina e corôa! A proposito...

E contou a proposito varios casos daquella marca que no correr do tempo vieram-se a explicar naturalmente com grande cara d'asno dos coveiros e Lysandros respectivos.

Christina ouviu, com o espirito longe dalli, absorta em scismas, a bella demonstração geometrica. Don'Anna concordou da bocca para fóra, — por amabilidade. Mas o major, esse não piou nem sim nem não. A experiencia da vida ensinara-lhe a não affirmar com despotismo nem negar com "oras".

— Ha muita coisa exquisita neste mundo... dizia, traduzindo involuntariamente a safada replica do principe indeciso ao cabeça forte do Horacio.

Zangára o tempo quando, á tarde o rancho encaminhou-se rumo ao casebre de Boccatorta.

Ventava. Rebojos de nuvens pardas estrangulavam as ultimas nesgas d'azul. Os noivos breve se distanciaram dos velhos, que a passos tardos seguiam commentando a boa composição do futuro casal.

Não havia nisso exaggero de paes. Eduardo, comquanto vulgar, tinha a esbelteza necessaria para ouvir sem favor o encomio de rapagão e Christina era um ramalhete completo de todas as graças que os dezoito annos sabem compor.

Donaire, elegancia, distincção... pintam lá vocabulos esbeiçados pelo uso esse punhado de "ques" particularissimos cuja somma a palavra "linda" totalisa?

Labios de cereja, ou de café em cereja para gaudio da côr local, a magnolia da pelle accesa em rosas na face, olhos sombrios como a noite, dentes de perola... as velhas tintas de uso em retratos femininos desde a Sulamita não pintam melhor

que o "linda!" dicto sem mais enfeites além do ponto admirativo.

Vel-a mordiscando o hastil duma panicula roxa de catingueiro, colhida á beira do caminho, ora risonha ora séria, a côr das faces mordida pelo vento frio, madeixas louras a brincarem-lhe nas temporas, vel-a assim tão formosa no quadro agreste duma tarde de Junho era comprehender a expressão dos roceiros: é linda que nem uma santa.

Olhos, sobretudo tinha-os Christina de alta belleza. Naquella tarde, porém, as sombras de sua alma coavam nelles penumbras de estranha melancholia. Melancholia e inquietação. O amoroso enlevo de Eduardo arrefecia amiude ante as repentinas fugas da sua alma. Elle a percebia longe de si, ou pelo menos introspectiva em excesso, reticencia que o amor não vê de boa cara. E á medida que caminhavam recrescia aquella exquisitice. Um como intactil morcego diabolico riscava-lhe a alma de voejos presagos. Nem o estimulante das brisas asperas, nem o "cheiro de natureza" exsolvido da terra, nem a ternura do noivo eram de molde a esgarçar a mysteriosa bruma de lá dentro.

Eduardo notou-o por fim, e, inquieto:

— Que tens hoje, Christina? Tão sombria...

E ella, num sorriso triste:

— Nada!... Porque?

Nada... E' sempre nada quando o que quer que é lucila avisos informes na escuridão do subconsciente, como os ziguezagues subtilissimos do sismographo em prenuncios de remota commoção tellurica. E esses nadas são tudo!...

— A' esquerda, pelo trilho.

A voz do major chamou-os á realidade. Um carreiro mal batido na macega esgueirava-se em colleios até á beira d'um corrego onde se reuniram de novo.

O major tomou a frente e guiou-os matta a dentro pelos meandros d'uma velha picada.

Era aquelle o matto sinistro onde se alapavam Boccatorta e o seu cachorro lazarento, Merimbico, nome tresandante a satanismo para o fáro do povileu, sem que se soubesse porque. A's sextas-feiras, na voz corrente no arraial, Merimbico virava lobishomem e se punha de ronda ao cemiterio com muitos uivos

macabros e aboccamentos ás pobres almas penadas. Coisa muito de arrepiar.

O sombrio da matta anoiteceu de vez a alma de Christina.

— Mas afinal para onde vamos, meu pae? Afundar no atoleiro como o Simas? Meu pae já fez testamento?

— Já, filha, chasqueou o major, folgasão, e deixo o Boccatorta para ti.

Christina emmudeceu. Retransia-a em doses crescentes um medo, o velho medo de outr'ora e foi com um estremecimento arripiado de corpo que ouviu o ladrido proximo de um cão.

— E' Merimbico, disse o velho, estamos quasi.

Mais cem passos e a matta rasgava-se de uma clareira em cujo centro Christina viu a biboca do negro.

Fez-se pequenina a moça e achegou-se de Don'Anna, apertando-lhe nervosamente as mãos.

— Bobinha! Tudo isso é medo?

— E' peior que medo, é... não sei o que!

Não tinha feição de moradia humana a alfurja do negro. A' laia de paredes paus a pique, mal juntos, entresachados de ramadas seccas. Por cobertura, presos com pedras chatas, molhos de sapê no fio, defumado e podre. Em redor, um terreirinho atravancado de latas ferrujentas, trapos e cacaria velha. Como entrada um buraco por onde mal passaria um homem de agacho.

— Olá, ó caramujo! Sae da toca que está cá o sinhô moço e mais visitas! gritou o major.

Respondeu de dentro um grunhido cavo. Ao ouvir tão desagradavel som, Christina sentiu correr na pelle o arrepio dos pesadelos antigos, e num incoercivel movimento de pavor abraçou-se com a mãe.

O negro saiu da cova meio de rastros com a lentidão de monstruosa lesma. A principio surdiu uma gaforinha arruçada, depois o tronco e os braços e a traparia immunda que lhe escondia o resto do corpo, entremostrando, nos rasgões, o negror da pelle craquenta.

Christina escondeu o rosto no hombro de Don'Anna, — não queria, não podia vêr.

Boccatorta excedia a toda pintura. A hediondez personificára-se nelle, residindo sobretudo na monstruosa deformação da bocca. Não tinha beiços e as gengivas largas, violaceas, com

raros cotos de dentes bestiaes fincados ás tontas, mostravam-se crúas, qual enorme chaga viva. E torta, posta de viez na cara, num esgar diabolico, resumia o que a teratogenese póde compôr de mais horripilante. Embora se estampasse nella quanto fosse preciso para dar áquella creatura a culminancia da ascosidade, a natureza malvada não ficára nisso, e dera-lhe pernas cambaias, e uns pés deformados que não lembravam nem remotamente a fórma do pé humano. E olhos vivissimos, que pulavam das orbitas empapuçadas, veiados de sangue na esclerotica amarella. E pelle grummosa, escamada de escaras cinzentas... Tudo nelle rompia com o equilibrio normal do corpo humano e se disparatava em desconchavos absurdos, como se a teratologia caprichasse em crear a sua obra prima.

A' porta do casebre Merimbico, cachorro vulgar todo ossos, pelle e sarna, rosnava contra os insolitos importunos que vinham perturbar-lhes o insulamento.

Don'Anna e a filha retiraram-se, engulhadas. Só os dois homens resistiam á nauseante visão das duas creaturas proscriptas da harmonia por um mesmo fado.

A Eduardo tolhia-o uma emoção jámais sentida, mixto de asco, de piedade e de horror. Aquelle quadro de suprema repulsão, novo para os seus nervos, desnorteava-lhe as idéas. Estarrecido como em face da Gorgona, não lhe acudia palavra que dissesse.

O major, entretanto, trocava lingua com o monstro, que, em certo ponto a uma pergunta alegre do velho arregaçou na cara um riso. Eduardo não teve mão de si; aquelle riso naquella cara excedia á sua capacidade de horripilação. Voltou o rosto enojado e se foi para onde as mulheres, fóra da clareira, murmurando:

— E' demais! E' demais! E' de fazer mal aos nervos mais solidos!

Seus olhos encontraram-se com os de Christina e Eduardo leu nelles uma expressão tal de pavor — pavor de avesinha engrifada nas púas da suindára — que se arrependeu no fundo d'alma de haver promovido semelhante passeio.

Quando sairam da floresta, morria a tarde sob a chibata

de um vento precursor de chuva imminente. Don'Anna arreceou-se pela filha.

— Foi imprudencia, Christina, vires sem, ao menos, um chalinho de cabeça. Queira Deus!...

A moça não emittiu palavra. D'olhos baixos, retransida, aspirava a largos haustos o ar gelado para desopressão d'um aperto de coração nunca padecido fóra dos pesadellos.

O silencio generalisara-se. Só o major tentava espanejar a impressão penosa, chasqueando ora o terror da filha ora o asco do moço, mas breve calou-se tambem, ganho pelo mau estar geral.

Triste anoitecer o daquelle dia, picado a espaços, pelo revôo surdo dos curiangos...

O vento zunia e numa lufada trouxe da matta sinistra o uivo remoto de Merimbico. Um commentario unico escapou á bocca do major:

— Diabo!

Fechára-se a noite e cahiam as primeiras gottas de chuva quando pisaram o alpendre do casarão. Christina sentiu nesse momento um calafrio unico sacudir-lhe o corpo inteiro como se o convulsionasse a corrente eléctrica.

No dia immediato a moça amanheceu febril, com ardores no peito e tremuras amiudadas. Tinha as faces vermelhas e a respiração oppressa. O reboliço foi grande na casa.

Eduardo, mordido de remorsos, compulsava com mão nervosa um velho Chernoviz tentando descobrir o mal de Christina, mas perdia-se sem bussola, no barathro das molestias.

Nesse em meio Don'Anna exgottava o arsenal da medicina anodina dos simplices caseiros. O mal, entretanto, recalcitrava ás chasadas e sudoriferos.

Chamou-se o boticario da villa. O boticario veiu de galopada e diagnosticou pneumonia, como se receava. Quem já não assistiu a uma dessas desgraças subitaneas que de golpe se abatem, qual negro avejão de preza, sobre uma familia feliz, e estraçoa-lhe quanto representa nella a alegria, a esperança, o futuro? As noites em claro, os dias morosos, as janellas cerradas, cochichos pelos cantos, o rumor dos passos

abafados... E o doente a peiorar... O medico da casa, chamado ás pressas, que se mostra apprehensivo, com vincos na testa... E o duello contra a molestia incoercivel... E a desesperança final, o irremediavel antolhado imminente, a morte presentida em ronda á casa...

Ao oitavo dia Christina foi desenganada e ao nono o sino do arraial plangia o seu prematuro fim.

— Morta!...

Eduardo escondia as lagrimas entre as almofadas do leito repetindo cem vezes a mesma palavra.

— Morta!...

Alcançava-lhe agora o significado tremendo, e, no emtanto, quantas vezes a ouvira como a um som vazio de sentido! A imagem de Christina morta a esfervilhar na dissolução, sob a terra gelada, contrapunha-se ás visões da Christina viva, toda mimos d'alma e corpo, radiosa manhã humana de cuja luz se lhe impregnára a alma.

Cerrando os olhos revia-a pelo seu braço, durante o passeio funesto, envolta nas brumas mysteriosas dum vago presentimento. E recordava suas palavras dubias, sua vacillação. E arrepelava-se de a não ter comprehendido, de não ter adivinhado na repulsa da moça os avisos informes de qualquer coisa subconsciente que tenazmente a defendia. Taes pensamentos enxameavam entorno á carne viva da sua dôr coando nella venenos crueis. Fóra, o sol redoirava cruamente a vida.

Brutalidade!...

Morria Christina e não se desdobravam crepes pelo céu, nem murchavam as folhas das arvores, nem se recobria de cinzas a terra!...

Revoltado contra a indifferença das cousas Eduardo fechou-se na clausura de si proprio, torvo e dolorido, sentindo-se amarfanhar sob a pata bruta do destino.

Passaram-se as horas.

Noite alta acudiu-lhe a idéa de correr ao cemiterio e beijar num ultimo adeus o tumulo de Christina.

Fluctuava pela natureza adormecida o pallor cinerio da mingoante. Raras estrellas no céu e na terra nenhum rumorejo

além do remoto uivar de um cão — talvez Merimbico — e do concerto das untanhas coaxando glu-glus nas aguadas.

Eduardo alcançou o cemiterio.

Estava encadeado o portão.

Encostando a testa aos frios varões de ferro seus olhos queimados de lagrimas mergulharam por entre os humildes carneiros em busca do que escondia Christina.

Pairava por ali um silencio de eternidade. A espaços as brisas lhe traziam o olor acre dos cravos de defunto, que em moitas enfloravam aquelle triste cemiterio de aldeia.

Seu olhar pervagava de cruz em cruz na tentativa de atinar o sitio onde ella dormia o grande somno quando um rumor suspeito lhe feriu os ouvidos. Dirieis um arranhar da terra em raspões cautelosos aos quaes se casava o resfolego soffrego d'uma creatura viva. Pulsou-lhe violento o coração. Os cabellos cresceram-lhe na cabeça.

Allucinação?

Apurou os sentidos: o rumor estranho lá continuava vindo de um ponto sombreado de cyprestes. Firmou a vista: qualquer cousa movia-se no chão, agachada.

Subito, num clarão, fulgurou em sua memoria a scena do jantar, o caso da Luizinha, as palavras presagas de Christina, e ganho de um panico desvairado o moço deitou a correr, como louco, rumo da fazenda, em cujo casarão penetrou de pancada, sem folego, arquejante, lavado em suores frios, despertando de sobresalto a familia adormecida.

E com gritos de pavor que o cansaço e o bater dos dentes entrecortavam:

— Estão desenterrando Christina!... — exclamou. Eu vi uma coisa desenterrando Christina!... Eu vi!...

O major acudiu estrouvinhado:

— Que loucura é essa, moço? Está delirando?

— Eu vi!... continuava Eduardo, com os olhos desmedidamente abertos. Eu vi uma coisa desenterrando Christina!...

O major apertou a testa entre as mãos. Esteve assim, immovel, uns instantes. Depois sacudiu a cabeça num gesto de decisão, e horrivelmente calmo murmurou entre os dentes cerrados como em resposta a si proprio:

— Ha de ser isso mesmo... E eu que...

Vestiu-se de golpe, metteu no bolso o revólver e atirando tres palavras enigmaticas á estarrecida Don'Anna gritou para Eduardo com inflexão de aço na voz:

— Vamos!

O moço magnetisado pela energia do velho seguiu-o qual sombra.

O major correu ao terreiro e despertou o capataz.

— Venha commigo. A coisa está no cemiterio.

Vargas saltou para fóra de foice na mão.

— Vae vêr que é elle, patrão. Até juro!

O major não respondeu, e os tres homens partiram a correr pelos campos em fóra.

A meio caminho Eduardo já exhausto de tantas commoções atrazou-se. Seus musculos recusavam-lhe obediencia. Ao defrontar com o atoleiro a perna fraqueou-lhe de vez e o moço cahiu, offegante.

Entrementes o major e o feitor alcançam o cemiterio. Galgam o muro, cautelosos. E approximam-se como gatos do tumulo de Christina.

Um quadro hediondo antolha-se-lhes de brusco: um corpo branco, nú e inerte, jazia no chão e enleado nelle um vulto vivo, negro como um polvo.

O pae de Christina desferiu um rugido de fera, e qual fera mal ferida arrojou-se para cima do monstro como um dardo. A hyena, mau grado a surpreza, escapou ao bote e fugiu. E coxeando, cambaio, semi-nú, tropeçando nas cruzes de pau, deixando frangalhos de trapo nas aspas das cruzes de ferro, galgando tumulos com agilidade inconcebivel em semelhante creatura, Boccatorta galgou o muro e fugiu seguido de perto pela sombra esganiçante de Merimbico.

Eduardo concentrava todas as forças para perceber o desenlace do drama, quando viu passar rente de si o vulto asqueroso do necrophilo e sumir-se na massa rendilhada dos velhos guembês.

Voando-lhe no encalço viu passar em seguida o vulto dos perseguidores.

Houve uma pausa em que só lhe feriu os ouvidos o rumor da correria.

Depois, gritos de colera d'envolta a um grunhir de queixada cahido em mundéo — e tudo se misturou no barulho

d'uma lucta que o uivo intercadente de Merimbico dominava lugubremente.

O moço correu a mão pela testa gelada: estaria sob as garras dum pesadelo? Não era sonho. Disse-lh'o a voz alterada do feitor esboçando o epilogo da tragedia:

— Não atire! Não merece. P'ra que serve o barro?

E logo após sentiu recrudecer a lucta, entre imprecações de colera e os grunhidos cada vez mais lamentosos do monstro.

E ouviu farfalhar o matto como se arrastassem por elle um corpo manietado a debater-se em estorcegões violentos.

E ouviu um rugir de supremo desespero.

E após, o baque fôfo de um fardo que se atufa na lama.

Uma vertigem escureceu-lhe a vista, os ouvidos cessaram de ouvir, o pensamento adormeceu...

Quando voltou a si dois homens borrifavam-lhe a cara d'agua gelada. Encarou-os marasmado. Ergueu-se mal firme, apoiado a um delles. E conheceu a voz do major que lhe dizia entre arquejos:

— Seja homem, moço. E... vamos enterrar Christina.

Ao raiar do dia, Merimbico ainda lá estava sentado nas patas trazeiras a uivar de olhos postos no sitio onde sumira o seu companheiro.

Nada mais lembrava a tragedia nocturna nem denunciava o tumulo de lodo açaimador da hedionda bocca que babujára nos labios frios de Christina o beijo unico da sua vida.

MONTEIRO LOBATO.

TEIXEIRA DE FREITAS

A intellectualidade brasileira celebra a 19 de Agosto de 1916 o centenario do principe dos jurisconsultos patrios.

Tal commemoração é de toda justiça, não precisa ser justificada. Teixeira de Freitas é uma figura de tal modo superior ao seu tempo, de uma cultura juridica e de uma audacia de pensamento em desproporção tal com o meio em que viveu, que basta por si só para honrar uma patria e encher de orgulho a nacionalidade que o produziu.

Dir-se-ia uma arvore gigantesca e frondosa, surgindo em terreno ingrato e safaro, vencendo todas as resistencias pelo proprio e exclusivo vigôr, dominando tudo em derredór pela sua altitude, e produzindo fructos de uma excellencia e novidade proclamadas por todos, nacionaes e estrangeiros, capazes de os saborear e julgar.

Vamos tentar esboçar em pallidos traços o jurisconsulto e o homem.

O JURISCONSULTO

A impressão de incontestada supremacia que Teixeira de Freitas deixou nos homens de sua geração é attestada por todos os escriptores de Direito Patrio.

"Advogado quasi sem competidores, solicitado por consultantes de todas as provincias, muitas vezes por collegas e juizes", diz Coelho Rodrigues.

"Talento de incomparavel grandeza", qualifica-o Lacerda de Almeida.

"A mais poderosa e fulgente condensação da sciencia juridica no Brasil", diz João Monteiro.

"Sabio e eminente jurisconsulto, que, como a mestre, estamos habituados a respeitar", assim a elle se refere Lafayette.

Tal foi a aureola que cercou o nome do grande jurisconsulto, desde a publicação da *Consolidação das Leis Civis* e da monumental introducção que lhe serve de portico magestoso.

"A obra immortal de Teixeira de Freitas", é como lhe chama Carlos de Carvalho.

"Os trabalhos do sr. dr. Teixeira de Freitas, diz Lafayette, pela profundidade das investigações, pela audacia do pensamento e pela riqueza de erudição, competem com o que de melhor se tem publicado no estrangeiro."

Entretanto, foi o mesmo Lafayette quem mais atacou a celebre classificação dos direitos em *reaes* e *pessoaes*, que Teixeira de Freitas apresenta e desenvolve na introducção á *Consolidação das Leis Civis*.

Essa classificação parece, com effeito, *não preencher os intuitos da sciencia*, como diz Lafayette, pois que ha instituições de direito civil, como a successão, que não podem ser incluidas em qualquer daquellas classes, visto como abrangem ao mesmo tempo direitos reaes e pessoaes.

Seja como fôr, o que não se póde negar é a originalidade da concepção, a capacidade de generalisação e a força creadora do jurisconsulto, qualidades que só o verdadeiro genio póde apresentar.

Os proprios escriptores extrangeiros fizeram essa justiça ao grande mestre.

"Quoiqu'il en soit, diz Raoul de la Grasserie, cette classification generale est neuve et digne d'attirer l'attention."

Esta impressão causada pelas paginas immortaes da introducção á *Consolidação da Leis Civis*, augmentou ainda com a publicação do projecto de Codigo Civil, de que o eximio jurisconsulto fôra encarregado pelo governo imperial, em 1859.

"O projecto Teixeira de Freitas, diz Clovis, apreciado mesmo na sua fórma de esboço, que não era ainda a definitiva no pensamento do jurista, é um edificio de grandes proporções, (4.908 artigos) e de extraordinaria solidez, talhado sobre a rocha dos bons principios pela mão vigorosa de um artista superior e, ao mesmo tempo, recortado internamente por excessivas minucias, que talvez desapparecessem, quando o autor retirasse da obra os andaimes que alli puzera, emquanto lhe

erguia as altas muralhas. A analyse, a decomposição dos principios foi conduzida com admiravel vigôr e segurança, mas, procurando traduzir as relações de Direito Civil em todas as suas infinitas variações, por um preceito legal, foi mais longe do que convinha a uma obra legislativa."

Porque, então, não logrou o immortal jurisconsulto levar a cabo a sua portentosa empresa?

E' este o ponto maximo, o ponto culminante e tambem o mais doloroso da vida do excelso patricio.

Coelho Rodrigues acha que o trabalho da *Consolidação* fôra, talvez, mais difficil de realisar do que o projecto de Codigo Civil, opinião que não nos parece fundada.

"Na *Consolidação,* como diz Joaquim Nabuco, o genio de Teixeira de Freitas tinha tido que se soffrear, que se curvar á lei escripta, á rotina dos tribunaes, á estreiteza da velha jurisprudencia, ás vezes obsoleta; fôra apenas chamado a repetir, não a reformar a lei existente, a renoval-a com maior clareza e individuação, qualquer que fosse o seu defeito intrinseco, a sua incongruencia e insufficiencia perante a nossa épocha; no Codigo Civil podia, porém, exercitar as suas faculdades creadoras, dar a sua medida; não tinha mais que se escravisar ás idéas e ás formas do passado; tinha a mais ampla liberdade, podia adaptar a sua concepção do Direito, como a sua imaginação lhe inspirasse, ás condições reaes do nosso paiz, transformar-lhe mesmo o seu destino, tal fosse o seu genio."

E com effeito, assim foi. Já ao fazer a *Consolidação* a audacia do pensamento do insigne jurisconsulto déra a sua medida quando deliberára excluir do seu livro, para formar corpo separado, as leis sobre a escravidão.

"Cumpre advertir, diz elle, que não ha um só lugar do nosso texto, onde se trate de *escravos.* Temos, é verdade, a escravidão entre nós; mas, se esse mal é uma excepção, que lamentamos, condemnado a extinguir-se em épocha mais ou menos remota, façamos tambem uma excepção, um capitulo avulso na reforma das nossas leis civis; não as maculemos com disposições vergonhosas, que não podem servir para a posteridade: fique o *estado de liberdade* sem o seu correlativo odioso. As leis concernentes á escravidão serão, pois, classificadas á parte, e formarão nosso *Codigo Negro.*"

Só um grande espirito e um grande coração poderiam ter o descortino e a coragem precisos para assim pensar e escrever em 1858, treze annos antes da libertação do ventre escravo, trinta annos antes da lei 13 de Maio!

Foi esse mesmo descortino, essa mesma coragem, só proprios do genio, que produziram mais tarde o dissidio entre o grande jurisconsulto e o governo imperial, sobre o methodo a seguir na confecção do nosso Codigo Civil, e o levaram a abandonar os trabalhos á que havia consagrado o melhor do seu esforço e da sua intelligencia.

Assignado o contracto com o governo em Janeiro de 1859, Teixeira de Freitas tinha quasi completa a sua obra em 1866, como elle mesmo explicava em carta ao ministro da Justiça (Martim Francisco): "Correm já publicados 3.702 artigos; estão impressos na typographia de Laemmert 1.314 artigos e, portanto, ahi temos promptos 5.016 artigos, dois mil mais do que, exceptuado o codigo da Prussia, contém os codigos conhecidos."

Pequena distancia, portanto, separava o egregio codificador do alvo collimado: mais um esforço, e teria attingido a méta sonhada, dotando a patria com um codigo que traria o seu nome e o immortalisaria para sempre.

E' então que, na phrase de Joaquim Nabuco, um irremediavel antagonismo se manifesta entre o auctor e a obra já feita.

"Depois de demorada concentração no estudo do Direito Civil, a possante mentalidade de Teixeira de Freitas sentiu necessidade de expandir-se num circulo de maior diametro, de abandonar a crypta da analyse por onde se havia internado e remontar ás altitudes da generalisação.

"Tomando novo surto o seu pensamento, pareceu-lhe apoucada e mesquinha a empreza á que dedicára tanto labôr e, em vez de um codigo civil, ambicionou redigir um codigo geral que abrangesse todo o Direito Privado." (Clovis, *Introd.* ao Proj. do Cod. Civil, pag. 8).

Em homenagem á sua grande memoria, transcrevamos as palavras immortaes com que elle expunha ao governo, a 20 de Setembro de 1867, o seu plano de um codigo geral, *que domine a legislação inteira,* sem o que recusava-se a continuar no tra-

balho da redacção de um simples projecto de Codigo Civil, por estar convencido de que *a empreza exigia diverso modo de execução.*

"Ha desharmonia profunda, exmo. sr., entre o meu pensamento actual sobre taes assumptos e as vistas do governo imperial.

"Está satisfeito o governo com os trabalhos de que já tem conhecimento, e o autor mal contente. Deseja o governo a terminação do trabalho impresso, como se fôra o contractado *projecto de Codigo Civil,* e jamais passou pela imaginação do autor, nem é de seu caracter, dar por *projecto do Codigo Civil* o que elle só compuzéra como ensaio e lealmente publicára sob o titulo de *esboço.* O governo espera por um *projecto de Codigo Civil* no systhema desse esboço, systhema traçado no meu contrato de 1.º de Janeiro de 1859, e para mim já não ha possibilidade de observar tal systhema, convencido como estou de que a empresa quer diverso modo de execução. O governo quer um projecto de Codigo Civil para reger como subsidio ao complemento de um Codigo de Commercio, intenta conservar o Codigo Commercial existente, com a revisão que lhe destina, e *hoje as minhas idéas são outras, resistem invencivelmente a essa calamitosa duplicação de leis civis, não distinguem no todo das leis desta classe algum ramo que exija um codigo de commercio.*

"O governo só pretente de mim a redacção de um *projecto de Codigo Civil,* e eu não posso dar esse codigo, ainda mesmo comprehendendo o que se chama *direito commercial, sem começar por um outro codigo, que domine a legislação inteira.*

"Não ha typo para essa arbitraria separação de leis, á que deu-se o nome de *Direito Commercial* ou *Codigo Commercial,* pois que todos os actos da vida juridica, exceptuados os beneficos, podem ser commerciaes ou não commerciaes, isto é, tanto podem ter por fim o lucro pecuniario como outra satisfação da existencia. Não ha mesmo alguma razão de ser para tal selecção de leis, pois que em todo o decurso dos trabalhos de um codigo civil apparecem raros casos em que seja mister distinguir o fim commercial dos actos por motivo de diversidade nos effeitos juridicos.

"Entretanto, a inercia das legislações, ao inverso do progressivo desenvolvimento das relações juridicas, formou len-

tamente um grande deposito de usos, costumes e doutrinas, que passaram a ser leis de excepção, e que de leis passaram a ser codigos, com seus tribunaes de jurisdicção restricta e improrogavel. Eis a historia do Direito Commercial! Eis falsificada a instrucção juridica e aturdidos os espiritos com a frivola anatomia dos actos, até extrahir-lhes das entranhas o delicado criterio. O meio de sahir de taes embaraços, de sanar tantos inconvenientes, de reparar os erros do passado, de fixar os conhecimentos juridicos, de estabelecer a unidade da legislação e de extremar os verdadeiros limites da Codificação Civil, só o acharemos na composição de dois codigos, cujas divisões capitaes vêm a ser:

CODIGO GERAL

Livro Primeiro: Das Causas Juridicas
Secção 1.ª: Das Pessôas
Secção 2.ª: Dos Bens
Secção 3.ª: Dos Factos.
Livro Segundo: Dos Effeitos Juridicos.

CODIGO CIVIL

Livro Primeiro: Dos Effeitos Civis
Livro Segundo: Dos Direitos Pessoaes
Livro Terceiro: Dos Direitos Reaes.

"Tal é o plano que nos permittirá erigir um monumento glorioso, plantar a verdadeira base da Codificação, prestar á sciencia um serviço assignalado. Só elle corrigirá o vicio de quasi todos os trabalhos legislativos, que é o de tomar a parte pelo todo, o que frequentemente se faz por tudo o que se póde fazer!!"

Assim, a unificação do Direito Privado, a extensão da fallencia aos não commerciantes, idéas que só modernamente têm sido defendidas e acceitas, o nosso glorioso patricio em um lance genial, descortinando o futuro, já as lobrigára em 1867, antes de Endemann e Dernburg na Allemanha, de Bolaffio e Vivante na Italia, de Thaller e Yseux em França.

Basta este facto para collocar Teixeira de Freitas entre os grandes juristas de que falla Edmond Picard, fundadores do direito, *juris conditores,* na phrase dos romanos, os quaes, pela força do seu genio, têm a comprehensão antecipada das necessi-

dades juridicas da sociedade, *conhecendo* a verdade, quando o resto dos homens só tem d'ella o sentimento vago. (*Le Droit Pur,* § 148).

Da impressão que estas idéas causaram em 1867 nos dá noticia Joaquim Nabuco, por estas palavras suggestivas:

"A proposta figurava-se a quasi todos como uma aberração intellectual; a principio, o governo lhe não deu solução, talvez para não melindrar a Teixeira de Freitas, mas, passando-se os annos, e acreditando-se que o seu grande espirito estava affectado, Duarte de Azevedo, ministro da Justiça no gabinete Rio Branco, resolve em 1872 regeitar a idéa dos dois codigos, um geral, outro civil."

E' preciso, entretanto, notar que as novas idéas do grande jurisconsulto foram bem acolhidas pela secção de justiça do Conselho d'Estado, graças ao prestigio de Nabuco, que foi o relator do parecer. Eis as suas palavras:

"A Secção reconhece que a codificação proposta é uma coisa nova. Mas, na Legislação como na sciencia, as idéas por novas não devem ser repellidas *in limine*, mas pensadas e estudadas.

"A nova idéa é de difficil execução, mas não deve ser por isso repellida *in limine*, quando quem se propõe a executal-a é o bacharel Augusto Teixeira de Freitas, que tantos abonos tem dado da sua alta capacidade. Que inconvenientes ha em que o governo ajude e facilite a grande concepção do autor? Não pede elle augmento de despesa. Não é de uma lei que elle está encarregado, mas de um projecto sujeito ao exame de uma commissão, e que póde ser regeitado se não preencher seu fim. Haverá demora, mas uma demora compensada pela possibilidade de uma invenção, que póde dar gloria ao autor e ao paiz. A secção de justiça é, portanto, de parecer que seja acceita a proposta, a qual importa somente a novação do methodo da codificação e a prorogação do tempo."

Este parecer traz as assignaturas de Nabuco, Salles Torres Homem e Jequitinhonha (Montezuma), e é datado de 1.º de Julho de 1868.

E' muito provavel, portanto, que si Nabuco continuasse a influir nas decisões do governo, com o alto prestigio de chefe politico e de jurisconsulto que todos lhe reconheciam, a proposta de Teixeira de Freitas teria sido acceita, e a nossa terra teria tido a gloria de ser a primeira em todo o orbe a unificar o seu direito privado.

Temos o direito de assim pensar, conhecendo hoje o apoio poderoso e firme que Nabuco sempre prestou ao seu grande

amigo e emulo, ao ponto deste o chamar mais tarde de seu "consorte desde o começo da jornada". A melhor prova desse apoio é o proprio parecer acima citado, e que confirma as palavras de Nabuco a Teixeira de Freitas em carta de 19 de Novembro de 1865, citada por Joaquim Nabuco: "Pela minha parte estou disposto a dar-lhe todas as provas do alto apreço e admiração que lhe consagro".

"A confiança de Teixeira de Freitas em Nabuco era completa, sabia que podia entregar-se nas mãos delle sem receio de competição nem de inveja, mesmo inconsciente." (J. Nabuco, *Um estadista do imperio,* vol. 3.º, pag. 513).

Infelizmente para a historia do direito nacional, dezeseis dias depois de assignado aquelle parecer de Nabuco, Salles Torres Homem e Jequitinhonha, cahia a situação liberal em que o primeiro era preponderante, e subia a situação conservadora, que devia governar o paiz durante dez annos, até 1878.

Nessa situação, o plano de Teixeira de Freitas foi julgado *prematuro* por José de Alencar, ministro da Justiça do gabinete Itaborahy, conforme consta do seu relatorio á Assembléa Geral em 1869, e em 1872 foi por Duarte de Azevedo, ministro da Justiça do gabinete Rio Branco, rescindido o contrato que em 1859 o governo havia celebrado com o grande jurisconsulto para a redacção do projecto do nosso Codigo Civil.

Este fracasso foi um golpe mortal para quem, como Teixeira de Freitas, desde 1859 tinha identificado toda a sua vida e consagrado todos os seus estudos e meditações a uma idéa unica: deixar o seu nome ligado ao codigo civil da sua patria.

Desde então até 12 de Dezembro de 1883, data em que morreu, a vida do illustre patricio não foi mais que um longo e doloroso martyrio.

A consagração, porém, que lhe foi negada em sua terra, devido a um méro accidente politico, o nosso glorioso conterraneo a teve inteira e completa no estrangeiro.

Velez Sarsfield, o eminente relator do Codigo Civil Argentino, ao apresentar em Junho de 1865 o primeiro livro do seu projecto, declarava se ter servido de diversos codigos estrangeiros, *"principalmente do projecto de Codigo Civil que o dr. Teixeira de Freitas estava organisando para o Brasil e do qual tomára muitissimos artigos, seguindo o methodo tão discutido pelo sabio jurisconsulto brasileiro".*

Mais de mil artigos do Codigo Civil Argentino lhe foram fornecidos pelo projecto de Teixeira de Freitas, o que levou o dr. Olegario Machado, commentando o codigo de sua patria, a escrever: "Es cierto que el codificador argentino ha tenido un guia seguro y un consejero de inestimable merito en el proyecto del dr. Freitas".

Tão profunda foi a influencia da obra de Teixeira de Freitas na confecção do codigo civil da nação visinha, que Alberdi, o illustre argentino que se distinguiu pelo odio entranhado á nossa terra, chegou a escrever que "el codigo argentino es la obra de la politica del Brasil, mas bien que de la politica argentina, y que si el padre de eso Codigo és el general Mitre, Don Pedro 2.º és el abuelo". E denunciando a intenção do Brasil de estender sua dominação até os paizes do Prata, o publicista argentino accrescentava que "todos sus ejercitos y escuadras (do Brasil) no serian tan poderosos para el logro de esa mira, como la ación de un Codigo Civil para asimilar y uniformar la sociedad argentina al espirito de la sociedad del Brasil *y preparar é iniciar de hecho su anexion.*"

O mesmo plano de penetração pacifica denunciou Alberdi no facto de ter sido o Codigo Civil da Republica do Uruguay calcado sobre o projecto do nosso grande jurisconsulto.

Apresentando em 1867 ao governo uruguayo o seu projecto de codigo civil, assim se exprimia a commissão especial: "Los codigos de Europa, los de America y con especialidad el justamente elogiado de Chile, los mas sabios commentadores del Codigo Napoleon, el proyecto del dr. Acevedo, el del senor Goyena, el del senor Freitas, el del dr. Sarsfield, han sido los antecedentes sobre que se ha elaborado la obra que hemos revisado, discutido y approbado. *El proyecto del senor Freitas, (inconcluso aun) és el trabajo más notable de codificación por su extension y por el estudio y meditación que revela, y el mismo dr. Velez Sarsfield dice que de el ha tomado muchisimos articulos.*"

Havendo o Paraguay adoptado o Codigo Civil Argentino, temos o direito de dizer com ufania que o trabalho do nosso immortal compatriota foi um dos mais solidos alicerces sobre que as republicas da America Latina levantaram o edificio da sua codificação civil.

Ditosos tempos esses em que a mentalidade brasileira servia de guia ao continente sul americano em materia de tanta monta, e em que a posição da nossa terra era de tal destaque que Alberdi denunciava a influencia brasileira na organisação do Codigo Civil Argentino como um grande perigo para a independencia de sua patria!

O tempo encarregou-se de demonstrar a inanidade das prevenções e receios do patriota argentino. A influencia dos trabalhos de Teixeira de Freitas na elaboração dos codigos dos nossos visinhos é hoje apenas a prova irrecusavel de que já houve uma épocha em que a superioridade da nossa cultura juridica impunha-se mesmo ao estrangeiro, que a reconhecia e proclamava sem rebuços.

* * *

Si o nosso grande jurisconsulto não logrou a ventura de ser o redactor do nosso Codigo Civil, sua auctoridade não diminuiu por isso, pois continuou sempre a ser o mestre respeitado entre todos, cujas opiniões constituiam a melhor defesa de quem quer que visse ameaçado o seu direito. Com toda a razão diz o dr. Sá Vianna na biographia que traçou do immortal patricio: "invocar o seu texto importa citar a lei com summa certeza e apuro; apoiar uma opinião com a do Mestre, constante das notas, é ter por si o maior dos interpretes do nosso Direito."

Além disso, Clovis Bevilacqua ao apresentar o projecto de que resultou o nosso Codigo Civil, confessa lealmente que o projecto de Teixeira de Freitas e o de Coelho Rodrigues foram as fontes principaes á que recorrera para formular o seu.

Os trabalhos de Teixeira de Freitas rasgaram novos horizontes á jurisprudencia dos nossos tribunaes: haja vista a sua interpretação da Ord. do L. 4.º, Tit. 91, paragrapho 2.º, sobre o direito do conjuge viuvo aos bens dos filhos do primeiro leito, fallecidos durante aquella viuvez. — Esse direito foi sempre considerado um direito de usofructo, até que o mestre demonstrou ser um *fidei commisso,* opinião hoje triumphante em nosso direito.

Egualmente, a sua interpretação do art. 303 do nosso Cod. Com. sobre as acções de um socio contra outro, na falta de con-

tracto social, é hoje adoptada sem discrepancia. Antes della, se negava toda acção a um socio contra outro, na falta de contracto. Foi preciso vir o mestre e demonstrar que a falta de contracto não destruia a sociedade de facto, a communhão de bens que existiu apesar dessa falta, para se reconhecer a qualquer socio o direito de demandar a outro pelos effeitos já auferidos dessa communhão.

De modo que o preclaro jurista era tão profundo em direito civil como em direito commercial. E os seus *additamentos ao Codigo Commercial* foram publicados em 1878, cinco annos apenas antes de sua morte, quando se dizia que sua intelligencia já não brilhava com o mesmo fulgor de 1858, data do apparecimento da *Consolidação.*

Si é verdade, como diz o conselheiro Aquino e Castro, que a introducção da *Consolidação* faria por si só e em toda a parte a reputação de um jurisconsulto, não é menos verdade que a obra posterior de Teixeira de Freitas não desmereceu do monumento que é a *Consolidação.*

O seu projecto não se converteu em Codigo para a patria, mas o conjuncto da sua obra é imperecivel, ha de viver *como uma torre desafiando os seculos,* na phrase incisiva e lapidar de Joaquim Nabuco, attestando á posteridade o genio constructor e clarividente do sabio compatriota.

O HOMEM

Sobre a vida intima de Teixeira de Freitas pouco se sabe: não deixou memorias, como não as deixou qualquer dos seus contemporaneos, que lancem alguma luz sobre a vida particular do grande jurisconsulto.

Nascido a 19 de Agosto de 1816 na cidade de Cachoeira, do Estado da Bahia, a mesma que viu nascer, trinta annos mais tarde, Antonio de Castro Alves, o inspirado cantor dos escravos, Teixeira de Freitas era filho de Antonio Teixeira de Freitas Barbosa, depois barão de Itaparica. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Olinda. E' pura legenda academica aquella que nos apresenta o principe dos juristas brasileiros approvado *simplesmente* em acto do 5.º anno. A sua carta de

bacharel, existente no archivo do *Instituto dos Advogados do Rio,* demonstra o nenhum fundamento dessa legenda.

Casou-se a 9 de Maio de 1836 com sua prima d. Mathilde Teixeira de Lima, consorcio esse de que resultaram dez filhos, dos quaes restam apenas tres filhas, residentes no Rio de Janeiro.

Teixeira de Freitas nunca foi outra cousa além de advogado e jurisconsulto, e á sciencia do direito consagrou a vida inteira. Pela verdade juridica sacrificava tudo, e disso é prova o curioso incidente que houve entre elle, em 1857, quando presidente do *Instituto dos Advogados* do Rio, e o seu grande rival, Caetano Alberto Soares.

A este illustre advogado tinha sido apresentada a seguinte consulta: "São livres ou escravos os filhos de uma escrava que em testamento foi libertada, mas com a clausula de servir a um herdeiro ou legatario, emquanto este viver?"

Caetano Alberto Soares respondera que os filhos dessa escrava, nascidos durante a vida do herdeiro, eram livres. Teixeira de Freitas, a quem a consulta tambem foi feita, divergiu, respondendo que taes filhos eram escravos, e diante da divergencia com o seu eminente collega, suggeriu a este que levasse a questão ao *Instituto dos Advogados.*

Caetano Alberto assim fez, e em assembléa do *Instituto,* presidida por Teixeira de Freitas, foi a questão discutida por aquelle illustre jurisconsulto, que sustentou a solução por elle dada á consulta.

Na discussão ficou patente que a maioria dos membros do *Instituto* votaria pelo parecer de Caetano Alberto, com grave damno da verdade juridica, o que levou Teixeira de Freitas a suspender a sessão e dirigir dias depois ao *Instituto* a sua notavel carta de 22 de Outubro de 1857.

Nesse documento o grande jurista demonstra de modo irrefutavel o erro da resposta de Caetano Alberto Soares, mostrando o absurdo de uma liberdade limitada, pois a liberdade é indivisivel, não havendo meia liberdade. Ou a escrava a quem fôra concedida a liberdade com a condição de servir a um herdeiro durante a vida deste, seria escrava até a morte desse herdeiro, e nesse caso escravos seriam os filhos que della nascessem durante esse praso, pela regra *partus ventrem sequitur,* ou seria livre desde logo, e então os filhos tambem seriam

livres. Mas não podia haver duvida alguma sobre a condição servil da escrava obrigada a servir como tal ao herdeiro em questão, pois servir como escravo ou ser escravo é a mesma cousa, sendo absurdo considerar o caso como de *locação de serviços,* em que o locador como pessôa livre contracta os proprios serviços.

Teixeira de Freitas terminava a sua carta pedindo demissão do cargo de presidente e offerecendo 1:000$000 ao *Instituto* para ser essa quantia applicada á fundação de uma bibliotheca, recommendando desde logo a acquisição de um "*Corpus juris,* que deve ser a fonte vital, onde devemos beber sempre e sem descanço", pois notára durante a discussão, que o *Instituto* não possuia siquer a celebre consolidação das leis romanas.

O final da carta pareceu offensivo ao *Instituto,* que recusou a offerta e concedeu a demissão de presidente pedida por Teixeira de Freitas.

Relembramos o caso curioso tão somente para mostrar que o egregio jurisconsulto não hesitou em deixar a presidencia da corporação que tanto amava, e em incorrer mesmo na censura da maioria dos seus membros, tão somente para não sacrificar a sua convicção juridica, resistindo assim aos sentimentos liberaes que constituiam a opinião contraria, sustentada por Caetano Alberto e seus partidarios.

Entretanto, não podem ser postos em duvida os sentimentos abolicionistas de Teixeira de Freitas, principalmente diante dos termos por nós já citados, em que elle se justifica de não ter incluido na *Consolidação das Leis Civis* uma disposição siquer sobre a escravidão.

O direito era a religião daquelle grande espirito, que da mesma se considerava sacerdote, obrigado, portanto, a pugnar sempre pela pureza dos seus principios e a sua exacta applicação.

Sendo assim jurista acima de tudo, é facil imaginar os sentimentos que lhe invadiram a alma quando viu a politica ameaçar a conclusão do monumento que elle ideára levantar para gloria da patria e delle proprio. "Pela feição das cousas, escrevia elle a Nabuco em Julho de 1866, creio que V. Exa. atravessará no ministerio *essa maldicta camara,* e então teremos o prazer de completar o nosso monumento."

Dessa bonhomia ainda é prova irrecusavel a attenção que prestou ás *observações* feitas pelo conselheiro Rebouças á *Consolidação das Leis Civis,* observações que nem sempre obedeceram a moveis puramente scientificos, e que o nosso immortal patricio sempre acolheu e discutiu com toda a urbanidade, só considerando a feição juridica do caso.

E assim passou essa grande vida, só occupada com o culto da familia, do direito e da Patria. A esses tres numes consagrou todo o seu esforço até o ultimo alento.

A 12 de Dezembro de 1883, em Nictheroy, morria Teixeira de Freitas, sendo seu corpo sepultado no cemiterio de Maruhy, da mesma cidade.

Morreu completamente pobre, ao ponto de ser logo preciso, em 1884, se formar uma commissão de collegas e admiradores para o fim de angariar donativos que garantissem a subsistencia da familia do grande morto.

Nem era possivel ser de outra forma, para quem como Teixeira de Freitas, viveu sempre despreoccupado quanto ao lado material da existencia, "perto do céu e bem longe da terra", na bella phrase de Ferreira Vianna.

Não deixou, com effeito, o mallogrado jurisconsulto uma fortuna á sua familia; á sua patria, porém, deixou o mais valioso e rico thesouro, que é a sua obra immorredoura.

A patria, que não soube ou a quem a politica não permittiu fazer toda a justiça ao seu grande filho, durante a vida deste, já começou a pagar-lhe o tributo devido, depois de sua morte.

A 7 de Agosto de 1905, no antigo largo de S. Domingos, que desde então se chama *Praça Teixeira de Freitas,* foi inaugurada no Rio a estatua do insigne jurisconsulto, na presença do presidente da Republica, ministros, magistrados e todo o corpo de advogados da Capital Federal.

O bronze de Bernardelli, porém, não terá jamais a vitalidade da obra do grande jurista. Emquanto existir no Brasil um tribunal para julgar as questões de Direito Privado, e advogados que discutam essas questões, o nome de Teixeira de Freitas ha de ser pronunciado com respeito nesta terra que elle tanto amou e glorificou.

Teixeira de Freitas era de uma bonhomia e amenidade de trato, proprias do verdadeiro sabio. A tradicção nol-o mostra

apaixonado das comedias de Martins Penna, e rindo gostosamente com a interpretação que lhes dava o actor Martinho Vasques.

Emquanto existir a America Latina, esse nome sobreviverá nos codigos que devem ao genio do grande brasileiro o material de lavôr inexcedivel no seu tempo e que tornou possivel a construcção de taes monumentos legislativos.

S. Paulo, Agosto de 1916.

OCTAVIO MENDES.

POESIA

CANTIGAS

Este nosso bem querer
E' tão isento de mal,
Que nós podemos viver
Numa casa de crystal.

*

Minh'alma é um pombo-correio:
De qualquer ponto soltada,
Sem errar busca o teu seio,
Onde lhe déste pousada.

*

Achei-te tal differença
Quando de novo te vi,
Que, estando em tua presença,
Tive saudades de ti.

*

Ha gente que se magôa
Se seu bem lhe faz pirraça:
O amor é mister que dôa,
Quando não dóe não tem graça.

Eu bem sei que ella me quer,
Mas si falo, ella se cala...
Contradicção de mulher!
Quanto mais quer, menos fala.

*

Que a verdade sempre esteja
Nos proverbios, ninguem crê:
Nosso coração deseja
Tanta coisa que não vê...

*

Nada vale andar errante
Ir para longe de ti,
Pois quando estou mais distante
E' quando mais penso em ti.

*

A letra fica gravada,
Mas vôa palavra... Assim
Dizer não te custa nada
Só esta syllaba: "sim".

*

Que este affecto ainda te ganhe
Jamais a fé me faltou,
E a fé, que abala a montanha,
Ainda não te abalou.

*

Estas lembranças saudosas
Que tenho dos teus carinhos
São como um ramo de rosas
Cheio de aroma e de espinhos.

Se hoje um novo amor te encanta
Teu sentimento não tolhas:
O coração, como a planta,
Precisa mudar de folhas.

*

Se as Santas do Paraiso
Possuem os teus encantos,
Eu fico muito indeciso
Sobre a virtude dos santos.

*

Que eu me enforque alguem deseja,
E estou disposto a fazel-o,
Comtanto que a corda seja
A trança do teu cabello.

*

Se um suspiro traduzisse
A força de uma paixão,
Quem o meu suspiro ouvisse
Julgara ouvir um tufão.

*

A chuva encheu, vêde,
O seu rasto no caminho:
Matasse eu ali a sêde
Como faz o passarinho.

*

"Amor, no plural — amores",
Dizem ahi... Não ha tal!
Enganaram-se os professores,
Porque amor não tem plural.

A esperança, fel-a Deus
Expressamente, parece,
Para impedir que eu morresse
Ao dizer-te aquelle adeus.

*

Só vi uma creatura
Que mostrou indifferença
Pela tua formosura:
Era um cego de nascença.

*

Deixa que a gente invejosa
Fale de ti com ciume:
A flor precisa de estrume
Para ficar mais viçosa.

*

Quando a alma a dôr não comporte,
Chora, que assim tua magua
Se tornará menos forte:
A dôr é soluvel n'agua.

*

De flores niveas e puras
O pantanal se recama,
Mas se colhel-as procuras,
Teus pés se afundam na lama.

*

Num jarro puz uma rosa
Que no meu jardim colhi:
Quem entra e a vê tão formosa,
Logo pergunta por ti.

E's como joia a brilhar
Fechada numa vidraça:
Meu pobre coração passa,
Sem que te possa tocar.

*

Quem canta muita cantiga
Da pobreza sente a garra;
Mas não póde ser formiga
Quem nasceu para cigarra.

ANTONIO SALLES.

OS VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS

II

Vamos entrar na parte cathartica ou purgativa do ensino de Pythagoras.

Trata-se de formar o homem, eliminando-lhe as escorias animaes, as imperfeições de sua natureza inferior e de fazer brotar os germens do divino que elle encerra. Todos os versos que se referem á purificação concitam o discipulo a uma fiscalização incessante de si mesmo, de seus pensamentos, de suas palavras, de suas acções, e dão regras attinentes a esse fim. Os versos em que Lysis resumiu a doutrina de seu mestre eram lidos pelos pythagoricos todas as manhans e todas as noites. E' de crêr que, assim repetidas, taes maximas se lhe gravassem bem dentro d'alma, integrando-se aos actos de cada dia.

Não era preciso mais do que isso para fazer o homem interior e tornal-o modelo vivo de seus concidadãos.

A FAMILIA

Sê bom filho e bom pae, terno esposo e irmão justo.

O ensino pythagorico attinge aqui toda a altura da lei de Moysés, no quarto mandamento: honra teu Pae e tua Mãe. Não sabemos admirar o que ha de superior naquelle verso, o que alli vai de revolucionario e de novo, como não lobrigamos claramente os alicerces do mundo futuro levantados pelo legislador dos hebreus com o seu decalogo, porque nós mesmos somos novos, herdeiros daquellas sementes. Para honrar devidamente o iniciador dos gregos, é preciso conhecer a sociedade

de seu tempo, e não esquecer que a familia moderna differe da antiga por vinte seculos de christianismo. Tenhamos presente, para confronto, o estado da legislação daquella época. O mundo antigo repousava sobre a instituição da escravidão, e o senhor tinha o direito de vida e de morte sobre a pessoa do escravo. No ponto de vista legal, a familia estava organizada pelo mesmo molde; mulheres e filhos eram egualmente escravos, pois que o Pae concentrava todos os poderes: era o juiz, o sacerdote, o executor. Com effeito, o direito antigo permittia ao pae que determinasse o aborto, a exposição ou a venda dos filhos. Mais ainda: elle podia matar a mulher, os filhos e os escravos.

Mas, na realidade, não ha mister comparar o mundo antigo com o mundo moderno. Pythagoras é nosso contemporaneo pelo vigor de seu pensamento e pela grandeza de seus preceitos. Que teriam a perder os melhores dentre nós, aquelles que tenham esculpido um caracter de homem na massa amorpha de seus concidadãos, se repetissem como os pythagoricos, pela manhan e á noite:

"Sê bom filho *e bom pae, terno esposo e irmão justo?*

A AMIZADE

Escolhe para amigo o amigo da Virtude
— aos conselhos lhe attende, e jámais o desprezes
por nugas — se estiver em ti poder fazel-o,
— porque existe uma Lei que jungiu implacavel
o dom da Liberdade ás garras do Destino.

Escolhe, diz o verso. A familia não foi objecto de escolha. Os nossos ascendentes nos foram impostos pela fatalidade, isto é, a familia foi determinada pelo nosso "karma". Escolhe, isto é, o horizonte do indeterminismo começa. Procure-se o amigo conscientemente, por auto-determinação. Mas que a nossa escolha recaia sobre o amigo da virtude. Duro de ouvir e mais duro de praticar. Porque o amigo da virtude não o é do nosso viver rasteiro, dos nossos instinctos animaes, das nossas paixões irrefreadas.

Houvesse elle dito: procura para teu amigo o amigo da sciencia, e já a sympathia universal lhe teria acolhido a maxima. Porque a sciencia é o unico templo que não conta hereticos em nossos dias. Toda a parte material da civilisação á sciencia o devemos: industria, agricultura, commercio, cons-

trucções, applicações praticas da hygiene, tudo o que é conforto physico.

Nesse terreno é que a sciencia fructifica, e só temos olhos para vêr o que se passa nesse terreno. O homem moral, porém, nada lhe deve ou quasi nada. Ella não conhece a dignidade do Sêr, que escapa aos seus instrumentos de investigação, nem encontrou as fontes sagradas da vida, senão que deparou unicamente com atomos e arranjos ephemeros da materia pelo Universo todo. A sciencia por si só não faz o homem.

E se alguem quizer moldar o seu caracter, como o estatuario a estatua, procure o amigo da virtude, compenetre-se de sua vida e della receba instrucções, porque *o verdadeiro amigo,* Pythagoras o ensinava, *é uma alma que vive em dois corpos.* Assim é que procedeu Paulo com o seu Mestre: embebeu-se de sua doutrina, unificou-se com a sua vida, e declarou: "Não sou eu quem vive, é o Christo quem vive em mim."

Mas a nossa virtude é exterior; nos labios nos morrem as maximas, e os bons preceitos não derretem o gelo de nossa vida.

Se estiver em ti poder fazel-o, diz o texto. Sim, porque nem todos pódem. Nem todos pódem admirar a grandeza de Socrates; alguns preferem as glorias de Napoleão. Raphael conta menos admiradores do que os artistas obcenos. A grande arte espera ainda a humanidade que vem. Na verdade, a terra contem representantes de todas as edades, do selvagem ao genio, do anthropoide ao santo. Cada sêr individual occupa um ponto na escala infinita da evolução. E isto porque, como ensinava Pythagoras, existe uma Lei que jungiu implacavel o dom da Liberdade ás garras do Destino.

O LIVRE ARBITRIO E O DETERMINISMO

Que é a Liberdade, que é o Destino de que nos falla o iniciador dos gregos? Aqui está a grande difficuldade para o pensamento occidental. A polemica entre o livre arbitrio e o determinismo se eterniza. Parece até que a sciencia exoterica não póde resolvel-o. Ella verifica que todo phenomno é submettido a condições e proclama o determinismo, negando a liberdade. Por outro lado, ella educa, o que suppõe malleabilidade

do caracter; ella pune, e punição pressuppõe responsabilidade; ella trata e cura seres anormaes, restringindo o campo da fatalidade. E assim por sua propria conducta ella nos mostra que ha um campo para o determinismo, para o Destino de que fallava Pythagoras e um campo para a Liberdade, isto é, para o exercicio da Vontade. Qual é esse campo?

A philosophia contemporanea não póde demarcal-o. Do mesmo modo que os problemas scientificos, os problemas metaphysicos se ligam por laços de mutua dependencia. Sem a analyse espectral ninguem jámais poderia conhecer a composição chimica das estrellas. O espectroscopio era condição indispensavel para aquella descoberta. Assim tambem, sem o conhecimento do *karma* e da *palingenesia,* não se poderá jamais encontrar a linha que divide o determinismo do indeterminismo, que separa o Destino da Liberdade.

Comtudo, não vamos expôr neste momento o ensino pythagorico concernente a este assumpto que será explanado posteriormente.

> Mas como te foi dado ás paixões que te cégam combater e vencer, trata então de domal-as.

Aqui está o dominio principal da vontade. Se quizermos vencer as nossas faltas, remover as nossas imperfeições nativas ou adquiridas, podemos fazel-o. O determinismo céde, a fatalidade recúa. Porque, na realidade a acção do homem sobre si mesmo extende-se até ás suas taras organicas. Deparamos aqui com o largo horizonte da educação de si mesmo, tão cheio de promessas e tão pouco explorado.

No emtanto, a chave do problema está descoberta: é o habito que nos abre todas as portas, as da vida superior como as da vida inferior. Adquirir bons habitos é fazer a sua propria educação, isto é, é ter imperio sobre si, governo pessoal, autonomia individual, organizar a vida superiormente.

Homens de grande saber ignoram muitas vezes aquella sciencia por excellencia: a auto-educação. Dotados de muita luz para as cousas exteriores, elles tacteiam como cégos na sua vida interior. Seus actos instinctivos, seus impulsos irrefreados, reflectem a anarchia de paixões não dominadas. Existem pessoas ignorantes ou de instrucção elementar e que são,

comtudo, muito avançadas na arte de viver, e que são mais aptas para a formação de um lar feliz, para a boa educação de seus filhos, para o exercicio de suas funcções de cidadão do que outras que convivem largas horas diarias com bons livros de sciencia ou de literatura.

E' preciso que os conhecimentos scientificos se integrem á nossa vida, se incorporem á nossa conducta, para que tenham efficacia pratica, para que formem o homem.

Do contrario serão qualquer cousa de exterior a nós mesmos, e que não influem em nossos actos.

O HABITO E A EDUCAÇÃO DE SI MESMO

A nossa vida quotidiana está cheia de incoherencias, de illogismos, de discordancias entre o pensamento e a acção, entre o que sabemos e o que fazemos. E' assim, por exemplo: é com o cigarro na bocca, que são escriptas memorias contra o fumo e o tabagismo, mostrando-lhes os maleficios. E' o que aconteceu ao Dr. Maurice Fleury que, depois de haver recebido o premio offerecido por uma sociedade contra o abuso do tabaco, cahira em breve prostrado pelas consequencias do tabagismo, elle que o havia condemnado com vehemencia e forte documentação scientifica.

Ora, aqui está verdadeiramente a superioridade dos homens superiores, o agir conforme a melhor regra de acção. E se a sciencia nos fornece a melhor regra de acção, importa pratical-a. O caso referido mostra ao mesmo tempo a tyrannia do habito. Como o fumante, o jogador, o ocioso, e os outros, são escravos de máus habitos contrahidos. Mas, o habito é um puro instrumento. Se delles nos servimos para o mal, edificamos para a ruina; se para o bem, colheremos o bem. Nada existe em nossa vida que escape á sua zona de influencia.

Por isso é que dizia Metastasio: tudo na vida é habito, até mesmo a virtude.

O homem é um feixe de habitos e nas leis physiologicas do habito se encerra toda a arte da educação, ou quasi toda. Somos como uma machina de repetição. Um feio gesto, um cacoete, tende a repetir-se, como um gesto heroico ou uma acção generosa. Nosso systema nervoso, como a pianola, toca as

peças que lhe introduzimos. Saibamos affinar o nosso machinismo, pondo-o em harmonia com a grande orchestração do bello. Por outras palavras: habituemo-nos á ordem, á regra, ao methodo. Não é mais difficil organizar a vida do que vivel-a na desordem; não é mais fatigante submetter o trabalho, o estudo á regra e ao methodo do que trabalhar e estudar ao acaso dos dias, ao sabor do capricho: e é com certeza mais proveitoso: dá cento por um.

Não é mais difficil. Exemplo: alguem acordou a horas mortas, sem saber porque. Talvez que o tenha despertado uma digestão trabalhosa, uma posição falsa, ou o calor da cama. E como o somno lhe tarda, põe-se a fumar para se distrahir. Pois bem, este facto tende a repetir-se. O movimento segue a linha de menor resistencia. A cellula, como a fibra, ou o musculo, fixa a impressão recebida. Ha uma certa tendencia a acordar na proxima noite á mesma hora, e se o nosso homem repetir o gesto anterior e se puzer a fumar, em breve estará fixado o máu habito. Dahi em deante, é para fumar que elle desperta.

Assim é que, tambem, se formam os bons habitos. Tal estudante vence por um acto de vontade as doçuras do somno da manhan e levanta-se para estudar. Venceu o primeiro, o segundo, o terceiro dia. Em pouco tempo, o bom habito estará fixado, e já o somno matinal não lhe traz doçuras inhibitorias.

Alguem no vigor da mocidade curva-se como um velho alquebrado: habituou-se desde tenra infancia áquella attitude viciosa, já agora quasi invencivel.

O cacoete está no mesmo caso, pois que não passa de habito organico, habito fixado em nossa estructura physica. Desfilem deante de nossa imaginação essa serie enorme de gestos, de mimicas, de movimentos, de attitudes e até de contorsões para que possamos bem comprehender a extensão dos males oriundos de maus habitos contrahidos, e portanto evitaveis pela acção do inviduo sobre si mesmo, por effeito de nossa educação pessoal.

Estendamos o olhar para a pathologia mental. Tics, obsessões, phobias, impulsões morbidas, não passam de máus habitos, habitos mentaes viciosos, germinados em terreno propicio, que inferiorizam o individuo e lhe agoniam todas as horas da existencia.

O alcoolismo, o grande fornecedor do hospicio, da cadeia, do hospital, o alcoolismo é habito.

O habito acompanha o individuo do berço ao tumulo. E' uma arma de dois gumes que nos póde servir ou desservir. Saibamos manejal-a inculcando-nos bons habitos, certos de que não existe uma cellula, um tecido, uma fibra de nosso organismo que não possam ser submettidos á sua influencia. Que de mais espontaneo e caprichoso, que cousa mais rebelde á regra do que a inspiração poetica? Assim parece, mas, na realidade, assim não é. Victor Hugo, como tantos outros poetas e escriptores provam o contrario. Seu trabalho ingente é o fructo do methodo, que lhe poupava a fadiga mental e lhe economizava as forças. Trabalhava das sete da manhan ao meio-dia, obrigando assim a inspiração a visital-o nessas horas. O governo de nós mesmos exige perpetua vigilancia em todas as edades e condições. Ninguem se julgue tão seguro de si, tão senhor de sua conducta que dispense sua propria vigilancia. E' preciso armar a sentinella interior para que ella possa extirpar as sementes de habitos funestos, antes que se enraizem. Uma idéa que se nos apresenta, um gesto que fazemos, um acto que praticamos, tendem a repetir-se e a consolidar-se em nossa pessoa. Estejamos alerta, examinemos o hospede, que nos pode degradar ou exaltar.

E' de certo, porisso, que dizia William James: "Si ao menos os moços soubessem quão depressa se tornarão simples feixes ambulantes de habitos, prestariam mais attenção á sua conducta, emquanto plastico lhe é ainda o caracter. Nós mesmos é que fiamos o fio de nosso destino, bom ou máu, destino que nunca será desfeito. A menor parcella de vicio ou de virtude deixa uma cicatriz sempre perceptivel". (1)

Tal é a chave da educação de nós mesmos. Tudo depende de nossa vontade, geradora de nossos habitos.

O CAMINHO DA PURIFICAÇÃO

Não confundamos a doutrina de Pythagoras com a dos estoicos que se propunham a matar as paixões. Abstem-te e re-

(1) William James. — Causeries pedagogiques, p. 72.

signa-te, dizia Epicteto. Pythagoras, não. Elle comprehendia as vantagens vitaes e sociaes de nossos sentimentos e paixões, comtanto que não imperassem, mas que fossem subordinadas, que servissem de instrumento ao nosso progresso interior. E para que sirvam de instrumento é indispensavel cultivarmos a vontade. Porque a vontade é o grande alchimista do caracter; da chrysallida que é o homem, elle tira o superhomen que é Yogui, o Santo ou o Iniciado.

O discipulo de Pythagoras vai dar os primeiros passos no caminho da Purificação, vai adquirir as virtudes catharticas. E' curioso notar que a Mystica catholica designa-o pelo mesmo nome de caminho da Purificação; os hindús dão-lhe o nome de caminho da Provação. O candidato não póde avançar sem ter alcançado o dominio sobre o corpo physico e sobre o seu corpo astral, onde se localizam paixões, e estados emotivos, conforme a tradição occulta e esoterica.

Sem dominio completo sobre a natureza inferior, o candidato não teria attingido a iniciação superior, nem alcançado as qualidades reclamadas para a Perfeição. Essas qualidades que vamos aqui indicar summariamente, são: o discernimento, o desapego, o governo mental, o governo da acção, a tolerancia, a resistencia, a fé, o equilibrio.

O *discernimento* é a capacidade de separar o que é eterno do que é transitorio, o ephemero do permanente. Elle consiste em outras palavras em distinguir a individualidade da personalidade. Esta ultima faz parte da cadeia illusoria dos phenomenos; é sujeita á mudanças incessantes no curso da evolução: é a veste temporaria e successiva em que se incarna a individualidade, isto é, a monada permanente, em progressão para o divino.

O *desapego* é a indifferença para com a recompensa dos fructos das boas acções. Elle implica a morte da vaidade pessoal, mas não procura o ascetismo, e muito longe está de viver uma vida distante das realidades terrestres. Longe disso; é uma couraça interior que não obsta aos prazeres mundanos, mas que colloca o discipulo acima das dôres ephemeras, uma vez que elle sabe transportar a sua consciencia acima do seu vehiculo cerebral.

O *governo do pensamento* é uma tarefa gigantesca, uma empresa de Prometheu. A sua posse completa faria do homem um mago. O pensamento está sujeito á vontade em grande latitude, em proporções que excedem de muito ao que nos é ensinado pela psychologia scientifica de nosso tempo. Permittir que o nosso cerebro seja simples ponte de passagem de idéas que vão e vêm, sem disciplina pessoal, é o estado corrente do homem medio, a situação commum dos homens. Um pythagorico nunca permittiria semelhante anarchia da parte do esculptor encarregado de fazer de sua pessoa uma obra prima de estatuaria moral.

O *governo* da *acção* é o grito de alerta á sentinella interior, é um appello continuo da consciencia sensorial para a consciencia transcendente. Conhecer os fructos da actividade é reconhecer a lei da causalidade, a lei do Karma, lei indefectivel que repercute no mundo moral e espiritual, é ser o agente do seu proprio destino, o arbitro do seu futuro.

A *tolerancia* é o destacamento pessoal a dogmas e ritos diversos para o reconhecimento integral da alma de verdade espiritual que palpita em todas as fórmas de religião.

A resistencia, no sentido esoterico do termo, é a coragem sem desfallecimento, é a investigação intrepida da verdade, quaesquer que sejam os obstaculos; e pôr muito que o meio se faça hostil e aggressivo, quem poude adquiril-a não corresponderá a esse meio com resentimento, animosidade ou odio.

O *equilibrio* é a ausencia de excitação, a ausencia de paixão, ou melhor — a transmutação da excitação e da paixão em vontade que vae ao fim visado, sem desfallecimento; é o poder de permanecer sereno quando tudo o que nos cerca está perturbado; o poder de ficar de pé, só, mas tranquillo quando todos fugiram e nos abandonaram.

Vem em seguida a *confiança no Mestre*, que tambem pode ser identificada com a fé, e por ultimo o desejo de se libertar da cadeia dos renascimentos, de ser livre para ser util.

Algumas dessas qualidades necessarias ao discipulo e que reclamam porisso o governo das paixões, fórma superior de educação de si mesmo, indispensavel para quem se propuzesse á iniciação nos Mysterios antigos, algumas dellas estão claramente nos versos de Lysis, como já vimos:

Sê sobrio, activo, e casto, — e jamais te enraiveças.

A intemperança no comer ou no beber faz a desgraça de muitos. As civilizações antigas tiveram a sua phase de incriveis excessos de meza. Os festins de Balthazar, os banquetes de Luculus e de Vitelius dão-nos idéa da voracidade daquelles tempos. Diz-se que Vitelius gastava o equivalente de 80.000 francos em suas refeições. Tacito protestava contra os desperdicios do principe que, num banquete ao seu irmão Lucius exhibiu dois mil peixes variados e sete mil passaros raros.

Parece que a Grecia pagou tambem o seu tributo áquelle frenesi de comer e de beber.

Mas deixemos o passado e vejamos como é que o nosso tempo póde tirar proveito das recommendações de Pythagoras. O mal dos contemporaneos não está nos excessos de mesa, ou pelo menos não se nos antolha sob aquellas formas excessivas e collossaes de outróra. Parece até que a sobriedade no comer tende a tornar-se vulgar, a expandir-se, alargando o numero de seus proselytos. Vão sendo conhecidos os males que provêm dos excessos de alimentação, — a dyspepsia, a gotta, o diabetis, o eczema, etc. O problema contemporaneo é a intemperança no beber. O alcool é o grande agente do crime e da molestia em nossos dias.

REGRAS DA ACTIVIDADE

A actividade recommendada pelo philosopho não era uma simples condemnação da preguiça ou da ociosidade. Nas sociedades antigas, baseadas sobre a escravidão, a ociosidade pullulava de par com os preconceitos sobre o trabalho. Isso não aconteceu em nossa época, em que o trabalho é excessivo, esfalfante para certas classes. O ocioso já é a excepção e ha de ser cada vez mais. O homem moderno comprehende facilmente que desde verdes annos está contrahindo obrigações para com a sociedade. Elle não dá um passo sobre as pedras da calçada sem que utilise o trabalho de outrem; não ingére a menor parcella alimentar sem que outros tenham concorrido para o seu sustento; não dorme senão porque braços de trabalhadores anonymos lhe fizeram o travesseiro, o leito e a casa. A soli-

dariedade humana prende-o por todos os lados. Como então poderá ser visto com indulgencia o ocioso, parasita do trabalho, que na ociosidade vai buscar o vicio que contamina as fontes do proprio trabalho? A sociedade de amanhan ha de compellil-o a pagar a sua divida, lançando justo imposto sobre o rico ocioso.

Que a nossa actividade não nos exceda a medida; mantenha-se nos limites de nossas forças. Ultrapassando-a, diminuimos a nossa capacidade de producção, o que é uma perda individual e social, ou com a quebra de nossa saúde, depreciamos a nossa machina.

E trabalhemos com methodo, que economisa o tempo e dobra o resultado. Nada melhor do que a regra, do que a execução de um programma. Os fructos do trabalho imposto, obrigatorio não escasseiam, quando obedecem a uma regra de actividade, a uma disciplina. Assim se régem as fabricas, as empresas industriaes, as grandes casas commerciaes, os bons collegios. Cada individuo tem a sua tarefa a cumprir e a executar. O trabalho livre, como o do estudante, o do homem de letras, estão arriscados á improductividade, quando não obedecem ao methodo, á regra, e sim ao capricho ou á fantasia.

Trabalhemos sem pressa, que a pressa é inimiga da perfeição. Por muito conhecido o adagio deixa de nos influenciar a conducta, e é pena.

Ponhamos toda a nossa pessoa, todas as nossas energias no trabalho do momento, por pequeno que seja. Só assim é que se disciplina a actividade. E' de pequenas cousas que se fazem as grandes. Não applica a vontade sobre grandes empresas quem não aprendeu a exercel-as nas cousas minusculas. Trabalhar com vagar; trabalhar com attenção; trabalhar com methodo e não exceder a sua propria medida. São regras de actividade e mui preciosas, qualquer que seja a nossa condição ou officio.

A CASTIDADE PYTHAGORICA

Sê casto. O philosopho helleno recommendava a castidade aos pythagoricos. Nada mais claro, nem mais difficil para o homem commum. Nada mais necessario para elles que deviam servir de fermento á regeneração da Grecia. Essa, a virtude

por excellencia, a pedra de toque de um alto desenvolvimento espiritual, a prova maxima da acção da vontade, do governo de si mesmo. Bridar o instincto genesico, disciplinar os impetos de Eros, canalizal-o em justos limites, é uma victoria pouco vulgar, muito rara. Mas convem que nos entendamos sobre o que Pythagoras chamava a castidade. Longe do seu sentido ascetico, longe de pregar a privação anormal da funcção genesica, Pythagoras casou-se e teve filhos. Cremos que sua concepção da castidade está claramente definida pelas palavras de sua propria mulher a quem haviam formulado o seguinte caso de consciencia: Se uma mulher attende a vós de Eros, que expiações deve soffrer e quanto tempo deve decorrer para que ella esteja tão pura que possa approximar-se das cousas santas? — Se foi com seu marido, immediatamente, respondeu; se com um outro, nunca!

AMOR E LITERATURA

A literatura exalta o sentimento amoroso. O romance, o theatro, e presentemente o cinematographo conferem direitos novos á paixão. Nada lhe deve resistir: convenções sociaes, familia, parentesco, amizade, tudo deve ceder ao poder tyrannico do instincto preposto á salvaguarda da especie. O amor desculpa tudo, absolve todas as faltas, apaga todos os crimes. A paixão tem direitos sagrados. Para satisfazer as fantasias de Manon, Des Grieux póde commetter todas as baixezas.

Que uma grande corrente literaria de nossos dias considere *Des Grieux* um heroe, um ideal, um modelo, porque o amor tudo transfigura. Assim o idealiza para que o veneno subtil, a falsidade, a mentira literaria se vá instillando em milhares de creaturas, instaveis, incapazes de discernir para julgar, e que acceitam sem critica nem elaboração pessoal as suggestões do livro que lêem.

Se o amor tudo absolve por causa de sua violencia, porque razão a avareza, a vingança, a colera, não mereceriam a mesma indulgencia, ellas que são paixões egualmente impetuosas, tumultuarias, irrefreaveis?

Mas, senhores, levanto simplesmente o véo e descortino um largo horizonte de problemas mal resolvidos pela nossa

geração e pela cultura contemporanea. Parece-nos que, neste dominio, a humanidade caminha de erro em erro e se do erro deslisa é para cair no crime. Tendencias muito accentuadas se avivam em nós para apontar como o grande criminoso deste enxame de erros e de crimes a orientação literaria de nossos dias. Ella é que vem quebrando os velhos moldes da tradição, e em vez de rectifical-a em suas falhas, quer arrazar as velhas pedras do edificio do passado. Ha certamente alguma cousa de bom neste sopro de revolução, mas o que é bom é preciso descobril-o, emquanto que o mal está patente, e manifesta-se por seus fructos. E' a familia que se dissolve, o divorcio que se alastra, a filiação illegitima que augmenta, a paternidade que se furta aos seus deveres para com os fructos illegitimos de seus instinctos mal bridados; é a auctoridade paterna que foge, á medida que a licença se approxima nos disfarces de uma liberdade precoce; é a criminalidade que cresce por toda a parte. E' então verdade que o homem interior diminue e se degrada no mesmo seculo em que a sciencia se proclama no seu apogêu? E porque então lhe queimar tanto incenso em seus altares se ella, sciencia, não póde apagar a lava do gorilla, se não póde matar o germem animal e desencantar a semente do divino?

A COLERA

Sê sobrio, activo e casto e jámais te enraiveças — Quem já não sentiu em si mesmo os effeitos destruidores da colera? E quem já nunca projectou sobre outrem os raios dessa curta loucura? A colera nos aliena. A razão fóge quando ella explóde. Ella nos faz insensiveis; o homem irado fere-se e não sente, quebra-se, quebrando o que encontra. Faz-nos surdos; não ouvimos a vóz do amigo, não acudimos ao chamamento materno. Céga-nos: atira-nos ao precipicio, que não vemos aos nossos pés.

E passada a explosão deparamos com a nossa pessoa alquebrada, diminuida em nossa vitalidade physica, em nosso vigor moral. E o silencio e a solidão se fazem em torno de nós. E' o filho que se resente, é a esposa que se agasta, é o amigo que se separa, é o servidor que se despede, se é que pelo crime,

não nos abriu ella as portas da prisão e não nos fechou o horizonte da vida, entregando-nos á nossa propria ruina.

A colera não é um predicado dos fortes, mas das creanças e dos fracos, dos doentes e dos velhos, das vontades pouco affeitas ao dominio de si mesmas. E' a fraqueza, e não a força que se revolta; ella que se irrita, que dispara contra perigos imaginarios, que vê aggravos, offensas, onde a razão calma lobriga apenas a regra ou a lei.

A saliva do homem irado póde impregnar-se de ptomainas e tornar-se lethal como os venenos animaes. Assim é que a segregação do leite se resente dos paroxysmos da colera, chegando mssmo a matar a creança de peito.

Valentiniano morreu num accesso de colera. O facto deu-se da seguinte maneira: Quando os moravios foram batidos pelos romanos, o guerreiro Mérobaud foi mandado em deputação junto áquelle imperador. O enviado se portou com insolencia, e o imperador exasperado, entrou em erupção e o sangue suffocou-lhe a garganta em hemorrhagia mortal.

A colera provoca convulsões infantis, desperta a epilepsia latente, desorganiza a saúde, abrevia a vida.

Não ha acção praticada em erupção colerica que se possa conter em seus limites naturaes. E' a peior maneira de castigar, de corrigir, de educar. O que se chama justa colera excede sempre a justiça. O sentimento da medida e do equilibrio não se aparta do uso ponderado da razão.

Como luctar contra um temperamento arrebatado senão por um esforço continuo sobre si mesmo? Ao lado do esforço perseverante contam-se expedientes, palliativos, que foram justificados por seus fructos.

São recursos, pontos de apoio para a vontade que se educa. Porque a vontade educada diria o que disse Socrates ao seu escravo: "Quanta pancada te daria se não estivesse cheio de colera"; esperou que o tempo o restituisse á sua serenidade de animo.

Platão nos offerece um exemplo analogo do dominio sobre a colera. "Irritado contra seu escravo e não podendo differir o castigo, ordenou que o despissem e que lhe apresentassem o lombo ás varas; queria batel-o com suas proprias mãos. Mas percebendo que estava encolerizado, conservou o braço levantado e suspenso na attitude de um homem que vae bater.

Um amigo que surge de repente perguntou-lhe que fazia. Eu castigo um homem iracundo, disse Platão; e o philosopho permanecia como que estupefacto, conservando aquella posição ameaçadora, ignobil para um sabio, porque seu pensamento já estava longe do escravo; elle tinha encontrado um outro mais digno de punição. Abdicou de seus direitos de senhor, e disse a Speusippo: "Corrige este miseravel, porque eu estou cheio de colera. Absteve-se de bater pelo mesmo motivo que teria impellido um outro a fazel-o."

O exemplo de Socrates e de Platão indica-nos a extensão e o alcance da disciplina da vontade. Foge a colera de quem soube repellil-a; volta a tranquillidade ao animo sereno dos que a procuram. O esforço dá sempre fructos, e não ha fructos que valham a educação de si mesmo. Não ha na natureza humana terreno tão safaro donde se não possa extrahir algum precioso minereo. E' a disciplina que tempera o aço dos caracteres.

Fragil é o vapor d'agua no estado de força livre e assim tão fragil não nos presta serviço mecanico algum. Submettido á pressão, orientado de certa maneira, o seu poder como a sua utilidade se patenteiam. Servo humilde, já então, elle arrasta a locomotiva ou o transatlantico em proveito nosso. Assim tambem acontece com a agua da cascata. Como força livre é belleza e não utilidade. Força disciplinada, reunida na turbina, ella trabalha para nós, e dá luz para a cidade e força para a industria.

Acontece comnosco a mesma cousa. De nada valemos no estado de força livre, de poder anarchico. E' a disciplina que canalisa o nosso poder, a regra que multiplica a renda de nossa machina, a educação de nós mesmos que rejeita as nossas escorias e lima as nossas arestas.

ALBERTO SEABRA.

RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

Ruy Barbosa vai ter, emfim, a sua obra dignamente acondicionada numa serie de volumes impressos. A sua vasta producção juridica e politica, os seus estudos sociaes, economicos, financeiros, administrativos, os seus trabalhos puramente literarios, as suas locubrações linguisticas, as suas polemicas, os seus discursos, os seus artigos, as suas cartas, tudo isso teria dado materia, de quarenta annos a esta parte, para a emissão de um volume por anno. No Brasil, porém, não se lê, e mesmo quando o autor é um Ruy Barbosa, os editores sabem que é uma temeridade, commercialmente idiota, lançar a lume um livro que exija muitas folhas e uma composição regularmente esmerada. Não lêr é a regra: essa regra soffre algumas excepções — quando se trata, por exemplo, de um libello escandaloso, de um romance apimentado, de uma collecção de versos fescenninos, de um estudinho grammatical e outras inconveniencias por esse gosto. Por isso até hoje Ruy Barbosa esperava o seu editor, e o editor não veiu, e o grande Ruy esperaria até a eternidade, se um grupo de admiradores não tivesse resolvido constituir-se em sociedade anonyma, especialmente para converter os seus manuscriptos em letra de fôrma. Eis ahi um movimento que honra muito os admiradores de Ruy, mas não honra nada o paiz. E' o pregão mais alto, dos que nos ultimos tempos têm denunciado a incultura nacional.

E Ruy é Ruy, é o homem que "o paiz inteiro admira"! Este paiz, quando admira um homem, na communhão de vinte e cinco milhões de almas dentro do mesmo enthusiasmo, e quando esse homem tem rumas enormes de escriptos sedimentadas por todos os cantos da casa através de quarenta annos de actividade cerebral, — começa por *não* reclamar os seus livros e acaba por não compral-os, quando apparecem. Imagine-se agora o que succede com os que não são assim universalmente admirados, com os que não têm senão admirações locaes, na sua provincia, na sua cidade, no seu bairro, ou não têm admirações nenhumas. E' materialmente impossivel, em noventa por cento dos casos, que as vocações se revelem ao paiz, se affirmem, progridam, cresçam e dêem todo o fructo de que seriam capazes. Quer dizer: a intelligencia nacional e com ella a nacionalidade inteira soffrem as consequencias incalculaveis de um *boycottage* tremendo, imposto pela segunda á primeira. Entrementes, vamo-nos embalando na innocente illusão de sermos o paiz "mais intellectual da America latina", ou de todas as Americas, — ao passo que o movimento livreiro na Argentina cresce de anno para anno em proporções extraordinarias, abrangendo todos os ramos da actividade mental humana, desde a philosophia pura até as sciencias exactas, desde o romance até o livro de viagens, desde a critica so-

cial até a polemica politica, desde a grande historia até as pequeninas contribuições anecdoticas. — *Yorik.*

AS ARMAS DE S. PAULO

S. Paulo não possue brazão de armas. As pesquizas feitas nos archivos da cidade, do Estado, do Rio de Janeiro, na Bibliotheca Nacional, os appellos á tradição oral ou á memoria dos velhos paulistas, as investigações procedidas na Torre do Tombo, em Lisboa, a leitura cuidadosa dos chronistas, tudo foi infructifero.

Não ha o menor vestigio dessas insignias que cidades de menor importancia ostentam nos seus paços municipaes e nos timbres dos seus papeis publicos.

Que cidade do Brasil, entanto, póde disputar a S. Paulo mais honrosa historia e mais notavel papel na formação da Patria Brasileira? Não é preciso que repitamos, com o Visconde de S. Leopoldo, que a historia de S. Paulo é a historia do Brasil. Limitemo-nos á vida propriamente citadina e ainda S. Paulo de Piratininga offerece um immenso cabedal de factos que dentro dos seus muros se operaram, enriquecendo-lhe as tradições e formando a nobreza da sua gente destemida, do mesmo passo que enchiam de fulgurantes paginas a historia nacional.

O certo é que não tem a cidade o seu escudo. Seriam os paulistas tão preoccupados das suas "entradas" pelo sertão e dos seus commettimentos industriaes, que esquecessem os ouropeis e o fausto, incompativeis com a sua vida de instabilidade e constante deslocação em rudes acampamentos?

O facto de não ter sido a cidade jamais séde do governo central, teria contribuido para que aqui se não desenvolvessem as pompas das capitaes, que criam as exigencias dessas exterioridades ostentosas?

Seja como fôr, a cidade cresceu, a sua acção dilatou-se pelo Brasil inteiro, desde a humilde choupana de Anchieta até á metropole de hoje, sem o brazão de armas.

Seria preciso creal-o?

O prefeito de S. Paulo, dr. Washington Luis, entendeu que sim. E' claro, que se isto constituisse a preoccupação unica da prefeitura, neste momento de crise geral, não seria para louvar. Mas, se essa iniciativa surge ao lado de outras que mais directamente interessam á vida da cidade, como succede, não ha senão applaudir.

O concurso aberto para a escolha do brazão despertou no meio artistico de S. Paulo, isto é, no limitado numero de artistas e de amadores de arte da cidade, uma curiosidade muito benefica, como estimulante da producção. Não quer isto dizer que toda a producção que elle provocou fosse boa; mas, toda ella revela um esforço interessante e dentre os trinta e dois trabalhos expostos, alguns havia bem concebidos, bem compostos, bem executados e intelligentemente justificados. Isso só já constitue um excellente serviço.

O prefeito nomeara uma commissão para julgal-os e essa commissão, composta dos srs. dr. Carlos de Campos, senador estadual, monsenhor dr. Benedicto de Souza, governador do arcebispado, dr. Eduardo de Aguiar d'Andrada, engenheiro e proprietario, Mario Barbosa, pintor, e Nestor Pestana, jornalista, deu o seu parecer não considerando nenhum dos projectos inteiramente satisfactorio.

O parecer é sensato e está habilmente fundamentado, pois soube destacar entre os melhores projectos o que elles têm de realmente aproveitavel.

Será assim aberto novo concurso, do qual surgirá naturalmente o brazão definitivo da cidade.

E' a primeira vez que no Brasil se faz um concurso desta natureza, e o resultado da primeira tentativa não é de todo desfavoravel aos creditos da nossa cultura, pois num assumpto tão especial, como é a heraldica, appareceram sabedores dignos de acatamento e artistas capazes de comprehendel-os. — *J.*

WILLIAM RAMSAY

Um apreciador de romances de imaginação não poderia deixar de sorrir ao lêr, ha alguns annos atraz, a "Maravilhosa Descoberta de Raffles Haw". Conan Doyle criou nesta obra o typo de um homem, que tem a infelicidade de achar o processo de transmutação dos metaes; e que, graças á sua faculdade de passar do chumbo ao ouro, torna-se tão rico, que faz a desgraça propria e daquelles que o rodeiam.

Raffles Haw existiu devéras, e ha pouco annunciou o telegrapho laconicamente a sua morte. A criação de Conan Doyle teve vida em Sir William Ramsay.

São muitos os trabalhos que notabilisaram o grande chimico inglez, mas seriam bastantes, para justificar o seu renome universal, a determinação dos pesos moleculares dos metaes, e os sêus estudos sobre os gazes pobres, particularmente sobre o helio.

Sem ser cultor da alchimia, a arte chimerica, que visava a descoberta de uma substancia propria a transmutar os metaes, Ramsay obteve a *pedra philosophal*. Sob a acção do radio e dos raios Röntgen, elementos passaram a ter todas as propriedades de outros elementos; e se a celeuma levantada pela queda de um dos dogmas fundamentaes da sciencia moderna, o principio da indestructibilidade da materia, ainda não deixou vêr toda a verdade das asserções de Ramsay, as provas são cabaes na transformação do raio em helio, em neon e em argon. Em resumo, o sentido desta série de experiencias seria o seguinte: elementos, que por si proprios não apresentam a transformação expontanea, seriam levados, pelo contacto com materias radioactivas, a transformar-se da mesma forma que estas materias, isto é, com producção de elementos novos.

Como experimentador, Ramsay era um dos mais brilhantes, que possuiu a sciencia.

Graças á sua destreza incomparavel, foram obtidos, por meio de uma balança sensivel ao millionesimo do milligramma, os pesos de elementos gazosos de vida ephemera productos da emanação do radio.

William Ramsay nasceu em Glascow, em Outubro de 1852. Fez seus estudos na Academia e Universidade desta cidade, e mais tarde partiu para a Allemanha, onde se demorou algum tempo em Tübingen, pequena cidade do Wurtemberg.

Em 1874 foi nomeado assistente de chimica da Universidade de Glascow, em 1880 professor de chimica da Universidade de Bristol, e em 1887 passou a occupar o mesmo logar na Universidade de Londres; em 1913 foi-lhe pela mesma conferido o titulo honroso de *professor emeritus*.

Dentre as suas numerosas publicações scientificas destacam-se as seguintes: — A energia molecular na superficie dos liquidos — Um novo constituinte da atmosphera, o argon — Helio, constituinte de certos mineraes — A transmutação do radio em helio — Varios tratados de chimica — etc.

As suas elevadas qualidades valeram-lhe honras numerosas: póde dizer-se, que todos os grandes centros scientificos do mundo orgulhavam-se de o ter como membro honorario. Pertencia á Real Sociedade de Londres, á Sociedade de Chimica, ao Instituto de França, ás Academias de Roma, Vienna, São Petersburgo, etc. Era cavalleiro da ordem do Banho, da ordem prussiana "Pour le mérite", official da Legião de Honra. Em 1904 foi-lhe outorgado o premio Nobel de chimica.

Talvez a chave do seu caracter esteja nas palavras com que elle proprio termina o elogio funebre de Moissan perante a Sociedade ingleza de chimica:

"Devemos todos collocar o nosso ideal bastante alto para que nunca possamos alcançal-o". — *L.*

METCHNIKOFF

Falleceu em Julho ultimo, em Paris, o sabio professor russo Metchnikoff. A sua celebridade universal data da divulgação da theoria da phagocytose em que elle estudou a

immunidade e a defesa do organismo humano. A divulgação dessa theoria deu-se em 1901 em um livro que abalou o espirito humano e de que se esgotaram successivas edições com a rapidez com que se esgotam as edições de certos romances...

Metchnikoff era, actualmente, o director do Instituto Pasteur de Paris e pertencia a essa meia duzia de individuos que o mundo inteiro respeita e acclama.

MOVIMENTO ARTISTICO

THEATROS

Iniciou-se este mez a estação theatral do anno, no Municipal desta cidade, com a estréa da companhia dramatica franceza dirigida pelo sr. Lucien Guitry. Além do conhecido e festejado actor que a dirige, a companhia franceza não trouxe qualquer outro artista de grande valor. Todavia, os espectaculos agradaram e a concorrencia foi sempre satisfactoria. O repertorio exhibido, quasi todo já familiar do publico, offereceu duas novidades: *Pétard*, de Henri Lavedan e *Miette*, de Dario Niccodemi.

Pétard é uma caricatura do "parvenu", grosseiro, egoista, espalhafatoso, grotesco e ridiculo, que a nossa sociedade procreou, e *Miette*, uma delicada fantasia sentimental, escripta com espirito e disposta com habilidade.

Ambas as peças provocaram muitos applausos, notadamente a segunda, a qual foi, dentre todas, a que mais satisfez ao publico, já fatigado do adulterio, e das trampolinagens, que o moderno theatro francez obstinadamente lhe serve. A satisfação do publico é symptomatica e devia calar no espirito dos empresarios. S. Paulo, por honra sua, não se deleita com esse theatro morbido, onde só se estudam taras moraes e onde só se exhibem typos depravados.

Os maiores triumphos das companhias francezas que nos visitam, ellas não os encontram nunca em peças dessa natureza. O maior triumpho da Companhia Guitry, neste anno, foi a *Miette* e a da Companhia Huguenet, o anno passado, foi a *Georgette Lemmeunier*... A *Miette* já dissemos o que é, e a *Georgette Lemmeunier*, sabem-no todos, é um bello episodio de amor conjugal. Esse amor, ameaçado na sua felicidade serena, defende-se, luta e vence. O que ha de mais curioso e significativo ainda é que, nessas duas peças não existe nenhuma dessas creações francezas em que os actores de nomeada põem o maximo de arte e de talento...

As maiores creações de Guitry pertencem precisamente ao repertorio que deixou o publico mais frio, como, por exemplo, o repertorio de Bernstein.

Pena é que os directores de companhias, quando organisam o repertorio para as grandes estações theatraes, não consultem um pouco as predilecções do publico... E' pena para o publico e para elles proprios.

BELLAS-ARTES

A Escola Nacional de Bellas Artes celebrou a 12 de Agosto de 1916, o centenario da instituição do ensino artistico no Brasil. O decreto que o instituiu traz a assignatura de D. João VI e do conde da Barca, Antonio de Araujo de Azevedo, e representa um dos grandes serviços que

aquelle monarcha sensivel á seducção das artes, prestou ao Brasil, favorecendo a autonomia do nosso pensamento que devia preceder á independencia politica.

O acto de D. João VI teve excellente execução, pois nella foram aproveitados eminentes artistas francezes que se haviam refugiado no Brasil, segundo uns, e que foram expressamente contractados pelo rei, segundo outros: Joaquim Lebreton, Nicolau Antonio Taunay, Augusto Maria Taunnay, João Baptista Debret, Grandjean de Montigny, Carlos Simão Pradier, Sigismundo Neukom (este austriaco) e Marcos e Zeferino Ferrez.

Antes dessa organisação destacaram-se, na pobreza intellectual da vida da colonia, alguns artistas de talento, como frei Ricardo do Pilar, e especialmente o genial "Aleijadinho" (Antonio Francisco Lisboa) famoso esculptor, algumas de cujas obras ainda podem ser apreciadas nas ricas egrejas de Minas, e Mestre Valentim (Valentim da Fonseca), constructor do Passeio Publico do Rio. Mas, só então se cuidou de proporcionar aos moços brasileiros uma educação artistica methodica.

Depois de muitas vicissitudes, esse grupo notavel de artistas dispersou-se, ficando no Brasil os irmãos Taunay que aqui constituiram familia deixando descendencia illustre.

Um dos discipulos principaes dessa pleiade admiravel, foi Manuel de Araujo Porto Alegre, depois barão de Santo Angelo.

Com elle se inicia a serie dos pintores brasileiros formados pela nova escola, que produziu mais tarde Victor Meirelles e Pedro Americo, dois grandes artistas em qualquer paiz do mundo, notadamente o segundo que alliava ás suas excelsas qualidades artisticas uma variada cultura.

Esses, por sua vez, deixaram uma geração notavel que se não os egualou, na grandeza das concepções, offerecem á admiração dos seus compatriotas artistas como Zeferino da Costa e Rodolpho Amoedo, Rodolfo e Henrique Bernardelli.

E' difficil dizer-se se, num seculo de pintura, progrediu o Brasil como lhe cumpria, ou estagnou ou retrogradou. Não se pode separar a evolução artistica, das exigencias do meio local, nacional, e das tendencias universaes da arte. Em outro logar desta revista dirão os competentes sobre a controversia. Aqui queremos registar a commemoração do centenario, levada a effeito graças aos esforços de João Baptista Costa, actual director da Escola, e seus companheiros de Congregação. Constou ella de uma sessão solenne, com a presença das altas autoridades da Republica, no salão daquelle instituto, de um concerto de musica brasileira, dirigido por Alberto Nepomuceno, director do Instituto Nacional de Musica, e da abertura official do "salon", de 1916. Na sessão solenne falaram o professor Araujo Vianna, pela Escola, o sr. Affonso d'E. Taunnay, pelo Instituto Historico, e o professor Morales de los Rios, como paranympho dos architectos que nesse dia receberam o diploma.

Sobre o "salon", muito concorrido este anno, escreverá opportunamente nesta *Revista*, um dos seus distinctos collaboradores.

O só facto da realisação solenne dessa cerimonia commemorativa, vale pela affirmação de que um espirito novo domina a direcção official do ensino das bellas artes, na aspiração patriotica de tornal-o uma das forças do nosso progresso e da nossa grandeza.

E' a melhor maneira de honrar a memoria dos que lançaram as bases dessa construcção magnifica.

MOVIMENTO LITERARIO

Annuncia-se a edição das obras completas de Ramalho Ortigão. As varias edições dos livros de Ramalho vão ser agora uniformisadas, por um mesmo padrão, naturalmente publicadas pela mesma casa, que, segundo parece, será a Livraria Alves, do Rio de Janeiro, editora das "Ultimas Farpas" agora apparecidas. As "Ultimas Farpas" têm um tomo menor do que as primeiras, editadas pela

antiga Casa Corazzi, de Lisboa. Trazem os derradeiros artigos de Ramalho Ortigão, datados em Paris e Portugal, o ultimo dos quaes a 7 de Setembro de 1914. Alguns mezes depois Ramalho morria.

Ruy Barbosa renunciou á presidencia da Academia Brasileira. Volta a ser falada a Academia, por isso e pelas tres vagas que se abriram no cenaculo — a de José Verissimo, a de Affonso Arinos, e a de Arthur Orlando.

Os candidatos mais falados são: o barão Homem de Mello para a vaga de José Verissimo; Oscar Lopes e Amadeu Amaral para a de Affonso Arinos; e, para a de Arthur Orlando, o desembargador Ataulpho de Paiva e o sr. Pinto da Rocha.

Flamma é o titulo do novo livro de versos de Amadeu Amaral, a apparecer nestes proximos mezes. Conterá, entre outros, os lindos versos que os leitores da *Revista do Brasil* já têm aqui apreciado. Além desses, numerosas poesias ineditas. Amadeu Amaral dará, logo a seguir, ou talvez antes, o seu primeiro livro de prosa...

Outro livro a apparecer: as conferencias de Affonso Arinos, na Sociedade de Cultura Artistica, de São Paulo. Vai ser, seguramente, um acontecimento literario a publicação dessas bellas paginas sobre as nossas lendas e tradições. As conferencias do saudoso escriptor brasileiro constituirão o terceiro volume publicado pela Cultura Artistica. O segundo que justamente agora nos chega ás mãos, traz o seguinte summario: Antonio Piccarolo: *O romantismo no* Brasil — Ricardo Severo: *A Arte tradicional no Brasil* — Plinio Barreto: *Gregorio de Mattos* — Adalgiso Pereira: *O Meigo Idioma* — Alberto Seabra: *Tobias Barreto* — Graça Aranha: *A Mocidade heroica de Joaquim Nabuco* — Alcides Maya: *Don Juan* — Alberto de Oliveira: *O Culto da Forma na Poesia Brasileira.*

Em S. Carlos, neste Estado, fundou-se ha pouco a *Sociedade de Estudos e Conferencias.* Não é a primeira no interior. Esperemos que outras sociedades literarias vão surgindo, de forma a vulgarisar a cultura intellectual.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

FACULDADES DE LETRAS E PHILOSOPHIA

As faculdades de letras e philosophia, hoje vulgarisadas nas principaes cidades da Europa, tiveram inicio na Italia.

O papel mais importante confiado ás escolas secundarias, ou preparatorias, é o preparo literario, no sentido mais geral e comprehensivo da palavra, isto é, da formação literaria e philosophica da consciencia humana, comprehendendo não só o estudo da lingua nacional, mas tambem o das linguas classicas, da historia e geographia, e das primeiras linhas de philosophia.

Os professores secundarios precisam portanto de uma preparação especial, e a este fim são exactamente destinadas as faculdades de letras e philosophia, que, como consequencia da importancia e da elevação do fim a que visam, apresentam alguma complexidade.

Além dum profundo estudo da literatura nacional, taes faculdades comprehendem em geral o estudo das linguas, das literaturas e das civilisações classicas. Deverá portanto haver nellas uma cadeira de lingua e lexicographia grega e outra de lingua e lexicographia latina, uma de literatura grega e outra de literatura latina, como tambem cadeiras distinctas de archeologia, orientalismo, mythologia, numismatica, arte e esthetica classica.

Juntamente com os estudos classicos se fazem estudos sobre as literaturas da edade media, que requerem cadeiras sobre a literatura ecclesias-

tica, a literatura epica da lingua *d'oil*, a literatura provençal e as literaturas ibericas.

Importancia egual têm as cadeiras de glottologia, philologia classica e moderna e literatura comparada; auxiliadas por cadeiras livres de linguas e literaturas antigas e modernas, como sejam sanscrita, persa, egypcia, arabe, franceza, ingleza, allemã, russa, etc.

Cuidadosamente feitos devem ser tambem os estudos geographicos e historicos, tendo cadeiras especiaes e distinctas de geographia, historia antiga, medieval e moderna, paleographia, heraldica, agiographia e outras.

A importancia do estudo da philosophia póde ser apprehendida pela simples enumeração das cadeiras que o constituem: philosophia theoretica, logica, metaphysica, physiologia e psychologia, philosophia moral e historia da philosophia. Mais de vinte cadeiras obrigatorias para obter o titulo de doutor em letras e philosophia e o direito ao professorado nas escolas secundarias!

São dignos de applauso os esforços feitos pelo Estado de S. Paulo, o mais adeantado da federação brasileira em beneficio da instrucção. A lacuna mais sensivel na organisação escolar deste Estado está exactamente na falta de uma faculdade de letras e philosophia, donde sahissem os professores das escolas normaes e gymnasiaes.

Não quer isto dizer que faltem bons professores secundarios em São Paulo. Ha professores optimos, mas todos autodidactas e se este facto constitue para elles motivo de maior admiração, porque denuncia uma faculdade intellectual e um esforço de vontade superior ao commum, não póde constituir uma regra com a qual o Estado possa contar, pois a intelligencia e a vontade superiores ao commum são uma excepção. O autodidactismo não póde constituir a base do futuro edificio escolar.

E' necessario, pois, — e estas idéas já foram sustentadas pelo illustre pedagogista dr. Ugo Pizzoli, e já encontraram éco na Mensagem apresentada ao Congresso no dia 14 do mez passado, pelo presidente do Estado, — que entremos, neste ponto, no terreno da realidade, e que a S. Paulo caiba a gloria de ter creado a primeira faculdade de letras e philosophia no Brasil — (Antonio Piccarolo — Conferencia publicada no *Estado de S. Paulo*).

A INSTRUCÇÃO MILITAR OBRIGATORIA

Não é sem uma grande e reconfortante alegria que, dos circulos militares, se observa a lenta evolução da intelligencia nacional para uma comprehensão mais elevada, mais clara e mais nobre da missão social do Exercito, e da parte de responsabilidade que a cada cidadão cabe na obra da defesa collectiva do vasto patrimonio que nos legaram os nossos maiores, e que nós temos o dever de transmittir, mais opulento e mais glorioso, ás gerações vindouras. E, quando "a idéa em marcha", de que o tributo militar é um nobre dever, tiver desabrochado completamente na consciencia popular, nesse dia, então, todos se sentirão irmanados com o Exercito na sua gloriosa tarefa, que se tornará assim tanto mais facil quanto mais bem comprehendida: — a de assegurar a paz por uma solida preparação militar. Nessa propaganda é porém, preciso introduzir alguns "coefficientes praticos". A these que nos propomos demonstrar é que, nas condições em que se nos apresenta o problema, o *serviço no Exercito*, voluntario ou compulsorio, por mais rigoroso e perfeito que venha a ser o sorteio, e por mais numeroso e escolhido que seja o voluntariado, *por si só não resolve o problema da nossa reorganisação militar*. E' fóra de duvida que o *sorteio* é inconstitucional, e que só pode ser applicado na falta absoluta do voluntariado. Para contornar essa disposição, entretanto, e dar ao sorteio o caracter de constitucionalidade de que elle carece, basta, segundo alguns, que o Ministerio da Guerra introduza no "regulamento de admissão de voluntarios" um certo numero de exigencias difficeis de satis-

fazer, para que o voluntariado escasseie e o sorteio se torne, *ipso facto*, constitucional. Não são esses, entretanto, os aspectos do sorteio que desejamos discutir; queremos apenas assignalar, embora de passagem, as immensas difficuldades technicas que a sua applicação rigorosa e integral apresentaria entre nós. E' amplamente sabido, e está ao alcance de todos, que não pode haver um *sorteio* regular sem uma *conscripção* bem feita; que não pode haver *conscripção* regular sem um recenseamento bem feito e sem a pratica rigorosa do *registro civil*. Ora, todos sabem o que é o *registro civil* no Brasil, onde as estatisticas mais benevolas assignalam que 30 a 40 °|° da população se subtrahem a essa exigencia legal. E quanto ao recenseamento, todos nós tambem sabemos o que é. Imagine-se agora o que não será uma conscripção feita nessas condições. Levando-se ainda em conta o gráo de atrazo dos nossos processos administrativos, e as difficuldades reaes com que o serviço terá de enfrentar, a conscripção será tudo, menos regular. Agora, sobre uma conscripção feita nessas condições, applicae a lei do sorteio. Para não irmos muito longe, nem parecer que estamos exaggerando propositalmente as difficuldades, praticae a operação do sorteio (para destacar os 9.000 conscriptos de que o Exercito precisa annualmente) sobre a massa de 250.000 mancebos que todos os annos attingem a edade militar (habitando a superficie de um paiz de oito milhões e meio de kilometros quadrados), e que, por signal, ninguem sabe como se chamam nem onde moram.

Admittamos, entretanto, que o Ministerio da Guerra, depois de um trabalho cyclopico, conseguiu saber dos nomes e das residencias, não de todos os reservistas do Exercito, que esses são *dois milhões e quinhentos mil*, mas apenas dos 250 mil mancebos que todos os annos attingem a edade militar. Admittamos ainda mais que o exercito brasileiro tem um effectivo de 20 mil homens, que não tem, e que, adoptado o serviço de dois annos, o Ministerio da Guerra consegue rigorosamente destacar todos os annos, de 250 mil mancebos, os 10 mil conscriptos de que o Exercito precisa annualmente. Que se terá feito no fim de dez, de vinte ou de trinta annos? — Praticamente, nada. Tendo o Brasil uma população de 25 a 26 milhões de habitantes (ultima estatistica publicada pelo *Jornal do Commercio*) todos os annos attingem a edade militar de 250 a 260 mil mancebos. Excluindo-se dahi 50 a 60 mil, isentos por diversos motivos (25 °|°), (a Argentina exclue mais ou menos a quarta parte do contingente), ficam-nos, todos os annos, duzentos mil mancebos aptos para o serviço militar, e que devem receber a necessaria instrucção. Admittindo que o Exercito attinge a 20 mil homens, e que se adopta o serviço de dois annos, desses duzentos mil mancebos o Exercito incorporará e instruirá, todos os annos, dez mil; 190 *mil ficam sem instrucção*.

Incorporando assim o Exercito dez mil homens por anno, no fim de dez annos, teremos *cem mil reservistas* instruidos.

E' verdade; mas desses cem mil reservistas, uma parte morreu, outra parte inutilizou-se pelas molestias, e outra parte constituiu familia e passou, por conseguinte, para classes mais privilegiadas da reserva, dessas de que não se pode (ou não se deve) lançar mão immediatamente em caso de guerra.

A razão principal disso é que o exercito tem um effectivo muito diminuto em relação á classe a incorporar. Mas a Argentina? dirão. A Argentina está lutando com difficuldades identicas. Ha vinte annos que ella trabalha com afinco e ardor na applicação do sorteio, e chegou a resultados que, embora bons, em relação a nós, não são ainda satisfactorios, e tanto assim que novas medidas estão sendo constantemente reclamadas.

O que precisamos fazer desde já e com toda a urgencia, é a instrucção militar de todos os nossos reservistas solteiros, de vinte a trinta annos de edade. E como o serviço militar, voluntario ou compulsorio, não pode resolver a questão, appellemos quanto antes para a *instrucção mili-*

tar, voluntaria ou compulsoria, applicada á massa geral dos reservistas, que não pode nem poderá ser incorporada ao exercito. *O problema*, a resolver, *da instrucção militar*, consiste na reorganisação *urgente, methodica e systematica das linhas de tiro*. O tiro tem feito um progresso enorme na Argentina, onde, além das linhas ou sociedades de tiro organisadas, a instrucção é ministrada em 88 collegios, universidades e academias. Em 1911 o numero de atiradores que frequentavam as linhas de tiro era de 231.743. Em 1915 já attingiam a 313.474. Dentro de poucos annos a Argentina disporá de 600 a 800 mil reservistas mobilisaveis, perfeitamente instruidos no tiro de guerra. Nós poderiamos empregar como instructores os sargentos. Organizada a Direcção Geral do Tiro de Guerra, creado o corpo de instructores de Tiro, formadas as linhas e regulamentado o serviço pelo Ministerio da Guerra, a instrucção urgente, methodica e systematica poderia começar. Tudo dependerá de uma boa regulamentação e sobretudo de uma boa execução do regulamento. E, depois, "dar tempo ao tempo". Lá diz o povo que Roma não se fez num dia... Mas trabalhando com afinco e continuidade e um verdadeiro patriotismo, dentro de cinco annos já teremos motivos, talvez, para estar contentes com os resultados. — (Tenente Mario Clementino — *O Imparcial*).

O GADO VACCUM NO BRASIL

O historico do nosso gado vaccum pode-se resumir em mui poucas palavras: a sua introducção nas terras de Santa Cruz — uma dadiva preciosissima de d. Anna Pimentel, consorte de Martim Affonso, donatario da capitania de S. Vicente; a sua distribuição geographica — uma das obras meritorias do expansionismo paulista; e, finalmente, a formação das suas variedades nacionaes — uma das maravilhas da natureza do Brasil Central. Poder-se-ia mostrar como a expansão das raças pecuarias que primeiro se espalharam pelo nosso paiz a dentro está intimamente ligada á historia do descobrimento e povoamento do seu vasto territorio pelos bandeirantes paulistas — primeiro pelos vicentinos, depois pelos piratininganos. Assim se justifica com o passado do nosso paiz o dizer de Cornevin de que o boi, como auxiliar do homem, o acompanhou sempre no seu progresso por toda a parte. Quem ignora que foram os bandeirantes que deslocaram o eixo da primitiva população colonial até então adscripticia ao litoral, determinando a sua expansão por todo o interior? Que a vida da nossa nacionalidade se expandira por intermedio da Bahia e seu reconcavo, através e pelo valle do rio S. Francisco, é coisa que se deve ter em conta de novella mal contada.

Nem mesmo sob o ponto de vista da industria pastoril os decantados "curraes" das margens do S. Francisco precederam, como base fundamental, os campos ornamentosos de S. Paulo, de onde unicamente se fez por todo o paiz, margens do S. Francisco inclusive, a distribuição geographica.

Onde quer que chegassem, nas suas "entradas", depois de desbravarem o terreno, assentavam tendas, erigiam moradias, cultivavam a terra, deitavam criações. As bandeiras, quando avançavam, iam deixando atrás suas roças, suas plantações. Não tem outra origem as mais antigas e ainda hoje mais importantes fazendas de criação e lavoura por todo esse interior do Brasil. Os primeiros bovinos introduzidos em Goyaz procediam de São Paulo; tiveram a mesma procedencia os que povoaram os campos de Mato Grasso; os que primeiramente habitaram as campanhas sul-rio-grandenses até a Colonia do Sacramento foram tambem levados pelos vicentinos, assim chamados os filhos da Capitania de S. Vicente. Foi na Colonia do Sacramento, então pertencente ao nosso paiz, que se fabricou, da carne de gado brasileiro, o primeiro "xarque" que se comeu nestas partes da America. Da carne secca, preparada por outro processo, é que os bandeirantes faziam a sua providencial alimentação — a "pas-

sóca", sem a qual talvez não tivessem afastado a linha de Tordesillas até ás proximidades dos Andes.

Domingos Affonso Mafrense, cognominado "Sertão", alcança com a sua bandeira as latitudes de Pastos Bons no Piauhy, e nelles lança os fundamentos das actuaes fazendas nacionaes; Domingos Jorge, outro bandeirante paulista, descobre os altos sertões da Parahyba e ahi se deixa ficar com fazendas de criação bovina. Todos os Estados do Sul, assim como os do Norte nas suas zonas superiores, chamadas do agreste, foram povoados de rezes descendentes das que fizera passar de Portugal para a Capitania de Martim Affonso, a sua consorte d. Anna Pimentel — que bem merecia em Santos, de preferencia á de Braz Cubas, a sua estatua. Foi ella quem, alli bem perto do monumento do Ipiranga, commemorativo da nossa independencia politica, abriu as portas do Brasil ao maior factor da sua independencia economica.

Historicamente S. Paulo foi o berço e o primeiro pastor dos rebanhos do Brasil. — (Henrique Silva — *Jornal do Commercio*).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

A RIQUEZA DOS NORTE-AMERICANOS

Em 1850 calculava-se a riqueza dos Estados Unidos em sete bilhões de dollars. Hoje, esse total attinge a 187 bilhões. Nenhuma nação do mundo póde apresentar uma cifra tão grande. Temem alguns que o rapidissimo augmento da riqueza possa exercer uma influencia nefasta sobre o caracter da nação norte-americana.

Os povos pobres, observam elles, são honestos, laboriosos, parcimoniosos. Os povos ricos abandonam-se á molleza e aos prazeres. E recordam o exemplo de Roma. Roma decaiu quando se tornou rica. A mesma sorte caberá aos Estados Unidos.

A opulencia dá origem ao luxo e o luxo enfraquece as energias da raça. Os norte-americanos entregar-se-ão á caça febril e desenfreada do ouro. Os ricos despojarão os pobres e corromperão os poderes publicos. Todas as manifestações da vida nacional serão envenenadas pelo ouro.

Mas é preciso notar que ha muita differença entre a riqueza antiga e a moderna. Roma decahiu, não porque se enriquecesse (mesmo no periodo da maior opulencia ella foi relativamente pobre, comparada com a Inglaterra, com a França, com a Allemanha ou com os Estados Unidos de hoje), mas porque a sua riqueza era mal adquirida, mal empregada e mal distribuida. A opulencia romana não derivava dos trabalhos dos romanos livres, mas da espoliação dos povos sujeitos a Roma, e esse facto já bastava a seccar as fontes de producção. O dinheiro que affluia a Roma de todas as partes do imperio, não era empregado em emprezas productivas, mas esbanjado em construcções de palacios e "villas", em despesas militares e na manutenção de proletarios famelicos e ociosos.

O resultado mais evidente do rapido augmento da riqueza nos Estados Unidos é representado pelo crescimento do luxo. Quem ganha muito, e sem muito trabalho, despende muito tambem. Até a metade do seculo passado os Estados Unidos foram uma nação parcimoniosa. Faziam-se ainda sentir os principios puritanos, e predominava mesmo uma concepção ascetica da vida. Desde 1840, porém, o paiz foi presa de uma febre de especulações. Iniciaram-se grandes construcções ferroviarias e começou-se a especular com o valor dos terrenos. Muita gente, em poucos annos, accumulou fortunas enormes.

E o luxo não teve limites, desde então. Do ponto de vista economico, os esbanjamentos dos millionarios norte-americanos não têm senão uma importancia relativa, pois, em confronto com a despesa total de cem milhões de habitantes, representam uma particula. A maior importancia da prodigalidade norte-americana é social, porque por ella se aferem os costumes e se conhece a nova concepção da vida. Hoje, muito pouca gente toma a serio, nos Estados Unidos, os preceitos puritanos. Pensa

muita gente que o augmento da riqueza fará augmentar tambem o proverbial materialismo norte-americano. Entretanto, é de notar que esse materialismo se vem temperando de um certo altruismo. Nos Estados Unidos, onde o sentimento de classe é fraco, e onde não existe uma casta nobre, nem intellectual bem definida, cujos juizos exerçam influencia decisiva sobre a opinião publica; — mesmo os mais ricos sentem a necessidade do louvor dos seus concidadãos. Eis porque tantos multimillionarios norte-americanos têm feito generosas doações a hospitaes, bibliothecas, laboratorios scientificos, museus e outras instituições sociaes. — (Walter E. Weil — *Harpers's Monthly Magazine*).

VARIEDADES

A AGRICULTURA MECANICA

O problema da agricultura mecanica, que se tornou importante e urgente, desde que, ha alguns decennios, começou a accentuar-se o exodo para as cidades, e que, nestas, os proletarios se foram organizando em syndicatos, — depois da guerra será de importancia decisiva para a França. Como, então, haverá uma grande carencia de braços — estes terão de ser substituidos pelas machinas.

Na Inglaterra desde 1833 se usam os instrumentos agricolas a vapor. A palavra "motocultura" é nova, mas o que ella significa ha muito tempo existia. Ninguem discute as vantagens da machina sobre o operario: ella não emigra para a cidade, não faz "gréves", não discute, não tem appetites sempre crescentes, trabalha mais rapidamente, e, differindo dos homens e dos animaes ainda nisto — quando não trabalha não consome. Naturalmente, nem tudo são vantagens. Entre os damnos da agricultura mecanica, está a inevitavel diminuição de animaes de tiro, como bois e cavallos. Mas para isso se poderá encontrar um "modus vivendi", e, como a agricultura mecanica não excluirá de todo a tracção animal, pode continuar a creação de bovinos, reduzindo a dos equinios.

Os instrumentos adoptados na cultura dos campos são de tres grupos: Primeiro: Machinas com a parte motora fixa durante o trabalho e arado movel. Segundo: Machinas como o motor intimamente ligado ao arado. Terceiro: Machinas do typo mixto.

As machinas do primeiro typo transmittem a energia mediante um cabo que se desenrola de uma cabrestante fixo. São estas as formas mais antigas de machinas agricolas, pois ha meio seculo se usavam já arados movidos alternativamente por dois locomoveis a vapor collocados nas duas estremidades do campo.

As machinas do segundo typo têm, sobre as do primeiro, a vantagem da mobilidade. As do terceiro typo trabalham alternativamente como as outras duas: o motor avança, depois se fixa ao solo e puxa para si o arado; avança de novo, e assim por deante.

O problema da motocultura precisa ser resolvido com urgencia em França. As machinas podem remediar em parte, os males da guerra. Mas como obtel-as? O governo, preoccupado com o problema, ordenou estudos e missões nos Estados Unidos.

Só ha um dilemma para o governo francez: ou crear uma industria de machinas, fornecendo-lhe materia prima e pessoal, ou importar as machinas dos Estados Unidos. (Charles Nordmann — *Revue des Deux Mondes*).

O PROBLEMA ZOOTECHNICO

E' dos mais importantes o problema zootechnico relativamente á guerra. Importante e muito vasto, convindo limital-o neste artigo, apenas aos equineos e bovinos, que são os animaes consumidos em maior numero. Para ter uma idéa do enorme consumo de equineos na guerra, bastará recordar que na campanha da Africa do Sul a Inglaterra perdeu 450.000 cavallos e muares dos 670.000 que para lá havia expedido. Nos pri-

meiros quinze dias da recente mobilisação, na Inglaterra, o exercito tinha 134.000 cavallos. Logo depois foram comprados 20.000 no Canadá, 30.000 na Australia, e ainda mais na Nova Zelandia e Estados Unidos. Nos primeiros doze mezes de guerra a Inglaterra importou do estrangeiro 158 mil cavallos e 66 mil muares. E desde então não parou de comprar. A França, no primeiro anno de guerra tinha importado do estrangeiro 160.000 cavallos (especialmente do Canadá e da Argentina), e 20.000 muares. Se a França, logo depois das requisições officiaes, soffreu em alguns departamentos e durante apenas nove mezes, uma diminuição de 30 °|° da população cavallar, pode-se imaginar o que não succedeu na Italia, onde a producção é notavelmente menor. As vendas voluntarias e as acquisições forçadas, em França, tiveram um effeito benefico: levaram os criadores a intensificar a criação. Foi assim que, na primavera de 1915 houve uma affluencia enorme de jumentos ás estações estabelecidas pelo governo, com os quaes os criadores se preparavam a preencher as lacunas. E' de esperar que o mesmo venha a succeder na Italia, pela primavera deste anno. E' preciso augmentar a producção: todas as eguas em serviço militar ou occupadas na agricultura, devem ser cobertas. E' um erro dizer que a egua gravida tenha necessidade de ser poupada. Só o que se deve é não sujeital-a a trabalhos muito pesados, espeital-a nos ultimos mezes.

O governo italiano, reconhecendo a importancia do assumpto, trata de augmentar a producção cavallar, e melhoral-a, por meio de medidas prudentes, decretadas especialmente para a Sardenha, que é um dos mais importantes viveiros de cavallos para o exercito.

Quanto aos bovinos, é de notar que de 1908, época em que foi feito o ultimo recenseamento de bovinos na Italia até 1915, foi sensivel o augmento. Em 1908 a Italia contava 6.198.861 cabeças de gado bovino; de 1908 a 1915 pode-se calcular que o augmento foi de mais de dez por cento.

Os agricultores italianos não têm outra coisa a fazer senão continuar resolutamente a trilhar o caminho pelo qual se metteram — o de produzir mais e melhor. A França, que tinha 14.807.380 bovinos em 1913, onze mezes depois da declaração da guerra viu esse numero reduzir-se a 12.286.849 com uma perda de mais de dois milhões e meio. Na Belgica todos sabemos onde foi acabar toda a sua população bovina, de quasi dois milhões de cabeças. Os italianos provavelmente terão de exportar muito gado e supprir as faltas de outros paizes. (Bartolomeo Moreschi — *Nuova Antologia*).

O ENSINO TECHNICO

Nas vesperas da guerra os parlamentos da França, da Inglaterra e da Belgica estudavam a reforma do ensino technico nos respectivos paizes. Se então o problema já era de grande importancia, de muito maior é agora, quando os acontecimentos têm demonstrado que qualquer retardamento da solução acarretará a inferioridade desses paizes, no futuro. E' necessario restituir á industria, ao commercio, ás artes manuaes, pela educação ou reeducação profissional, um grande numero de mutilados. E' necessario apressar a instrucção technica desses adolescentes que perderam o pai na guerra e que são chamados a exercer prematuramente a profissão paterna para salvar a familia. Passada a tempestada, escasseará a mão de obra, justamente quando haverá mais necessidade do homem para reconstruir e restaurar. E será preciso trabalhar depressa e não perder uma hora, se quizermos triumphar da concorrencia, mais ardente do que nunca.

Os acontecimentos destes dois ultimos annos demonstraram a superioridade technica da Allemanha, que apresentou um exercito disciplinado de engenheiros, mecanicos, chimicos physicos, constructores. Para formar esse outro exercito — tão importante como o militar — a Allemanha possuia 11 escolas technicas superiores com 15.000 alumnos e seis es-

colas superiores de ocmmercio, com 2.000 alumnos; ao passo que os institutos francezes correspondentes não tinham mais de 500 alumnos. Essa differença augmenta nas escolas medias: em 1902 a Allemanha tinha 547 escolas industriaes com 42.000 alumnos e 85 escolas commerciaes com 7.000 alumnos, emquanto nas seis escolas de artes e officios os alumnos eram apenas 1.800. E ainda mais nas escolas primarias: a Allemanha conta 2.313 cursos de aperfeiçoamento industrial com 300.000 alumnos, e 522 cursos de aperfeiçoamento commercial com 40.000 alumnos. A França, não contava, nas escolas correspondentes, mais de 40.000 alumnos. Assim, sommando tudo: no anno de 1902, a Allemanha preparava para as artes, a industria, e o commercio nada menos de 400.000 jovens, numero que certamente augmentou muito. A França, 100.000. E' preciso que o governo francez, reconhecendo a importancia do problema, cuide com empenho do ensino technico. A questão agora é muito mais complexa ainda, porque ha os cegos e mutilados — um verdadeiro exercito — que não se pode abandonar ás occupações humilhantes e á esmola. E' preciso restituil-os á familia, á sociedade e á patria por meio da reeducação. (P. Astier — *Revue Scientifique*).

REVISTA DO BRASIL

Nos proximos numeros a *Revista do Brasil* publicará trabalhos de Domicio da Gama, Mario de Alencar, João Ribeiro, Amadeu Amaral, João Luso, Amoroso Lima, Armando Prado, Americo de Moura, Carneiro Leão, Octavio Augusto, Jacomino Define, Godofredo Rangel, Alberto Seabra, Antonio Piccarolo, Mario Sette, Frederico Villar e outros.

* * *

Com o presente numero a *Revista do Brasil* completa o segundo volume, cujo indice será distribuido com o fasciculo de Setembro.

AS CARICATURAS DO MEZ

DIA DE ANNOS

A Guerra recebe as felicitações de suas amigas.

("Careta"—*J. Carlos*)

A NEUTRALIDADE VIGILANTE

—Eis o caminho!...

("O Paiz"—*Julião Machado*)

A MUDANÇA DO SENADO FEDERAL

"Os sem tecto"

("Careta"—*J. Carlos*)

A Centenaria — Uma encommendasinha official, pelo amor de Deus!...

("O Paiz" — *Julião Machado*)

— Carneirinho, carneirão,
Olhae p'ro céo, olhae p'ro chão
Pedi a Deus Nosso Senhor
Que nos dê um logarzinho no Caffete.

("Jornal do Brasil" — *Luiz*)

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA— Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO—Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.° andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. **Condes.**

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel. 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA—Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças**-Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA-Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes—Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — **Santos:** Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—**Rio:** Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — **S. Paulo:** Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: **"Belli".**

ALFAIATES:

ALFAIATARIA—**Donato Plastino** — Emprega só fazendas extrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.°-andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAES E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação—Telephone 792—**Caixa** 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras Officina para concertos. — **Domingos Macigrande.** — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cautelas de casas de penhores e do Monte de Soccorro de S. Paulo — A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros-oleographias
Espelhos e papeis pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B

SÃO PAULO

Casa Andrade *FUNDADA EM 1891*

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266

SÃO PAULO

BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco acceita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emitte cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO – AGENTES DO BANCO DE ROMA – VALES POSTAES BRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50$000 e o limite maximo de Rs. 10:000$000, abonando juros de 4% ao anno capitalisados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem occupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

CASA CONHECIDA

— DE —

Ramiro Tabacow & Cia.

Vendem-se em prestações: MOVEIS e FAZENDAS, TAPEÇARIA, ROUPAS FEITAS e ROUPAS BRANCAS

Rua Immigrantes, 39 - S. PAULO

TELEPHONE, 65

Secção: BOM RETIRO — Filial em TAUBATÉ

Casa fundada em 1895

PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS

Emilio Israel & C.

Casa de Emprestimos sobre Penhores

Travessa do Grande Hotel N. 8

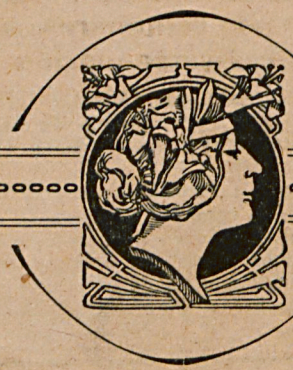
Telephone N. 1195

End. Telegr.: EMISEL

SÃO PAULO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

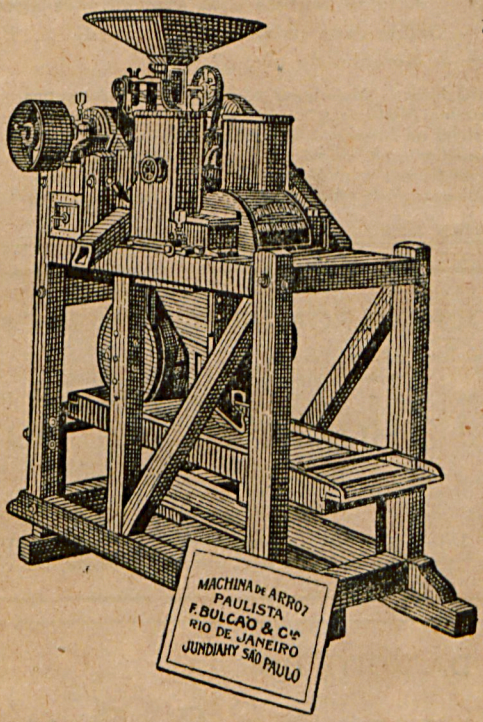
Machinas para beneficiamento de Arroz

Machina

"Paulista"

A excellencia das machinas PAULISTAS está hoje constatada por centenares de freguezes que as tem comprado; são machinas completas combinadas e o seu beneficio é perfeito ::

N. 2
Producção 25-40 saccos de arroz por dia.
Força 6 HP nom.es
Preço Rs. 1:700$000



N. 1
Producção 15-20 saccos de arroz por dia.
Força 4 HP nom.es
Preço Rs. 1:400$000

F. Bulcão & C.

Casa Arens

RUA FLORENCIO DE ABREU, 58 - S. PAULO

SUMMARIO DO 7.° NUMERO

(25 DE JULHO DE 1916)

F. T. de Souza Reis — **A moeda metallica no Brasil** (conclusão)

Souza Bandeira — **Ruinas da aristocracia rural**
da Acad. Braz.

Amadeu Amaral — **Poesia**

João Köpke — **Educação moral e civica** (conclusão)

H. Inglez de Souza — **Iniciação**
da Acad. Braz.

Veiga Miranda — **A probidade literaria**

Plinio Barreto — **Leonor Telles**

Rocha Pombo — **A terra paulista e as suas grandes legendas**

João Ferraz — **Salubridade publica no Estado de S. Paulo**

Collaboradores — **Resenha do mez**

RESENHA DO MEZ — Monologos YORICK — Brazil-Argentina, REDACÇÃO — O Direito Criminal Moderno, M. O. H. — BIBLIOGRAPHIA (Sensações e reflexões) — O combustivel na Economia Universal — Eça de Queiroz — Ruy Barbosa). — Tribunal medico — A questão shakespeareana — Opiniões sobre o DON QUIXOTE — As fructas contra as doenças — O Banho de Sol — A longevidade das mulheres. — As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas.)

MOLHO AROMATICO BRASILEIRO

O melhor estimulante para a digestão
Aroma delicioso e sabor agradabilissimo
PREPARADO POR Indispensavel ás pessoas de bom paladar

J. THOMAZ DE AQUINO

REZENDE Preço por duzia ESTADO DO RIO

18$000 commum
20$000 especial

Depositarios: I. DIEGO & Co. - Aventda Rangel Pestana, 6 - SÃO PAULO
TEIXEIRA BORGES & C. - Rua do Rosario, 110 e 112 - RIO

EDIÇÃO DA NOITE DO

"ESTADO DE S. PAULO"

Assignaturas:
Anno . 15$000
6 mezes 8$000

Jornal moderno, de formato commodo, publicando oito paginas diariamente. Insere telegrammas de ultima hora.

PARA ANNUNCIOS: PEDRO DIDIER - Rua S. Bento, 61 (Sala n. 5)
VALENTIM A. HARRIS & C. - Rua 15 de Novembro, 45

ARTIGOS PUBLICADOS

(DE JANEIRO A MAIO)

O preconceito das reformas constitucionaes, por Pedro Lessa, da Academia Brasileira; *O centenario da Independencia*, por Adolpho Pinto; *O ultimo passo da cirurgia*, pelo dr. L. P. Barretto; *A rima e o rythmo*, por Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira; *O elogio da mediocridade*, por Amadeu Amaral; *Desespero de amor* (novella), por Valdomiro Silveira; *O modernismo*, por José Verissimo, da Academia Brasileira; *F. W. Taylor*, por V. da Silva Freire; *José Verissimo*, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira; *Economia e Finança de S. Paulo*, por Carlos de Carvalho; *A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo*, com oito gravuras, por Paulo R. Pestana; *O Brasil terra de poetas*, por Amadeu Amaral; *O Margarida* (novella), por Veiga Miranda; *Francisco Adolpho de Varnhagen*, por Armando Prado; *Um informante do Imperador Pedro II*, por E. Roquette Pinto; *O "apriori" na theoria criticista*, por Florivaldo Linhares; *Eduardo Prado e seus amigos*, com reproducção de autographos, por Plinio Barreto; *Affonso Arinos*, por Augusto de Lima, da Academia Brasileira; *Recordando...* (a proposito de Affonso Arinos), por Aurelio Pires; *A expansão do meio circulante*, por Mario Pinto Serva; *A Palmeida e o Raio* (poesia), por Amadeu Amaral; *A vingança da Peróba*, por Monteiro Lobato; *Nos dominios de Beethowen*, por Octavio Augusto; *1815-1915*, por V. da Silva Freire; *O stock bovino e a exportação de carne*, pelo conselheiro Antonio Prado; *Operações de cambio*, por Carlos de Carvalho; *Sós na America*, por Helio Lobo; *Lendas e mythos*, por Jacomino Define; *O meu amigo D. Juan*, por Medeiros e Albuquerque, da Academia Brasileira; *Poesias*, por Julio Cesar da Silva; *Littérature Brésilienne*, por A. Carneiro Leão; *A doutrina de Monroe*, por Oliveira Lima, da Academia Brasileira; *Poesias*, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira; *O ensino da leitura pelo methodo analytico*, por João Kopke; *O pensamento actual*, por C. da Veiga Lima; *As estiagens e a febre typhoide em S. Paulo*, por João Ferraz; *Diccionarios portuguezes*, por R. von Ihering.

SUMMARIO DO 6º NUMERO

(25 DE JUNHO DE 1916)

F. T. de Souza Reis, *A moeda metallica no Brasil* (1) — José Antonio Nogueira, *Narcisos e Jeremias* — Alberto Seabra, *Os versos aureos de Pythagoras* — João Ribeiro, da Academia Brasileira, *Vida do Padre Antonio* — João Kopke, *Educação moral e civica* (1) — Carlos Magalhães de Azevedo, da Academia Brasileira, *Sonetos a Helena* — E. Roquette Pinto, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, *Rondonia* — Alvaro da Silveira, *As florestas e as chuvas* — Fred. G. Schmidt, *Assimilação do immigração* — Collaboradores, *Resenha do mez*.

Resenha do mez — Emilio Faguet — Bibliographia — O sentido da Revisão — Uma nova organização das Universidades — Os symbolos da Gran-Bretanha — A philantropia de Affonso XIII — O maior escriptor francez—*As caricaturas do mez* (cinco caricaturas reproduzidas).

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanisado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanisado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"